

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**  
**NÍVEL MESTRADO**

**BERNARDO TERNUS DE ABREU**

*“LA CIRURGIA SIRVE MUCHO MEZCLANDOSE AL MISMO TIEMPO UN POCO DE ALMACIGA”*: UM ESTUDO SOBRE AS CONCEPÇÕES, OS DIAGNÓSTICOS E OS TRATAMENTOS DE TUMORES NA AMÉRICA PLATINA (SÉCULOS XVII E XVIII)

**SÃO LEOPOLDO**

**2021**

BERNARDO TERNUS DE ABREU

*“LA CIRURGIA SIRVE MUCHO MEZCLANDOSE AL MISMO TIEMPO UN POCO DE ALMACIGA”*: UM ESTUDO SOBRE AS CONCEPÇÕES, OS DIAGNÓSTICOS E OS TRATAMENTOS DE TUMORES NA AMÉRICA PLATINA (SÉCULOS XVII E XVIII)

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientadora: Prof<sup>fa</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliane Cristina Deckmann Fleck

SÃO LEOPOLDO

2021

A162c Abreu, Bernardo Ternus de.

“La cirurgia sirve mucho mezclandose al mismo tiempo un poco de almaciga” : um estudo sobre as concepções, os diagnósticos e os tratamentos de tumores na América Platina (séculos XVII e XVIII) / Bernardo Ternus de Abreu. – 2021.

153 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, 2021.

“Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliane Cristina Deckmann Fleck.”

1. Tumores. 2. Práticas curativas. 3. Cartas Anuas. 4. Libro de Cirugía. 5. Provincia Jesuítica – Paraguai – Século XVIII.  
I. Título.

CDU 989.2

## AGRADECIMENTOS

Findada a caminhada de dois anos, é hora de traçar um balanço e de olhar para trás. Creio que um caminho é sempre uma transformação, e que somos marcados pelos encontros e experiências que vivenciamos e pela convivência com aqueles que nos cercam, e à medida em que andamos, também nos modificamos de alguma forma. Gostaria de começar agradecendo aos meus familiares e amigos, que deram muita vida a este caminho.

Aos meus avós, Ilsa e Astor (in memoriam), pelo apoio e pelos ensinamentos e por entenderem este caminho. À minha mãe, Siomara, pela confiança no meu trabalho; ao meu pai, Wagner, por mostrar em parte os trilhos da academia, à Tanira, ao Eduardo, ao Caio, ao Leonardo, ao Henrique, à Yasmin.

Agradeço à minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eliane Cristina Deckmann Fleck, pelo direcionamento, apoio e confiança depositada. Em diversos momentos, foi a experiência de anos como professora e pesquisadora que pôde me dar a melhor rota a seguir, indicando fontes e contatos, sugerindo encaminhamentos para os capítulos e, também, compreendendo algumas das escolhas pessoais que fiz nos últimos meses e as decisões que tomei em relação a este trabalho.

Agradeço, ainda, à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Carolina Viotti e à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Paula Korndörfer, pela leitura atenta que fizeram dos primeiros esboços dos capítulos da dissertação e pelas sugestões de bibliografia e de ordem formal feitas por ocasião do exame de qualificação.

Alguns professores colaboraram para que eu tivesse acesso a fontes e, com isso, para que a parte empírica do trabalho pudesse ser realizada. Um muito obrigado ao Prof. Dr. Everton Dalcin, ao Prof. Dr. Guilherme Galhegos Felipe, à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Corina Gramatke, ao Prof. Dr. Fabian Fechner, à Prof<sup>a</sup> Ms. Luciana Cavalheiro, ao Prof. Dr. Carlos Daniel Paz e ao Prof. Dr. Guillaume Candella. Registro também meu agradecimento aos professores do PPGH da Unisinos, pelos ensinamentos e trocas durante o Mestrado, em especial,

àqueles com os quais cursei disciplinas na Pós, conversei nos corredores e vivenciei oportunidades de aprendizado e crescimento muito substantivos: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marluza Harres, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Paula Korndörfer, Prof. Dr. Luiz Fernando Medeiros Rodrigues, Prof. Dr. Paulo Moreira, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maíra Inês Vendrame e Prof. Dr. Hernan Ramírez.

Em seguida, agradeço a alguns colegas envolvidos com atividades de pesquisa, com os quais convivi durante o período de mestrado e com quem compartilhei esta rotina, de alguma forma, sobretudo, na conjuntura pandêmica. Não poderia deixar de agradecer à Thaís Macena de Oliveira, pelos conselhos e pela redação compartilhada na Unisinos nos momentos em que a pandemia abrandou e isso foi permitido. À escrita compartilhada também com o Leonardo Ternus, na companhia das bergamotas; ao Henrique Melati, por sempre lembrar do rigor de estudo e pesquisa que se deve ter; ao Caio Ternus, pelas perguntas e curiosidade; ao Rogério Carvalho, por estar no mesmo front, e também aos colegas do grupo de pesquisa do qual faço parte: Chrystian Arnold, Manoela Paim, Eduarda Troian e Andrew Zanella Parisotto.

Deixo uma palavra de gratidão também aos amigos que compartilharam comigo este caminho, alguns deles, já desde a Graduação: Jean Borba, Tim Mushumba, Ícaro Estivalet, Fabrício Ferreira, Verônica Pavani, Letícia Kayser, Helder, Daniel Haack, Rafael Fontes, Henrique Melati, Vinícius Masseroni, Gustavo Comanchi, Juliano, Leonardo Cirra, Fabi, Isadora Cunha, Yasmin Seadi, Helena Cardoso, Romain Pleignet, William Figueiredo, Fabrício Cardoso, Eliziane Silvestre, Valdez Willms, Pedro Fagundes, Maximiliano Chasco, Tainá, Kauana, Samuel, Jéferson Alves, Marcus Vinícius, Pedro Pereira, Cláudia Sperb, Letícia Mallmann, Eric Franz, Guilherme Feltes, Carlos, Israel, Patrícia, Thiago Muller, Brenda, Eric e Michael.

Finalmente, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de mestrado, que permitiu a realização da pesquisa durante o período de dois anos. E, muito especialmente, deixo meu reconhecimento à comunidade científica, que segue resistindo, apesar dos cortes de investimentos públicos à pesquisa e ao ensino neste país.

## RESUMO

Neste estudo, buscamos identificar e discutir as concepções, diagnósticos e tratamentos de tumores empregados na região abarcada pela Província Jesuítica do Paraguai na passagem do século XVII para o século XVIII, temática que não foi ainda contemplada nos estudos sobre a medicina praticada na América colonial. Para tanto, recorreremos à documentação jesuítica, com destaque para as Cartas Ânuas e para tratados de medicina e cirurgia escritos por jesuítas, cotejando-os com a produção existente sobre tumores no mesmo período. Serão também utilizadas as listas de aquisições de medicamentos, de livros e de instrumentos pelos Procuradores da ordem jesuíta, a fim de compreender e avaliar a dinâmica de abastecimento das boticas dos colégios e das reduções mantidas pela Companhia de Jesus. As listas de aquisição de itens de botica revelaram o abastecimento periódico dos colégios e reduções, bem como a atuação de procuradores e intendentes/agentes coloniais, além da conformação de redes comerciais. A pesquisa dialoga com referenciais da História da saúde e das doenças, da Medicina e da História das ciências, levando em consideração a circulação e apropriação de saberes e práticas na Modernidade. No que tange às concepções sobre tumores por parte dos jesuítas, verificou-se que eles são percebidos tanto como males da alma, quanto como enfermidades corporais. Os diagnósticos, por sua vez, envolvem a descrição de características da coloração, da ausência ou presença de dor, inchaços ou acúmulos de humores, perceptíveis através do tato, e seus tratamentos são heterogêneos e influenciados tanto por práticas mágico-religiosas, quanto por procedimentos baseados no humoralismo. Tanto as Ânuas, quanto o *Libro de Cirugía*, manuscrito anônimo de cirurgia, que ainda permanece inédito, apontam para a realização de experimentos, para a apropriação de saberes locais e para o largo emprego de obras de autores clássicos e do período, revelando o caráter híbrido da medicina praticada nas reduções da Província Jesuítica do Paraguai.

Palavras-chave: Tumores, Práticas curativas, Cartas Ânuas, Libro de Cirugía, Província Jesuítica do Paraguai, Século XVIII.

## ABSTRACT

In this study, we seek to identify and discuss the conceptions, diagnoses and treatments of tumors used in the region covered by the Jesuit Province of Paraguay in the transition from the 17th to the 18th century, a theme that has not yet been addressed in studies on medicine practiced in colonial America. To this end, we resorted to Jesuit documentation, with emphasis on the Carta Anua and treatises on medicine and surgery written by Jesuits, comparing them with the existing production on tumors in the same period. The lists of acquisitions of medicines, books and instruments by the Jesuit Order Attorneys will also be used in order to understand and evaluate the dynamics of supplying the high schools' apothecaries and the reductions maintained by the Society of Jesus. The lists of purchase of pharmacy items revealed the periodic supply of colleges and reductions, as well as the work of prosecutors and settlers/colonial agents, in addition to the formation of commercial networks. The research dialogues with references of the history of health and diseases, of medicine and of the history of sciences, taking into account the circulation and appropriation of knowledge and practices in modernity. Regarding the conceptions about tumors by the jesuits, it was found that they are perceived both as ills of the soul and as bodily diseases. The diagnoses, in turn, involve the description of characteristics of coloring, the absence or presence of pain, swelling or accumulation of moods, perceptible through touch, and their treatments are heterogeneous and influenced by both magical-religious practices and procedures. based on humoralism. Both Ânuas and Libro de Cirugía, an anonymous manuscript of surgery that still remains unpublished, point to the realization of experiments, the appropriation of local knowledge and the wide use of works by classical and period authors, revealing the hybrid character of the medicine practiced in the reductions of the Jesuit Province of Paraguay.

Keywords: Tumors, Healing practices, Anua Letters, Libro de Cirugía, Jesuit Province of Paraguay.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Insetos retratados na obra Paraguay Natural Ilustrado, 1776, Tomo IV, Livro III, p. 193.....	34
Figura 2 – Menção à planta nativa em obra platina de cirurgia.....	35
Figura 3 – Frontispício da obra Compendio Cirurgico util y provechoso a sus profesores escrito por el doctor D. Diego Antonio de Robledo, de 1735.....	36
Figura 4 – Frontispício da obra Medicina y cirugía racional y espargírica, de Juan de Vidos y Miro, localizada em acervo jesuítico platino (século XVIII).....	39
Figura 5 – Curso chimico, en el cual se enseña el modo de hazer las operaciones más usuales en la medicina, escrito en idioma francés por Nicolás Lemery, traducido en castellano por Don Felix Palacios, Madrid, 1721.....	41
Figura 6 – Frontispício do livro Obras medico-chirurgicas de Madame Fouquet, de 1685.....	42
Figura 7 – Libro de Cirugía Traslado de Doctos. Archivo Histórico de la Provincia de la Asunción de la Santa Virgen del Rio de la Plata, 1725, p.7-8...43	
Figura 8 – Tabela astrológica.....	46
Figura 9 – Mapa Ilustrativo do Rio da Prata.....	55
Figura 10 – Instrumentos cirúrgicos no Libro de Cirugía (1725).....	56
Figura 11 – Representação de cirurgia de extração de câncer de mama.....	59
Figura 12 – Missões da Província Jesuítica do Paraguai.....	74
Figura 13 – Título do capítulo sobre tumores no Libro de Cirugía.....	76
Figura 14 – Folhas de <i>Clauo</i> , usada em receita para tumores, juntamente com a canela.....	77
Figura 15 – Mastectomia (Romeyn de Hooghe).....	79

Figura 16 – Planta Sangue de Drago (Ybira caabeza).....	80
Figura 17 – Árvore da planta Pimenta (Molange).....	81
Figura 18 – Planta Gumielemi.....	84
Figura 19 – A planta Canafistula (Yoye Guasu).....	88
Figura 20 – Árvore de Tamarindo, cujas folhas eram usadas em receita para tumores (herpes).....	89
Figura 21 – Árvore de Canela, cujas folhas eram usadas em receita para tumores (escirros).....	90
Figura 22 – Título do subcapítulo sobre o câncer no Libro de Cirugía.....	93
Figura 23 – Subcapítulo sobre os zaratáns no Libro de Cirugía.....	96
Figura 24 – Árvore de Noz Moscada, usada em receitas para tumores.....	99
Figura 25 – Folhas de Clauo, usada em receita para tumores, juntamente com a canela.....	100
Figura 26 – Representação das localizações de tumores mencionadas no Libro de Cirugía a partir de modelo anatômico de Blas Beaumont.....	102
Figura 27 – Onça indicando o uso medicinal do ceibo (zuinaldi).....	109
Figura 28 – Semelhança de certas palavras das páginas finais do manuscrito com grafia do guarani.....	110
Figura 29 – Ilustração da jalapa na obra de Pedro Montenegro (1710-1711).	124
Figura 30 - Frontispício da obra De Materia Medica de Dioscórides .....	126
Figura 31 - Frontispício da obra Historia Natural, de Plinio.....	127

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Tipos de tumores identificados nas Cartas Anuais.....	75
Tabela 2 – Tipo e Localização de Tumores.....	101

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 “NOS LLAMAN CON FRECUENCIA DE NOCHE LOS ENFERMOS”: AS ARTES DE CURAR NA PROVÍNCIA JESUÍTICA DO PARAGUAI.....	26
3 “PIDIO AL HERMANO CIRUJANO QUE LO ABRIESE Y QUE LA SACASSE [LA ENFERMEDAD]”: EVIDÊNCIAS DE PRÁTICAS CIRÚRGICAS NAS MISSÕES.....	50
4 “CUANDO EL CANCRO FUERE EN LOS PECHOS ABRIENDO EN CRUZ SE DESCAMARÁ”: CONCEPÇÕES, DIAGNÓSTICOS E TRATAMENTOS DE TUMORES NA DOCUMENTAÇÃO JESUÍTICA.....	70
5 PARA “ABLANDAR HINCHAZONES”: APROPRIAÇÃO E CIRCULAÇÃO DE SABERES FARMACOLÓGICOS E MÉDICO-CIRÚRGICOS EM UM MANUSCRITO ANÔNIMO DE CIRURGIA .....	104
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	134
7 ANEXOS.....	137
8 FONTES.....	145
9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	146

## 1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação se propõe a realizar uma investigação sobre as interpretações que padres e irmãos jesuítas fizeram dos tumores,<sup>1</sup> levando em consideração os textos por eles produzidos, tanto as Cartas Ânua<sup>2</sup>, quanto outras correspondências, listas de aquisições pelos Procuradores da Companhia de Jesus, receituários e tratados médico-cirúrgicos.<sup>3</sup> Nestes documentos, mediadas pelo mágico-religioso e pelo experimentalismo, foram registradas experiências múltiplas e singulares dos religiosos que vivenciaram, no dia a dia, a doença e a saúde, os males do corpo e da alma, e que tiveram seus caminhos atravessados, ao menos em parte, pelo tema desta dissertação.<sup>4</sup> Entendemos que ele devem ser tomados como instrumentos de

---

<sup>1</sup> Os tumores, que abordo nesta dissertação, seguem tendo importância nos dias atuais, pois o termo é utilizado no vocabulário médico e, no caso dos cânceres, seguem gerando grande medo e sobre eles existem inúmeras interpretações. No presente trabalho, optamos por usar o termo tumor, sem deixar, no entanto, de reconhecer a diversidade de termos que podem ser a ele associados.

<sup>2</sup> As Cartas Ânua<sup>2</sup> eram informes ou relatórios periódicos que eram enviados dos colégios e reduções para os Colégios Máximos, reunidas pelo Provincial, que as enviava de Córdoba para Roma. Elas tinham um fim de informar e narrar atividades do cotidiano missional para a posteridade, tratando de eventos marcantes, explicando situações, compondo uma espécie de diário condensado das missões em alguns episódios, uma escrita controlada e selecionada, organizada pelo padre provincial a partir dos manuscritos e das impressões dos padres de cada missão. Elas compunham, então, uma “memória” das missões como se procurava construir: a partir das realizações e da ênfase à superação das dificuldades. Os textos finais eram enviados para a sede, em Roma. As cartas estavam circunscritas a um “modo de proceder” da Companhia, relacionado à obediência e à subordinação (EISENBERG, 2000, p.19).

<sup>3</sup> Cabe observar que as Cartas Ânua<sup>2</sup>, trazem, ao mesmo tempo, a perspectiva mágico-religiosa e a médica. Já as demais correspondências, as listas de demandas e aquisições de itens destinados às boticas e os receituários e tratados de medicina oferecem informações de outra natureza, administrativa ou científica. Para podermos identificar os tratamentos empregados em tumores por padres e irmãos que atuavam nas reduções da Província Jesuítica do Paraguai recorreremos ao manuscrito anônimo e ainda inédito intitulado *Libro de Cirugía* (1725).

<sup>4</sup> Por ocasião da elaboração do projeto de dissertação, constatei que não haviam estudos sobre tumores/cânceres que contemplassem o período colonial, o que aumentou o desafio envolvido na execução desta investigação. Sabe-se que, em 1862, o colecionador de antiguidades norte-americano Edwin Smith comprou um papiro envelhecido de um vendedor da cidade de Luxor. Smith ficou conhecido mais tarde pelo papiro que adquiriu, pois os egiptólogos descobriram que se tratava de um texto com ensinamentos do médico egípcio Imhotep, que viveu em 2625 a.C. Das páginas puídas, amareladas e frágeis saíram os primeiros relatos sobre tumores salientes no peito, densos, frios, duros como a fruta hemat verde (MUKHERJEE, 2011, p.54). No espaço reservado para a descrição dos tratamentos, foram inseridos os dizeres “Não existem”. Nos escritos do grego Heródoto, datados de 440 a.C., foi relatada a biografia da rainha Atossa, da Pérsia, acometida por um caroço no seio, nódulo inchado e avermelhado. Abalada, ela se distanciou dos médicos e de todos e guardou o fardo para si. Segundo Heródoto, ela aceitou que Democedes, um cirurgião e escravizado à época, tentasse remover o tumor de seu seio com uma navalha. Ele logrou êxito, mas as

decodificação de uma época, considerando que a realidade e a representação da realidade se tensionam na sua escrita, como bem nos lembra Viotti:

Não se trata, somente, de uma análise da produção da verdade que passa pelo discurso, pois não se limita a ele: pretende-se investigar as condições sociais de possibilidade de um discurso. Em outras palavras, compreender o que os irmãos letrados da época quiseram dizer em seu tempo, para quem e com que propósito (VIOTTI, 2020, p. 472).

Partindo da produção escrita de irmãos e padres da Companhia de Jesus, tanto de cunho apologético e informativo, quanto de cunho científico, nos debruçamos sobre os seguintes questionamentos norteadores da investigação: como os missionários concebiam, diagnosticavam e tratavam os tumores e cânceres? Considerando que eram cristãos a serviço de Deus, como lidavam com a necessidade de tocar o corpo enfermo e realizar procedimentos cirúrgicos? Quais as bases teóricas medicinais e visões de mundo que os orientavam a ação? Como saberes e práticas foram modificados e se apresentaram em um espaço de fronteira e de contato interétnico como o da Província Jesuítica do Paraguai?

Em uma revisão bibliográfica sobre a temática, constatamos que, entre os trabalhos já produzidos sobre tumores, estão os de De Moulin (1989), Skuse (2015), Gendron (1700), Timmermann (2011), Teixeira (2007), Rouesse (2011) e Imbault-Huart (1985). Nestes trabalhos, em sua maioria, o tema é abordado de uma forma muito linear e em uma abordagem pautada pela história dos progressos da medicina e de seus acertos. Procuramos, por isso, nos distanciar de uma análise que compare opções terapêuticas tidas como mais ou menos avançadas, optando por valorizar indícios de circularidade de práticas culturais e por pensar as concepções, diagnósticos e tratamentos de

---

páginas seguintes não deixaram claro se a rainha se curou ou houve recidiva (retorno) da doença (MUKHERJEE, 2011, p.54). Quarenta anos mais tarde, em 400 a.C., a palavra karkinos foi cunhada no grego e passou a aparecer nos escritos de Hipócrates. O termo foi adaptado para carcinoma no latim, alusão aos caranguejos, cujas patas se assemelhavam aos vasos sanguíneos que se formavam ao redor dos tumores. Os karkinos dos gregos eram tumores superficiais, observáveis a olho nu, como os tumores nos seios, na língua, no pescoço e na mandíbula.

tumores como frutos de uma realidade sociocultural específica e única,<sup>5</sup> no caso, a vivida nos Colégios e reduções da Província Jesuítica do Paraguai.<sup>6</sup>

Nos últimos anos, alguns trabalhos abordaram indiretamente os tratamentos para tumores na escrita de missionários, como o artigo de Ana Carolina Viotti (2020) sobre a obra “*Vertude da Erva Sancta que he o tabaco*”, do padre Leonel de Sousa, escrito em meados do Seiscentos, e a obra “*Entre a caridade e a ciência: a prática missionária e científica da Companhia de Jesus*”, de Eliane Cristina Deckmann Fleck (2014), na qual há menções a algumas terapêuticas curativas e, inclusive, a cirurgias, no tratamento de tumores. Contemplando outros contextos geográficos, algumas outras obras podem ser citadas, tais como “*Une histoire du cancer du sein en Occident: Enseignements et réflexions*” (Springer, 2011), de Jacques Rouëssé, e “*A short history of breast cancer*”, de Daniel de Moulin (1989). Também merecem ser citados os trabalhos de Alanna Skuse em “*Constructions of Cancer in Early Modern England: Ravenous Natures*” (London: Palgrave Macmillan, 2015) e de Marie-José Imbault-Huart, com um capítulo intitulado *História do cancro*, em *As doenças têm história* (1986), obra organizada por Jacques Le Goff. Estudos que contemplam o século XIX são mais recorrentes, e, principalmente, no caso brasileiro, aqueles produzidos pelo Instituto Nacional do Câncer. O trabalho pioneiro sobre o tema é o de Luiz Antônio Teixeira (2007), *O câncer no Brasil: Passado e Presente*. Mais recentemente, Luiz Alves Araújo Neto e Elder Al Kondari Messori têm produzido trabalhos sobre história do câncer no século XX.

Adiantamos que não pretendemos tecer generalizações que homogeinizem as práticas curativas empregadas pelos missionários, mas levar em conta os saberes e procedimentos que foram por eles acionados, a partir de um conhecimento produzido na Europa e daquele que foi produzido a partir de suas experiências locais. A historiografia tem tido um maior interesse nessa

---

<sup>5</sup> Desde os anos 1980, a história da saúde e das doenças vem se consolidando como um campo de estudos que tem se debruçado sobre os universos das doenças, renovando esforços da historiografia, ao tratá-las não somente como fenômenos biológicos, mas, também, como fenômenos socioculturais (KORNDÖRFER, 2013, p. 26).

<sup>6</sup> A Província Jesuítica do Paraguai se estendia pelos territórios pertencentes ao que atualmente referimos como Argentina, Paraguai, Uruguai, parte da Bolívia, o sul do Brasil e o Chile (FANTIN, 2010, p. 15).

perspectiva, desde a publicação de *O queijo e os vermes*, por Carlo Ginzburg. Ao invés de verificar como um moleiro internaliza noções compartilhadas do seu contexto, Ginzburg retratou a síntese feita pelo indivíduo. Mais tarde, outros trabalhos também investiram nesse caminho, como a obra *Nas margens* (1997), de Natalie Zemon Davis, que trata da trajetória de três mulheres e de como as suas formas de pensar e agir foram sendo modificadas ao longo de suas vivências e experiências.

O referencial teórico-metodológico que adotamos está em sintonia com o adotado em trabalhos referenciais da História da Medicina, da Saúde e das Doenças e da História das Ciências. Neste sentido, os trabalhos de Flávio Edler (2013) nos ajudaram a pensar a medicina setecentista na Europa como um espaço de divergências, no qual circulavam muitas teorias em debate, o que ajuda na compreensão do manuscrito platino. Edler pontua que a medicina só teria um formato mais homogêneo e consensual em meados do século XIX e que a história da medicina acadêmica do ponto de vista das práticas adotadas é caracterizada por uma série de fraturas e descontinuidades (EDLER, 2013, p.8). Como conhecimentos eram incluídos e excluídos do conjunto de saberes legitimados pelas academias, havia discordâncias entre instituições quanto ao modelo teórico a ser adotado. Vale lembrar que, concomitantemente à assistência espiritual dada aos enfermos ao longo da Época Moderna, eram adotadas terapêuticas curativas baseadas em experimentalismos com plantas, ervas, animais e minerais, sem que fossem totalmente abandonados os significados religiosos atribuídos às doenças ou mesmo às intervenções para a cura. Isto decorria do fato de que o pecado, a vontade divina e a redenção se entrelaçavam nas múltiplas explicações para as doenças, para a cura e para a morte.

O trabalho de Henrique Carneiro, *“Filtros, Mezinhas e Triacas: as Drogas no Mundo Moderno”*, enfoca as práticas médicas que eram utilizadas no período, ressaltando os saberes e práticas que eram empregados nos diferentes locais da América portuguesa. Para ele, na Época moderna, “junto às escolas de medicina e ao saber clássico reentronizado florescia todo tipo de saber herbário, de pregões de drogas em praça pública e as próprias escolas de medicina eram desafiadas por novos empíricos” (CARNEIRO, 1994, p. 65).

No mundo ibérico colonial, a falta de médicos percebia-se em todos os lados. No caso da América portuguesa, ao final do século XVIII, os vereadores do Rio de Janeiro peticionaram à Rainha D. Maria I, ao final do século XVIII, para obter “uma autorização extraordinária que legitimasse o trabalho médico dos cirurgiões, de modo a suprir a carência daqueles profissionais” (VIOTTI, 2017, p. 42).<sup>7</sup>

A obra *História da Medicina*, de William Bynum (2011), apresenta as características do humoralismo, descrevendo os pressupostos defendidos por Claudio Galeno e suas diferenças em relação ao modelo de Hipócrates, bem como outros trabalhos posteriores no âmbito da medicina que geraram repercussões no campo, como a obra de anatomia de Andrea Vesalius (1543) e a obra de William Harvey sobre a circulação do sangue (1628). Bynum dedicou algumas páginas para tratar da “fisiologia” para Galeno, que foram fundamentais para a compreensão e análise das menções feitas a procedimentos humoralistas presentes nos tratados que analisamos e para avaliar se estavam mais próximas das noções de humores, como Hipócrates previa, ou do espírito ou fleuma, prescrito por Galeno. O artigo de Ivone Reis (2009) foi também fundamental, na medida que se detém sobre a teoria humoralista e a noção de cura através dos contrários.

O trabalho de Steven Palmer e Marcos Cueto (2016) aborda conhecimento e práticas curativas que eram empregadas no mundo colonial, ressaltando a existência do que denominaram de medicina mestiça, a partir da noção de Martha Few (2008). A primeira parte da obra procura mostrar algumas práticas curativas indígenas que eram adotadas inclusive pelas sociedades coloniais ibéricas, mostrando que muitas delas estavam em equivalência com as adotadas na Europa e, em alguns casos, possuíam um maior aperfeiçoamento. A obra traz também algumas características da medicina realizada pelos povos tradicionais no México, no Peru e em outros espaços da América Espanhola. Neste sentido, merece ser destacado o

---

<sup>7</sup> A falta de profissionais hábeis nas artes de curar se agravou ainda mais na segunda metade do Setecentos, em razão da expulsão dos jesuítas, que deixou desassistidas diversas regiões e populações que vinham sendo atendidas pelas boticas e pelos missionários versados em Medicina e Farmácia. Essas populações veriam a situação melhorar apenas em 1790, com a nomeação, pelo Protomedicato, de alguns médicos militares. (FLECK, MARTINS, RODRIGUES, 2014, p. 23).

capítulo *Ciência do Concreto* da obra *Pensamento Selvagem* (2008) de Claude Lévi-Strauss, no qual o antropólogo trata, dentre outras coisas, sobre como cada cultura produz conhecimentos com profundidade e como não podem ser meramente avaliados comparativamente em termos de seus fins práticos. Explicações e ordenações seriam realizadas por determinados grupos em função de seus próprios termos e suas necessidades estariam inseridas dentro de suas características culturais, sendo, pois, tão complexas quanto quaisquer outras.

Um artigo que contribuiu para a análise dos tratamentos de tumores mencionados no manuscrito *Libro de Cirugía* (1725)<sup>8</sup> será o de Lúcia Bellini (2005), *Imagens do corpo e saber médico em Portugal no século XVI*, no qual a autora se detém nas imagens do corpo e saber médico em Portugal no século XVI e XVII, nos ajudando a compreender como homens e mulheres destes séculos pensavam o corpo. Sobre a temática do corpo, o capítulo de livro *História do corpo* de Roy Porter na obra *A Escrita da História*, de Peter Burke (1991) também instigou algumas reflexões sobre como as pessoas se relacionavam com os seus corpos nos séculos XVI a XVIII, em termos de sexualidade.

Sobre as práticas curativas adotadas pelos Guarani na Província Jesuítica do Paraguai no Setecentos, bem como a medicina praticada nas reduções pelos jesuítas, o artigo de Eliane Fleck (2006)<sup>9</sup> é um dos referenciais. Nele, Fleck refere-se à conjugação de práticas mágico-religiosas com práticas medicinais no espaço reducional, algo que é retomado em seu livro de 2014<sup>10</sup>, que traz parte de sua tese de doutorado. Outro artigo da mesma autora

---

<sup>8</sup> Datado de 1725, o *Libro de Cirugía* é um manuscrito platino de medicina e cirurgia que apresenta uma estrutura organizada em dez capítulos. O primeiro capítulo intitula-se “Dispensário Médico, conteniendo diferentes fórmulas magistrales de medicamentos, para ser administrados por via oral o em aplicaciones externas”, o segundo “Anatomía del cuerpo humano”, o terceiro “Tratado Brebe del Modo de Sangrar”, o quarto “Enfermedades de la cabeza”, o quinto “Enfermedades del Pecho”, o sexto “Enfermedades de la Cavidad Abdominal”, o sétimo “Enfermedades de las mujeres”, o oitavo “Tratado de las fiebres” e o nono “Capítulo del pulso, orina y crisis. Algunos tratamientos quirúrgicos; medidas para curar el morbo gálico y el Escorbuto”. O décimo capítulo se chama “Libro 2º de Cirugía, de los tumores en general”.

<sup>9</sup> FLECK, E. Da mística às luzes: a medicina experimental nas reduções jesuítico-guaranis (séculos XVII e XVIII). **Revista Complutense de História de América**, v. 32, p. 153-178, 2006.

<sup>10</sup> FLECK, E. Entre a caridade e a ciência: a prática missionária e científica da Companhia de Jesus (América platina, séculos XVII e XVIII). 01. ed. São Leopoldo, RS: Editora Oikos, 2014. v. 300. 560p .

(2012)<sup>11</sup> trata da sistematização do conhecimento sobre plantas por parte dos jesuítas, algo importante para demonstrar que não houve somente a apropriação, mas também o desenvolvimento de estudos sistemáticos acerca do meio natural por parte dos missionários. Nesse sentido, o artigo de Roberto Poletto e de Eliane Fleck (2013a) que traz a transcrição e análise do inventário do Colégio de Córdoba contribui para o embasamento acerca dos experimentos com medicamentos feitos por missionários na região platina e dos tratamentos de doenças, que podem ser atestados nos estoques consideráveis de fármacos e compostos acondicionados nas prateleiras da botica deste colégio.

Sobre as práticas de escrita e sobre a circulação de manuscritos de botânica médica e de cirurgia na América platina, o artigo de Eliane Fleck e de Roberto Poletto<sup>12</sup>, traz informações substanciais ao tratar das dedicatórias, prólogos e censuras em tratados de cirurgia e de medicina do Setecentos. Especificamente sobre o *Libro de Cirugía*, há três estudos já publicados pela Profª Eliane, sendo um deles escrito em parceria com o pesquisador Franz Obermeier (2018)<sup>13</sup>, um artigo individual sobre circulação e apropriação de saberes (2019) e outro artigo publicado com Maico Biehl (2020), intitulado *Manuscritos de Medicina y Farmacia rioplatenses: un estudio comparativo entre la Materia Médica Misionera y el Libro de Cirugía* (2020). O artigo de Eliane Fleck<sup>14</sup>, nos ajuda a pensar sobre como os experimentalismos realizados por jesuítas no contexto platino acompanham “o crescente empirismo [que] marca as transformações científicas próprias do século XVIII”, sendo uma delas a própria hibridização das práticas fundamentadas no humoralismo com outras próprias dos nativos (FLECK, 2011, p. 15).

---

<sup>11</sup> FLECK, E. **Esto es lo yo buscaba (...) el conocimiento de las yerbas y su aplicación: sistematização e difusão de saberes sobre virtudes de plantas medicinais (América meridional, séculos XVII e XVIII)**. 2012. (Apresentação de Trabalho/Simpósio).

<sup>12</sup> FLECK, E.; POLETTI, R. 'En este libro no hallo cosa que se oponga a los dogmas de nuestra Santa Fe ni a las buenas costumbres': um estudo sobre dedicatórias, prólogos e censuras em tratados de cirurgia e de medicina do Setecentos. **Varia História (UFMG. Impresso)**, v. 29, p. 125-142, 2013.

<sup>13</sup> FLECK, E.; OBERMEIER, F. O Libro de medicina, cirugía, e botica: um manuscrito anônimo de Matéria médica rioplatense da primeira metade do século XVIII. **Revista Antíteses**, v. 11, p. 132-156, 2018.

<sup>14</sup> FLECK, E. Caridad y Ciencia adecuada en tierras tan pobres de medicos y boticas: Medicina e Missão na América meridional (séculos XVII e XVIII). **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, julho, 2011.

Quanto ao conceito de apropriação, nós o empregamos a partir de Roger Chartier (2002), utilizando uma abordagem da história cultural que se vale da pluralidade de usos. Diferentemente da noção de apropriação para Michel Foucault, para quem o conceito considerava a “apropriação social dos discursos” como um dos procedimentos através dos quais esses discursos eram confiscados e submetidos, a reformulação procura deixar de lado uma experiência fenomenológica universal em prol de experiências textuais particulares. Opondo-se a uma história intelectual “desencarnada”, considera-se que há inúmeras formas pelas quais ocorre a produção de sentido a partir do contato com um texto (CHARTIER, 2002, p. 26).

Esta formulação afasta-se igualmente do sentido da hermenêutica da apropriação, entendida como o momento do trabalho de reconfiguração da experiência fenomenológica, postulada como universal, a partir de configurações textuais particulares. A apropriação, tal como a entendemos, tem por objetivo algo como uma história das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem.

O conceito de práticas foi pensado a partir de Michel de Certeau (2012), constituindo-se nas formas pelas quais os sujeitos agem e pensam, a partir do que é dado para eles. Para Certeau, a cultura não consiste em receber, mas em realizar o ato pelo qual cada um marca aquilo que outros lhe dão para viver e pensar” (CERTEAU, 2012, p.10). As práticas seriam, assim, indicativas de um olhar que está interessado em perceber como os sujeitos se apropriam dos “componentes estructurales (esto es, signos)” (SPIEGAL, 2006, p. 37), fazendo uso de formas não-autorizadas de agir. De Certeau também refere-se ao conceito de táticas, como ações próprias dos subalternos, no caso, poderíamos pensar nas que foram adotadas pelos indígenas para a manutenção de suas pautas culturais, dentre as quais poderíamos enquadrar as práticas curativas. Elas podem definir, portanto, o que foi aceito em termos de práticas de curar, e o que foi subvertido. Certeau também se utilizou da noção de interdito e de franja discursiva, bem como um dos elementos presentes no que denominou de operação historiográfica: o lugar social.

De François Hartog (2004), utilizo a noção de retórica da alteridade (HARTOG, 2004), que consiste em dizer o outro o enunciando em sua diferença; enquanto que a noção de tradução cultural<sup>15</sup> tem como referência os trabalhos inseridos no livro *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*, de Peter Burke e R. Po-Chia Hsia (2009). A noção de circulação de conhecimentos foi pensada a partir de Kapil Raj (2015), para quem a circulação é:

"diferente da simples mobilidade, na medida em que implica um duplo movimento de ida e volta, que pode ser repetido indefinidamente. Circulando, coisas, homens e noções muitas vezes se transformam. Circulação... portanto... implica em um aspecto gradual, e não na simples reprodução através do espaço das estruturas e noções já formadas" (RAJ, 2015, p. 170).

A noção de circulação diz respeito à forma pela qual os agentes e grupos locais, que recebem algo vindo de fora, reelaboram esses conhecimentos ou práticas através de processos de adaptação e negociação. Esta noção possui ampla aplicação, podendo ser empregada em procedimentos, instrumentos e no saber-fazer (RAJ, 2007, 2015).

Também consideramos os artigos de Fabiano Bracht (2019), que tratam das particularidades locais de recepção e produção de conhecimentos, sob uma perspectiva mais voltada à História Global e às Histórias conectadas. Um conceito caro para Bracht (2018) é o de fronteira, razão pela qual afirma: "em termos da circulação do conhecimento, os espaços coloniais podem ser definidos como regiões<sup>16</sup>, móveis, dinâmicas e mutáveis, mas ainda assim, fronteiras, com limites os quais foram, às vezes, difícil de ultrapassar" (BRACHT, 2018, p. 189). Os estudos pós-coloniais, segundo Bracht, têm enfatizado a crítica à noção de ciência colonial, na medida em que ela não valoriza as conexões que, com certeza, existiram entre o mundo europeu e os

---

<sup>15</sup> Tradução cultural é, segundo Peter Burke (2009, p. 14-15), o termo empregado para descrever o que ocorre nas situações de encontro cultural, quando cada lado envolvido tenta compreender as ações do Outro e representá-las a partir de seus próprios termos. Neste sentido, dá conta de como os indivíduos interpretam algo deste Outro a partir dos referenciais de sua cultura.

<sup>16</sup> A fronteira foi teorizada por Turner como uma linha civilizatória que avança, enquanto que, para Mary Pratt, a fronteira é um espaço no qual se fortificam as relações entre os dois lados, sobretudo pela distância do poder metropolitano. em outras palavras, não como uma linha civilizatória que avança, mas como um espaço de relação entre culturas. (RATTO, 2001).

mundos africano e asiático. A perspectiva da Connected History enriquece a abordagem, ao matizar certas influências e destacar as conexões entre as experiências realizadas na região platina e as que ocorriam em outras regiões de atuação da Companhia de Jesus. Neste sentido, a já referida obra de Marcos Cueto e Steven Palmer, *Medicina e Saúde Pública na América Latina* (2016), também nos chama a atenção para a intensa circulação de saberes e práticas entre os diferentes territórios dos impérios ibéricos.

Sobre a importância do aporte da experiência local neste processo marcado pela circulação de saberes e práticas, cremos ser importante referir as duas obras de Natalie Zemon Davies, que já mencionamos, *León el africano: Un viajero entre dos mundos* (2007) e *Nas margens* (1997). A palavra experiência é pensada por Davis como a síntese realizada por alguém que vive em situação de fronteira, entre dois mundos, e cujas escolhas e desfechos são decorrentes tanto do percurso que realiza, quanto das modificações em si operadas pelos encontros que se deram ao longo de seu caminho. Neste sentido, vale lembrar que os padres encarregados de atender os enfermos possuem, eles próprios, percepções particulares e conferem significados múltiplos às suas experiências como sujeitos. Estamos cientes de que não devemos tentar explicar o indivíduo pelo contexto ou o contexto pelo indivíduo, pois há uma tensão entre constrangimentos sociais e liberdades individuais. Por mais singular que seja um indivíduo, existem pontos de contato entre suas vivências e concepções e as de seus contemporâneos, pois todos compartilham, em maior ou menor grau, determinados códigos culturais dentro de uma comunidade específica (BATISTA, 2020, p. 314).

Para a discussão em torno da produção científica da Companhia de Jesus, destacamos a relevância dos seguintes trabalhos: *Science in Vanished Arcadia: Knowledge of Nature in the Jesuit Missions of Paraguay and Rio de la Plata*<sup>17</sup> (2014), do historiador argentino Miguel de Asúa; a obra *Entre a caridade*

---

<sup>17</sup> A obra de Asúa foi valiosa por trazer um panorama das atividades científicas realizadas por jesuítas em diversos âmbitos na Província Jesuítica do Paraguai, para ele chamada de Paraquaria. Enquanto estudo de fôlego, se constitui como a principal obra do gênero para um informativo acerca de investigações que cobriam campos muito distintos, como estudos sobre eletricidade (Termeyer), astronomia (Buenaventura Suárez), cartografia, botânica, geologia e outros temas. A principal contribuição do trabalho de Asúa para esta investigação foi a de

e a ciência, de Eliane Fleck (2014), bem como o artigo *Filósofos naturais do demônio: astronomia, alteridade e missionação no sul da Índia, século XVII*, de Thomas Haddad (2014)<sup>18</sup>. A obra *Missions d'évangélisation et circulation des savoirs* (2011), de Charlotte de Castelnau-L'Estoile, Marie-Lucie Copete, Aliocha Maldavsky e Ines Županov (Orgs) contribuiu para a discussão sobre a produção, apropriação e circulação de saberes, bem como das práticas de escrita e leitura. Como a circulação de saberes parece estar associada às movimentações operadas nas e através das redes, o artigo de Ines Županov (2012) pode ser citado, ao trabalhar tanto com uma economia comercial quanto espiritual. Para a compreensão das origens e funcionamento da Companhia de Jesus, são obras referenciais: *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno: encontros culturais, aventuras teóricas* (2000), de José Eisenberg, *Espacios Misionales en Diálogo con la globalidad*, de María Laura Salinas e Lía Quarleri (2016), e o livro *Quiénes han sido los jesuitas? 28 claves para su contextualización* (2016), de Perla Chinchilla, José del Bosque e Alexandra de Losada.

Quanto aos procedimentos de pesquisa utilizados nesta investigação, foram realizadas a análise de alguns capítulos do manuscrito *Libro de Cirugía*, de Cartas Ânuaas do século XVII e XVIII, das correspondências trocadas entre padres e irmãos, bem como das listas de remessas de medicamentos, instrumentos e livros e de tratados de medicina e cirurgia. Realizamos, ainda, com a finalidade de cotejo com o *Libro*, a leitura de alguns tratados médicos do Setecentos, com destaque para a obra *Recherches sur la guerison des cancers* (1700), de Claude Deshayes Gendron, que demonstra que, mesmo em um ambiente acadêmico receptivo às novas teorias médicas, com o francês, o humoralismo ainda era uma matriz teórica bastante presente.

Quanto às já mencionadas Cartas Ânuaas, analisamos as que compreendem o período de 1714 a 1765, que se encontram no Instituto Anchietano de Pesquisas (IAP), de São Leopoldo-RS, já transcritas e

---

mostrar a ampla produção documental de cunho científico produzida pelos jesuítas, principalmente sobre as obras de matéria médica.

<sup>18</sup> Este artigo consiste em um estudo que analisa um tratado científico de astronomia sob um ponto de vista da história cultural das ciências, discutindo sobre como as ciências podem ser usadas para reforçar identidades e divisões culturais nas zonas de contato da primeira modernidade.

digitalizadas. Além destas, analisamos também as cartas referentes ao rolo de filme de número 30 da Série De Angelis,<sup>19</sup> que reúne documentos que foram adquiridos por Pedro De Angelis ao longo do século XIX, que foram consultados nas dependências da PUCRS, mais precisamente no Laboratório de Pesquisa Histórica e Documentação Escrita (LAPDESC).<sup>20</sup> Parte significativa desta Coleção é composta de documentos produzidos pelos jesuítas, que atuaram na América Meridional, nos quais são detalhadas a instalação e o desenvolvimento das reduções, e são feitas inúmeras referências aos grupos indígenas dos Guarani, Gualacho, Guañana, Itatins, Minuanos e Charruas, além de outros. Também podem ser acessados documentos sobre os Tratados de Limites, estabelecidos entre Portugal e Espanha, a partir de 1750, e os impactos da demarcação de fronteira entre os grupos nativos.

Analisamos, ainda, correspondências trocadas entre padres da Companhia de Jesus no período de 1753 a 1762, que se encontram no Archivo General de la Nación (Buenos Aires, Argentina)<sup>21</sup> e alguns documentos acessados através do Portal de Archivos Españoles (PARES), que puderam ser acessados na sua versão online. Já as listas de remessas de navios do

---

<sup>19</sup> A Coleção De Angelis representa um conjunto de obras impressas e manuscritas que tratam principalmente do Rio da Prata, reunida pelo militar, professor de história e diplomata Pedro De Angelis (1784 – Nápoles; 1859 – Buenos Aires) durante sua estada na capital portenha, no período de 1820 até 1852. Exilado após a queda de Rosas, De Angelis conseguiu negociar com a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que adquiriu grande parte de sua Coleção. A Coleção é composta por cerca de 1.200 documentos manuscritos, produzidos no período compreendido entre o século XVI e o século XIX. São documentos originais e cópias autênticas de relatos, correspondências e processos de vários tipos, que atestam a conturbada história das áreas de fronteira entre as Américas Portuguesa e Espanhola.

<sup>20</sup> O LAPDESC possui um catálogo com os conteúdos de alguns dos principais rolos de filme da coleção, que pode ser consultado presencialmente, no entanto, o laboratório encontra-se fechado para visitas de pesquisadores em função das medidas protetivas do novo coronavírus.

<sup>21</sup> O Portal de Archivos Españoles (PARES) é mantido pelo governo espanhol e contém documentos de diversas épocas, podendo ser consultado através do seguinte link: <<http://pares.culturaydeporte.gob.es/inicio.html>>. Os documentos consultados foram cartas trocadas entre padres e procuradores – e vice-versa - relacionadas principalmente com questões relativas à obtenção, negociação e transporte de materiais para as missões, bem como seu acompanhamento logístico. Os documentos encontram-se fisicamente no Arquivo Geral da Nação, em Buenos Aires, e foram consultados em formato digital pelo portal acima citado. Os documentos podem ser encontrados no Portal: <<http://pares.mcu.es/ParesBusquedas20/catalogo>>, sendo eles os seguintes: (AR-AGN.DE/CJ: 9 – 413, 403; 9 – 415, 443; 9 - 419 , 952; 9 – 419, 954; 9 – 415, 322; 9 – 417, 615; 9 – 415, 349; 9 – 415, 350; 9 - 415 , 462; 9 – 417, 247; 9 – 415, 267; 9 – 415, 332; 9 – 415, 333; 9 – 417, 297; 9 – 415, 126; 9 – 415, 291; 9 – 415, 227; 9 - 416 , 45; 9 – 416, 48; 9 – 416, 46; 9 – 417, 23).

Archivo General de Índias foram cedidas gentilmente pela pesquisadora Corinna Gramatke (2019), juntamente com algumas informações sobre elas.

Os tratados de medicina e cirurgia que analisamos foram acessados no Portal Google Books, no site da Biblioteca Nacional da França (Gallica) e na Biblioteca Digital da Espanha. Cabe ressaltar que alguns deles integram o acervo da Biblioteca Dr. Mamerto Esquiú, da Ordem Franciscana de Catamarca, na Argentina<sup>22</sup>, que foi, em boa parte, composto a partir do espólio de bibliotecas jesuítas após o decreto de expulsão da ordem em 1767.

A dissertação é composta por quatro capítulos. O primeiro capítulo tem como tema a atuação da Companhia de Jesus nas artes de curar, com destaque para sua produção na área de medicina e botânica médica. Tratamos também das bibliotecas que a ordem mantinha, dos acervos e livros de medicina que as compunham, para, ao final, apresentar o *Libro de Cirugía*, manuscrito produzido na região platina no período, e uma das principais fontes da dissertação.

No segundo capítulo, nos detemos nas listas de remessas de instrumentos, livros e medicamentos enviados à Província Jesuítica do Paraguai e nas correspondências avulsas escritas por padres jesuítas e que se encontram disponíveis no Archivo General de la Nación, a fim de apresentar e discutir indícios da prática da cirurgia por membros da Companhia de Jesus.

No terceiro capítulo, analisamos como os tumores e cânceres foram relatados nas Cartas Anuais e no *Libro de Cirugía*, manuscrito anônimo de 1725, apontando para as diferentes formas de conceber, diagnosticar e tratar os enfermos acometidos por diversos tipos de tumores em um documento com propósitos edificantes e em uma obra que dialogava com teorias médicas vigentes no período.

---

<sup>22</sup> A Biblioteca Provincial Fray Mamerto Esquiú, em San Antonio de Pádua, Buenos Aires, possui um valioso acervo composto por obras - tidas como clássicas - de Medicina e Cirurgia do Setecentos, escritas por autores franceses, portugueses e espanhóis. A constituição desta biblioteca resultou da aquisição [mediante compra, doação ou através da destinação de acervo pelas autoridades espanholas logo após a expulsão da Companhia de Jesus, em 1767], apontando para a circulação destas obras na América platina e para a apropriação e aplicação dos pressupostos e procedimentos que elas traziam e recomendavam.

Finalmente, no quarto capítulo, abordamos o diálogo que o autor-compilador<sup>23</sup> do *Libro* manteve com os autores mencionados ao longo de seus capítulos e com os saberes nativos com os quais pôde ter contato em função de sua atuação junto a elas na região platina. Os autores mencionados em passagens que tratam de tumores, bem como as plantas nativas citadas são mobilizados para uma discussão acerca da apropriação e circulação de práticas e saberes nas reduções e colégios mantidos pela Companhia de Jesus, discussão que também se estende ao cotejo com um tratado de medicina e cirurgia e com a bibliografia de referência sobre o tema.

A dissertação conta, ainda, com um texto de encerramento, sob o título Considerações finais. Nele, retomamos as conclusões de cada capítulo, apontando para as potencialidades das fontes consultadas e para outros estudos que a investigação realizada poderá permitir futuramente, sem deixar de apontar os limites do trabalho e as dificuldades para o atendimento dos objetivos inicialmente propostos. Após o Anexo, aparecem relacionadas as Referências Bibliográficas.

---

<sup>23</sup> A opção pelo termo autor-compilador, se deve primeiramente ao fato de que a autoria da obra é desconhecida. Um estudo de Fleck e Biehl (2020) revela que não há comprovações da autoria ser do irmão Pedro Montenegro, autor da *Materia Médica Misionera*, de 1710. Por outro lado, é sabido que, no século XVIII, alguém que compilava textos podia ser reconhecido como um autor, sem necessariamente tê-los escrito, posto que a noção de autor estava se forjando. No caso do manuscrito, existem partes autorais deste sujeito desconhecido, escritas em primeira pessoa e com informações que denotam esse caráter, enquanto que, ao mesmo tempo, há capítulos copiados integralmente de outras obras, isto é, compilados de outras obras. Esta questão é discutida com maior profundidade em: FLECK, E. Evidências de circulação e apropriação de saberes farmacológicos e médico-cirúrgicos em um manuscrito anônimo (América platina, século XVIII). **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, v. 26, p. 349-384, 2019.

## 2 “NOS LLAMAN CON FRECUENCIA DE NOCHE LOS ENFERMOS”: AS ARTES DE CURAR NA PROVÍNCIA JESUÍTICA DO PARAGUAI

A atuação dos jesuítas na América platina remonta às primeiras décadas do século XVII, quando os missionários passaram a construir reduções e a efetuar um projeto que duraria quase dois séculos. Nas reduções instaladas nas regiões que constituiriam a Província Jesuítica do Paraguai foram reunidos diversos grupos étnicos, sendo que, dentre eles, os Guaranis estiveram em maior número (NEUMANN, 2015, p. 1).

As atividades desenvolvidas pela Companhia de Jesus na região estiveram, prioritariamente, orientadas para a conversão dessas populações, razão pela qual constituíram uma rotina bastante diversificada de atividades nas quais a oração e a fé estavam muito presentes. Ao mesmo tempo, era preciso manter os colégios, as residências e as reduções, e, para tanto, eram realizadas atividades produtivas ligadas à agricultura, à pecuária, ao artesanato e também associadas à produção de medicamentos nas boticas que a ordem passou a manter junto aos colégios e reduções (ASÚA, 2014).

Para além da conversão dos indígenas, os jesuítas instalaram colégios<sup>24</sup> visando à uma qualificada formação dos jovens que ingressavam na ordem ou, então, daqueles que, fazendo parte da elite criolla, buscavam uma qualificada instrução. Também muitos dos jesuítas enviados à América concluíram sua formação nos colégios que a Companhia mantinha nas Províncias espalhadas no território americano, orientados pelas Regras do Instituto. Dentre as normas afetas à instrução, destaca-se a *A Ratio studiorum*<sup>25</sup>, texto que fornecia as normas relativas à instrução em todas as instituições educacionais jesuíticas, e

---

<sup>24</sup> Os colégios eram centros administrativos da organização jesuítica, aos quais estavam subordinadas as casas e as reduções (FLECK, POLETTO, 2019, p. 3). Atuavam, ainda, como centros de formação intelectual e de irradiação da cultura, e era neles que se dava a formação dos quadros da Ordem. Internamente, eles mantinham as suas próprias boticas, que serviam para abastecer a ordem e também a população local. Muitas delas se tornaram referência em ervas, unguentos, triacas, bálsamos e outros compostos vendidos nas proximidades e, posteriormente, para outras regiões americanas e, também, para a Europa.

<sup>25</sup> *Ratio* significa “plano” ou “ordem” ou “regra”, “razão”, podendo ser traduzida por Ordem e Maneira dos Estudos. O texto da *Ratio*, que foi publicado em 1599, deve ser compreendido como um conjunto de normas responsáveis por definir saberes que poderiam ser ensinados e condutas a serem assumidas, bem como um conjunto de práticas que permitiam a transmissão dos saberes e a incorporação de comportamentos, normas e práticas (FANTIN, 2010, p. 38).

previa uma divisão disciplinar de natureza aristotélica, segundo a qual havia as ciências poeéticas, do fazer; as práticas, que tinham um fim – como a ética e a política – e as ciências teóricas, que visavam uma descrição, tal como a astronomia (FELDHAY, 2000, p. 116). Se, inicialmente, a Companhia propunha uma formação mais dedicada a saberes que não dependiam da experiência, pouco a pouco a educação dos missionários foi englobando mais e mais aspectos da experiência (ASÚA, 2011), nos quais se inseriram conhecimentos científicos, ampliando os estudos que eram muito importantes para os mais novos. Em outro texto basilar da Ordem, as Constituições, se percebe que tanto o estudo e o conhecimento eram valorizados internamente por eles, quanto o fato de que deveriam contribuir para a ajuda do próximo, para o amor de Deus e para a salvação da alma (FANTIN, 2010, p. 37).<sup>26</sup>

Com o passar dos anos, a experiência prática dos noviços em hospitais, onde lidavam com conhecimentos de medicina, cirurgia e farmácia, passou a ser cada vez mais valorizada, e os colégios da Companhia passaram a contar com espaços como boticas e enfermarias. Vale lembrar que as Constituições da Companhia de Jesus já previam que os noviços passassem de um período de um mês em um hospital, com vistas a exercitarem a caridade e a humildade. Ali, aprendiam algumas atividades práticas, e, aos mais destacados, era dada a oportunidade para se aprofundarem, posteriormente, em farmácia e enfermagem (FLECK, 2021, p. 2), sendo que alguns dos irmãos enviados à América viriam já treinados como cirurgiões, boticários ou enfermeiros.

Ao se instalarem na América platina, muitos deles atuavam nestes ofícios das artes de curar, conforme a necessidade. Se, inicialmente, a Ordem não tinha autorização para exercer a medicina, a partir de 1576, o papa Gregório XIII permitiu que os jesuítas atuassem em territórios onde não houvesse médicos (FLECK, 2021, p. 2), possibilitando um envolvimento maior no atendimento de doentes e, inclusive, a elaboração de receituários e

---

<sup>26</sup> A orientação para o estudo estava presente nas Constituições, texto com a função de regular as atividades realizadas pelos missionários. Nelas, se valorizava o estudo e o conhecimento, a formação científica, moral, literária, filosófica e teológica (FANTIN, 2010, p. 37; ARNAUT, 2002, p. 108).

matérias médicas.<sup>27</sup> Importante considerar que as funções a serem desempenhadas pelos jesuítas tanto na Europa, quanto nas terras de missão decorria de uma espécie de política de talentos definida pela Companhia, que levava em consideração as principais habilidades de cada religioso.

A distribuição de atividades entre os jesuítas, concernente à política de talentos, compreendia diversas funções. Os que mais nos interessam nesta altura são os detentores da função *ad agendum cum proximis* (aqueles que cuidavam dos outros), pois estes atuavam nas artes de curar. Contudo, também os que atuavam em outras funções seriam indispensáveis para a atuação da Companhia: aqueles que detinham talento para ensinar – seja em nível elementar (*ad docendum*), tanto no âmbito superior (*ad legendas facultates*); aqueles com talento para a administração, que são ou de governo (*ad gubernandum*), ou de conselho (*ad consultandum*); aqueles que faziam as tarefas espirituais; a pregação (*ad condicionandum*); a confissão (*ad audiendas confessiones*); os talentos ligados à gestão dos bens e à organização da vida material da província (*ad negotia curanda, ad officia domestica*)” (CASTELNAU L’ESTOILE, 2006, p. 211). No caso dos irmãos que se dedicavam ao cuidado dos enfermos, cabia trazer-lhes alimentos, dar conselhos espirituais e administrar medicinas, proporcionando-lhes algum conforto, quando estivessem nas dependências dos colégios ou fora delas.<sup>28</sup>

A rotina dos missionários dedicados à assistência dos enfermos era, certamente, bastante dinâmica, e envolvia tanto os atendimentos nas enfermarias, boticas, colégios e dependências das missões quanto junto aos interiores, nas casas dos índios e em meio ao campo. Em 1720, o padre Francisco Retz ressaltou o papel de assistência dos enfermos:

“nos llaman con frecuencia de noche los enfermos. Pero no esperan los Nuestros siempre, hasta que se les llame, sino

---

<sup>27</sup> Dentre eles, estão Agustin de Almedina, Antonio Ruiz de Montoya, Antonio Sepp, Blás Gutiérrez, Esteban Font, Florián Paucke, Gaspar Suárez, Heinrich Peschke, Jaime Izart, José Jenig, José Sánchez Labrador, Juan Escobar, Juan Francisco Dávila, Martín Dobrizhoffer, Norberto Ziulak, Pedro Montenegro, Ruperto Dahalhammer, Segismundo Asperger, Thomas Falkner. Ver mais em: FLECK, 2014, p. 216-228.

<sup>28</sup> Como aqueles envolvidos na gestão de bens e insumos eram responsáveis por garantir as provisões de alimentos, e aqueles que atuavam dedicadamente na conversão e confissão poderiam também ir até os enfermos, então é possível visualizar o envolvimento de cada um para o sucesso do todo, e, por conseguinte, para as artes de curar.

espontáneamente ofrecen sus servicios. Por lo general, se aprecia mucho esta asistencia a los moribundos por los hijos de la Compañía como ministerio predilecto, y casi todos llaman a un jesuita al morir, hasta los que en vida les eran contrarios” (CA 1720-1730, 1994, p. 23).

Ressaltando a importância dos missionários no atendimento dos enfermos, Retz também deixa à mostra o papel dos religiosos na salvação das almas daqueles que estavam adoecidos. Mas nesta dupla situação, de atender a doença instalada no corpo de um indígena e assegurar a salvação de sua alma, o que pensava o jesuíta? Qual seria a sua compreensão de saúde? Para eles, uma vida distante de pecados e pautada por um comportamento virtuoso assegurava uma vida saudável. O adoecimento, sob esta perspectiva, decorria de uma conduta inadequada, que demandava punição, ou, então, da vontade divina. Por esta razão, quando assistiam os enfermos, os jesuítas procuravam tratar não somente os achaques e feridas, as dores do corpo, mas, também, das doenças da alma. Os membros da Companhia se dedicavam com afincos aos enfermos, pois a salvação espiritual era a sua vocação primeira, de modo que olhavam para “la salud de las almas con tanto fervor como si se tratara de salvar su propia alma” (FLECK, 2013, p. 363).

Vale lembrar que a cura através da invocação dos santos, da intervenção divina e, sobretudo, através de relíquias era algo corrente no Velho Mundo, tendo sido transplantado para o Novo Mundo com as ordens religiosas encarregadas da evangelização. Nos hospitais, as imagens de santos e do próprio Cristo eram afixadas nas paredes nos séculos XVI e XVII, sendo empregadas para curar as feridas do corpo como, igualmente, as da alma. Segundo Vigarello, haviam relicários do sangue sagrado que eram vendidos na Europa, e utilizados para tratar doenças (VIGARELLO, 2005, p.45).

Dentre os missionários jesuítas que se dedicaram às artes de curar na Província Jesuítica do Paraguai no início do século XVII, está Pedro Montenegro<sup>29</sup>, que registrou sua experiência como boticário no livro *Materia*

---

<sup>29</sup> O irmão coadjutor Pedro Montenegro nasceu em 14 de maio de 1663, na Galícia, na cidade de Santa Marina. Em 1679, com dezesseis anos de idade, foi admitido como aprendiz no Hospital Geral de Madrid, onde iniciou sua formação prática nas artes de curar, como enfermeiro e cirurgião. Ingressou na Companhia de Jesus no ano de 1691, quando já estava na América. Em Córdoba, atuou como boticário até 1703, quando passou a missionar em Apóstoles, redução na qual ficou por dois anos, de onde foi para as reduções do Paraná, nas

*Médica Misionera*,<sup>30</sup> de 1710, no qual confidenciou ter se transformado em autor de botica pelo fato de que não havia boticários nas terras platinas. Movendo-se pela caridade e pelo Evangelho, tratou de escrever sobre as receitas com plantas que pudessem aliviar sintomas e tratar os enfermos (GESTEIRA, TEIXEIRA, 2009, p. 120). A descrição de plantas, com ênfase nas suas virtudes medicinais, foi o foco de sua narrativa, que descreveu o uso de medicamentos simples, feitos de uma só substância e, de preferência, com produtos americanos, como se pode observar na referência à planta *Tayao*<sup>31</sup>:

“esta planta crece en los lugares húmedos de Egypto, de India, y de Alexandria. Esta descripción conviene más propriamente a la *Tayao* Caraibo, que a la quarta especie; y asi no es el Aro, aunque se le parece; ni tiene las malas qualidades del *Tayao* Caustico: es si el Aro egypciaco, el *Melumb* de Zeylan, y el *Tayao* comestible del Brasil, y Paraguay” (MONTENEGRO, 1710, p. 167).

Mas não só Montenegro dedicou-se ao cuidado dos enfermos ou ao preparo de medicamentos, desempenhando funções em enfermarias e boticas, como se pode constatar nas menções feitas nas *Ânuas* ao uso de plantas medicinais juntamente com orações e santinhos, terços, água benta e relíquias, que evidenciam a percepção de doença e de cura dos missionários encarregados de converter os nativos. O registro extraído da Carta *Ânuas* de 1714-1720 deixa isto bem evidente: “Después puede comenzar la enseñanza religiosa, y seguir la administración de los sacramentos. Hay que cuidar a los enfermos, no sólo espiritualmente, sino también corporalmente, proporcionándoles medicinas, sangrándolos y hasta hacer operaciones cirúrgicas”. (CA 1714-1720, 1994, p. 39).<sup>32</sup>

O emprego de relíquias e a realização de orações antecipavam, neste caso, a sangria, que evidencia a apropriação dos pressupostos do humoralismo

---

quais permaneceu de 1705 a 1724, vindo a falecer, em 1728, na redução de Mártires, aos 65 anos de idade. Atuou também como cirurgião junto às tropas indígenas enviadas para a Colônia de Sacramento durante os conflitos com a Espanha.

<sup>30</sup> FLECK, E. Entre a caridade e a ciência: a prática missionária e científica da Companhia de Jesus (América platina, séculos XVII e XVIII). – São Leopoldo: Oikos, Editora Unisinos, 2014.

<sup>31</sup> *Tayao*, de nome taxonômico *Echinodorus grandiflorus*, é uma planta presente na costa sul do Brasil e em algumas regiões do Paraguai. (PEREIRA, NOELLI, CAMPOS, SANTOS, ZOCHE, 2017).

<sup>32</sup> Quando atendiam um doente, os jesuítas conciliavam práticas que eram, ao mesmo tempo, médicas, isto é, recorriam ao uso de remédios, de cirurgias e sangrias; mas, também, espirituais, como o uso de relíquias, água benta e cruces, por exemplo. (FLECK, 2014; VIOTTI, 2013).

vigentes na época por parte dos encarregados de atender os doentes nas reduções. De acordo com a teoria hipocrático-galênica, a saúde estava associada ao equilíbrio de quatro humores que regiam os temperamentos, isto é, sangue, fleuma, bílis amarela e bílis negra, e as sangrias e purgas eram procedimentos terapêuticos empregados para equilibrar internamente o fluxo de humores nos indivíduos (BYNUM, 2013, p.23-34). A tradição humoralista-galenista levou boa parte dos médicos da época à uma reprodução das diretrizes propostas nos textos clássicos, da aplicação de sangrias e purgas, da cura através dos contrários, segundo a qual uma enfermidade quente era tratada com uma receita fria, e uma enfermidade fria com uma receita quente<sup>33</sup>, bem como uma enfermidade seca com uma medicina úmida, e uma enfermidade úmida com uma receita seca.

A ascendente prática do experimentalismo<sup>34</sup>, distinta do humoralismo clássico, já vinha ganhando força no Velho Mundo, em decorrência dos trabalhos de novos empíricos como Rabelais, Garcia de Orta e Paracelso, que promoveram mudanças na medicina, que convivia, no século XVI, com todo tipo de saber herbário e com os pregões de drogas oferecidas nos mercados (CARNEIRO, 1994, p. 65). Para além dos saberes populares e da diversidade de plantas e drogas provenientes dos impérios coloniais, surgiram novos pressupostos, como, por exemplo, da iatroquímica, que propunha a cura através dos semelhantes, opondo-se, conseqüentemente, à cura através dos contrários. No Setecentos, observa-se a gradativa transposição do experimentalismo com plantas e animais para textos de Matéria Médica e de Medicina erudita, a despeito da continuidade do uso de remédios mágicos, como podemos encontrar nos tratamentos descritos nas Cartas Ânuaas, que serão abordados no capítulo 3.

---

<sup>33</sup> Segundo Ivone Reis, o humoralismo previa a cura através dos contrários: existiram três tipos de temperamentos quentes: um no qual persistiam os contrários: o contrário de quente e úmido seria frio e seco (e vice-versa), o contrário de quente e seco seria frio e úmido (e vice-versa). Para saber mais, ler o artigo da autora que possui uma imagem representativa: REIS, I. Um mapa da medicina antiga: entre a cura através dos contrários e a cura através dos semelhantes. 2013.

<sup>34</sup> A experiência aqui se refere às diferentes formas pelas quais sujeitos do período testavam e conferiam resultados que muitas vezes distoavam das concepções inicialmente sugeridas pelas teorias clássicas da época. Era esta a forma pela qual diversas inovações ocorriam.

A formação jesuítica possuía uma certa abertura intelectual para as ciências<sup>35</sup> e, por isso, se entende alguns dos experimentalismos e investimentos feitos nas artes de curar. Ao longo do Seiscentos e da primeira metade do Setecentos, a necessidade de formar membros preparados espiritual e academicamente para a obra missional levou os missionários a centrarem-se no ensino, o que rapidamente se tornou uma das prioridades para os jesuítas, pois não bastava somente realizar a obra espiritual entre os nativos: era preciso formar, preparar, o que implicava treinamento e instrução. Poucas ordens religiosas depositaram tão grande investimento nestas atividades formativas (IMBRUGLIA, 2017, p. 6). Dos estudos experimentais realizados pelos jesuítas tanto na Europa, quanto nos territórios de missão dos impérios ibéricos, derivou-se um interesse cada vez maior pela natureza e uma consequente mudança na forma como os mesmos a viam, isto é, de algo formoso e maravilhoso para uma natureza possível de ser entendida através de investigações (KRIZOVA, 2019, p. 37).<sup>36</sup>

No século XVII, coube, especialmente, aos irmãos coadjutores<sup>37</sup> o conhecimento da fauna e da flora existente no entorno das reduções da Província Jesuítica do Paraguai (KRIZOVA, 2019, 43), mediante uma rigorosa observação e também do contato com os nativos. Os textos científicos e etnográficos que resultaram destas experiências de contato intercultural acabaram por colocar os jesuítas como aqueles que detinham um controle e a posse intelectual das regiões em que viviam (HUFFINE, 2005).<sup>38</sup> A produção

---

<sup>35</sup> Esta afirmação se justifica no fato de que um grupo de jesuíta dentre aqueles que atuaram na Província Jesuítica do Paraguai dedicou parte do seu tempo para a realização de observações e experimentações de cunho científico. A relação de alguns nomes e as áreas contempladas pelas investigações podem ser encontradas na obra **Science in Vanished Arcadia**, de Miguel de Asúa (2014).

<sup>36</sup> Este fenômeno insere-se em um longo processo forjado por uma noção renascentista de que o aprendizado não se dava somente pela memorização dos dogmas da Igreja, mas através da aprendizagem pela própria natureza. (FLECK, 2014).

<sup>37</sup> Vale lembrar que os irmãos coadjutores se dedicavam ao “temporal” (MONLEVADE, 2009, p. 339), e, muitas vezes, se dedicavam ao aprendizado de línguas nativas e às artes de curar.

<sup>38</sup> Dentre os autores jesuítas que se dedicaram a este tipo de descrição, podemos destacar Pedro Lozano, que nasceu em Madri, em 1697, e ingressou na Companhia de Jesus em 1711. Ele chegou à América em 1714 e, no ano seguinte, passou a atuar como professor de Filosofia e Teologia em Córdoba, função que exerceu até 1724. Atuou como historiador da Província a partir de 1730, ocupação que exerceu até sua morte em 1752, na cidade argentina de Humahuaca. Deteve-se na descrição da natureza e das populações indígenas da Província Jesuítica do Paraguai, tendo mencionado, inclusive, a *Materia Médica Misionera*, e apresentado Montenegro como “um distinto e respeitável médico” (MOURA, 2019, p. 209). Além de Lozano, outros missionários jesuítas se dedicaram à descrição da flora e da fauna

de obras relacionadas com as artes de curar pelos jesuítas se inseriu, portanto, em um lento processo, auxiliando tanto na conversão, quanto colocando os jesuítas na condição daqueles que possuíam legitimidade para falar acerca do mundo natural local.

Empenhados em conhecer a natureza, os jesuítas se dedicaram a identificar as plantas, colher suas sementes e frutos, aprender a cultivá-las, estudar o seu cozimento e preparo, além de criar um sistema de classificação dos espécimes. Através de livros como a *Materia Médica Misionera* (1710), de Pedro Montenegro, e *Paraguay Natural Ilustrado* (1771-1776), de José Sánchez Labrador<sup>39</sup>, tomamos contato com o sistema de classificação que os jesuítas adotaram, tanto no período pré, quanto pós-divulgação daquela que foi proposta por Lineu.<sup>40</sup> Após serem identificadas e classificadas, quer por indígenas, quer por padres, as plantas podiam ser utilizadas em aplicações médicas, considerando suas virtudes. Os historiadores Maria Silvia Di Liscia e Aníbal Prina (2002) apontam que os jesuítas reconheceram o grande arcabouço de conhecimentos botânicos dos indígenas, dedicando a eles uma escuta muito apurada e aberta, para “interrogar, averiguar, requerir a los especialistas, es decir, aquellos que durante siglos habitaron un sitio concreto, se alimentaron de sus plantas y animales y curaron con diversos medios sus enfermedades” (DI LISCIA, PRINA, 2002, p. 302).

E para que os receituários e tratados de botânica médica chegassem a outras reduções e colégios da Companhia, fez-se necessário o treinamento de índios copistas.<sup>41</sup> A já citada *Materia Médica* (1710), do irmão Montenegro, por exemplo, circulou em versões manuscritas ao longo do século XVIII, tendo sido impressa somente em 1888, por Ricardo Trelles, na *Revista Patriótica Del Pasado Argentino* (FLECK, BIEHL, 2020, p. 2).

---

americana, como Florián Paucke (1719-1780), Thomas Falkner (1702-1784), Martin Dobrizhoffer (1718-1791) e José Jolís (1728-1790).

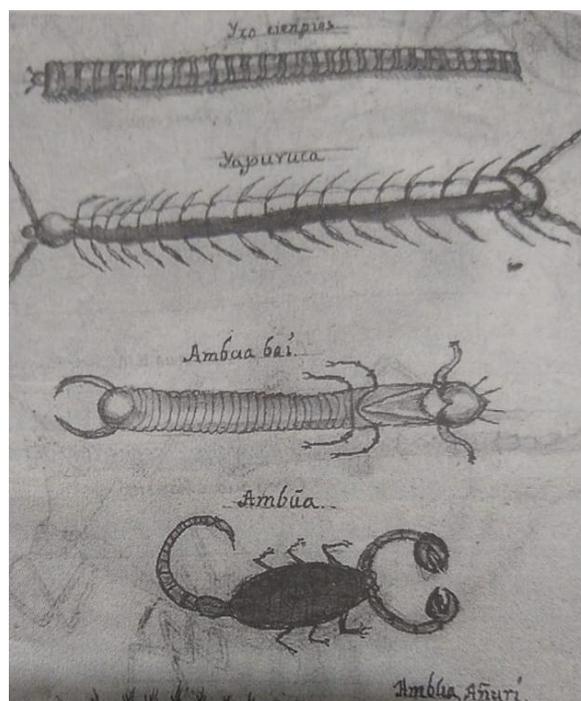
<sup>39</sup> Sánchez Labrador foi um missionário jesuíta que atuou na América platina do século XVIII e que possuía interesses por muitos campos, desde a geologia, a botânica, zoologia e o clima. Adotou uma visão científica no sentido moderno da palavra, e descreveu a natureza como um objeto útil e classificável através da investigação (FLECK, 2020, p. 69).

<sup>40</sup> O método de descrição, classificação e nomenclatura usado por Lineu foi adotado por muitos botânicos no mundo todo como maneira de uniformizar os procedimentos e universalizar a linguagem científica (KURY, 2015, p. 2)

<sup>41</sup> Os indígenas copistas atuaram também na tradução, do espanhol para o guarani, em obras como *De la diferencia entre lo temporal y lo eterno* (NEUMANN, 2007).

Muitas vezes, os jesuítas adaptavam receitas que prescreviam o uso de plantas europeias, como se pode constatar nesta passagem em que Montenegro observa que havia localizado outras duas espécies aquáticas da planta *llanten* silvestre, sendo que: “no desdican en nada de la estampa de Mathiolo, y Dios Corides, los cuales constam de las virtudes que ellos dicen” (POLETTTO, 2014, p. 165). O interesse na descrição de animais e plantas por parte dos jesuítas se justificava não só pelo valor de conhecê-los, mas, também, pelos usos medicinais que cada um poderia ter. No *Libro de Cirugía* (1725), os insetos são usados para diferentes receitas, sendo que o “espírito de formigas” é empregado em emplastos<sup>42</sup> utilizados em casos de tumores. Já no *Paraguay Natural Ilustrado*, de José Sánchez Labrador (1771-1776) chama a atenção o fato de ter apresentado os insetos nas denominações que recebiam dos indígenas, ressaltando sua indicação e preparo para o tratamento de certas doenças.

Figura 1 – Insetos retratados na obra *Paraguay Natural Ilustrado*



Fonte: LABRADOR, 1776.<sup>43</sup>

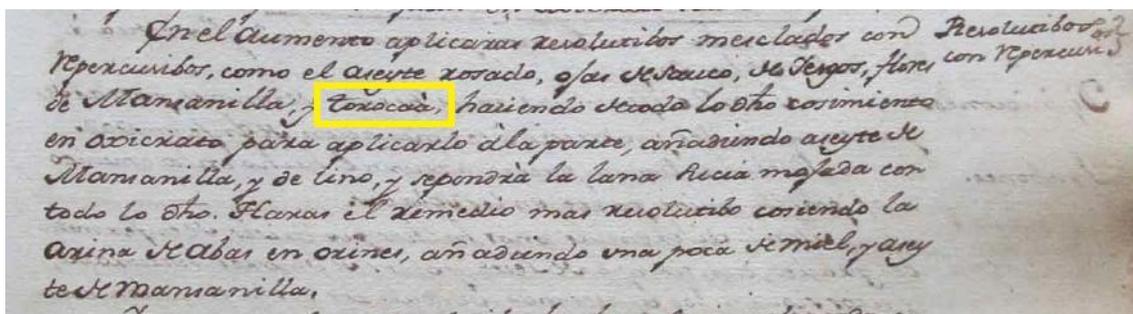
<sup>42</sup> “Emplastro consta rotura de pelo conforta la parte el aseyte de lagartijas, como el de ormigas, ò qualiera de ellos principalmente el de lagartijas, muchos lo tubieron on tado la rotura dotos los dias” (LIBRO, 1725, p. 403).

<sup>43</sup> LABRADOR, S. *Paraguay Natural Ilustrado*, 1776, Tomo IV, Livro III, p. 193. In: FLECK, 2015.

Plantas, insetos e outros animais nomeados em guarani nas três obras citadas são um indicativo das experiências de contato e de trocas vivenciadas por padres e irmãos na América platina e, sobretudo, da preocupação de que fossem reconhecidos por copistas e enfermeiros nativos encarregados de certas funções nas boticas e enfermarias. No capítulo sobre tumores do *Libro de Cirugía*, o autor-compiler refere a planta nativa *torocaa*, informando que podia ser usada, juntamente com outros medicamentos, para dissipar os tumores (resolutivos) quando houvesse crescimento da inflamação:

“En el aumento aplicaras resolutivos mezclados con repercusivos, como el aseyte rosado, ojas de sauco, de Yesgos, flores con repercusivos de Mansanilla, **Torocaa**, haciendo de todo lo otro cosimiento en oxicato para aplicarlo a la parte, añadiendo aseyte de Mansanilla, y de lino (LIBRO, 1725, p. 366).

Figura 2 – Menção à planta nativa no Libro de Cirugía (1725)



Fonte: ANÔNIMO, 1725.<sup>44</sup>

Estas três obras escritas ao longo do século XVIII atestam a produção de conhecimento médico, farmacológico e cirúrgico na América platina do Setecentos, o que nos possibilita refletir sobre a circulação e apropriação de saberes e práticas, tanto daqueles que constavam nos livros que compunham o acervo das bibliotecas dos colégios da ordem, quanto daqueles que foram assimilados a partir da observação da natureza e do contato com as

<sup>44</sup> ANÔNIMO. Libro de Cirugía Traslado de Autores Graves y Doctos para alivio de los enfermos Disponível em: Archivo Histórico de la Provincia de la Asunción de la Santa Virgen del Rio de la Plata, 1725, p. 366.

populações nativas.<sup>45</sup> No próximo tópico, ressaltamos a importância das bibliotecas que os jesuítas formaram no âmbito da Província Jesuítica do Paraguai, destacando as obras de cirurgia e de medicina que estiveram à disposição dos missionários para consulta, sobretudo, daqueles que estavam encarregados das artes de curar. Destinamos, ainda, especial atenção ao *Libro de Cirugía*, manuscrito redigido na América platina, e que refere, em seu Prólogo, um bom número de obras que integravam o acervo de bibliotecas mantidas pela ordem jesuíta.

Em espaços como as bibliotecas da Universidade de Córdoba, do Colégio de Nossa Senhora de Montserrat e do Colégio de Santo Ignacio, em Buenos Aires, livros estavam à disposição dos religiosos tanto para seu entretenimento, quanto para sua instrução.<sup>46</sup> Havia, com certeza, alguns em línguas vernáculas, mas, em sua maioria, eram livros em latim, o idioma da ciência no período. (MOYA, p. 779-780) Sabe-se que alguns jesuítas recebiam, inclusive, provisões para comprarem livros e montarem bibliotecas particulares, sendo que dentre eles se encontravam livros de ciências, entre os quais havia livros de medicina, física e matemática. (MOYA, 2012, p. 777-797).

A Companhia de Jesus foi vista, desde sua origem, como uma ordem de leitores e autores virtuosos (DE TEZANOS, 2014, p. 106). A preocupação com uma boa provisão de livros levou o Padre Geral da Companhia de Jesus, R. P. Tirso González, a escrever ao Provincial no Paraguai, Ignacio Frías, no ano de 1699, solicitando que orientasse os Procuradores da Companhia a levarem consigo livros que deveriam ser distribuídos aos estudantes, a fim de provê-los com leituras (FURLONG, 1925, p. 469). Em 1716, por outro lado, o Provincial de Assunção escreveu ao padre Miguel Ángel informando que viu crescer de

---

<sup>45</sup> Mais do que somente converter, os jesuítas tinham o interesse em civilizar e instruir, o que pode ajudar na compreensão do esforço de aquisição de livros para integrarem o acervo de bibliotecas, e de instrumentos musicais e itens de devoção para as práticas devocionais nos espaços platinos. Ocorre que o processo de ocupação de espaços pelos missionários, de reconhecimento de territórios e culturas, levou a uma espécie de “englobamento” do mundo por parte dos ibéricos a partir da segunda metade do século XVI, que transformou o mundo ecumênico e sua representação cartográfica e espacial (ROMANO, 2019, p. 1-6).

<sup>46</sup> Este aspecto pode ser observado na passagem em que Francisco Retz, referindo-se à trajetória do padre Francisco Burgés, em Córdoba, informa que: “*allí completó sus estudios de humanidades y ciencias sagradas*” (CA 1714-1720, 1994, p. 6, grifos nossos).

forma substancial “el numero de libros en nuestra biblioteca” (CA 1714-1720, 1994, p. 11).

As primeiras bibliotecas mantidas pelos jesuítas na América platina foram instaladas ainda no Seiscentos, a partir do pedido feito pelo bispo de Assunção ao Rei de Espanha, no qual ele manifestava sua insatisfação com o fato de que não havia livros em latim, de Arte e Teologia para o estudo dos noviços (FURLONG, 1933, p. 122). O ano era 1617 e o Padre Viana era um dos responsáveis por viabilizar a compra de livros, que eram um tanto quanto caros para os inicianos à época. Com a passagem dos anos, os acervos foram sendo abastecidos, como o da Biblioteca do Colégio de Córdoba, que, em 1730, recebeu mais 700 novos livros comprados pelo Procurador Antonio Machoni através de fundos levantados junto a devotos (C.A.1730-1735 In: PAGE, 2004, p. 309).

Por ser um colégio de referência, Córdoba possuía mais livros do que outros, mas havia a possibilidade de empréstimo de um colégio para outro.<sup>47</sup> O Colégio de Santa Fé, por sua vez, contou com mais de seis mil livros no momento da expulsão, e o Colégio Grande de Santo Ignacio tinha dez mil volumes, enquanto que as reduções e missões, trezentos a quatrocentos livros (FURLONG, 1933, p. 124). Mas as bibliotecas não eram apenas espaços de acomodação de livros, pois nelas também podiam ser encontrados, em menor número, é verdade, tratados e receiptuários manuscritos que circulavam entre os colégios da Companhia e permitiam que os missionários tomassem contato com o que estava acontecendo nas outras terras de missão das áreas coloniais do Império espanhol.

Os inventários das bibliotecas dos colégios, realizados após a expulsão da Companhia em 1767, fornecem valiosas informações sobre o que se comprava, o que se lia e o que era utilizado na formação dos quadros da Ordem e o que, por exemplo, era ou podia ser consultado quando se trata das

---

<sup>47</sup> Conforme a organização documental da Companhia, havia um formulário de controle das obras que saíam da biblioteca de um colégio e iam para outra, o que aponta que livros podiam ser alugados em um colégio distinto do acervo no qual, inicialmente, se encontrava. Possivelmente, o controle se dava com informações colocadas no próximo exemplar, na face frontal ou posterior. No entanto, a passagem de um livro de um colégio para outro era um evento excepcional, e não corriqueiro (OBERMEIER, 2019, p. 1).

artes de curar. Na biblioteca do Colégio de Córdoba havia oitenta obras ligadas diretamente às artes de curar, o que se alterava significativamente quando pensamos nas bibliotecas das reduções, como a de Apóstoles, cuja biblioteca contava com apenas um livro de medicina, a *Obra Medico Quirurgica de Madame Fouquet* (POLETTTO, 2014, p. 128), citada, inclusive, no manuscrito *Libro de Cirugía*, que será analisado mais detidamente na dissertação.

Um exemplar da obra de Fouquet pode ser encontrada na Biblioteca Dr. Mamerto Esquiú<sup>48</sup>, cujo acervo conta com outros tratados médicos que referem tratamentos para tumores, dentre os quais destacamos: *Medicina y Cirugia Racional y Espargirica*, do licenciado Juan de Vidos y Miro (1699); *Compendio Cirurgico util y provechoso a sus profesores*, de Diego Robledo (1694); *Breve Curso de Nueva Cirugia Dedicado Al Serenissimo Señor Infante D. Antonio por D. Antonio de Monrava y Roca*, de 1728; *Curso Chimico*, de Nicolás Lemery (1721); *Exercitaciones anatomicas* de Don Blas Beaumont (1728); *Medicina Domestica* ou Tratado Completo do Método de Precaver e Curar as Enfermidades com o Regime e as Medicinas Simples, do médico Guillermo Buchan; *Tratado de las enfermedades más frecuentes de las gentes del campo*, por Mr. Tissot, doctor y catedrático de Medicina de la Sociedad Real de Londres, Imprenta de Pedro Marin, Madrid (1790). Também a obra “*Opera Medico-Practica*”, de Joh. Jacobi Waldschmidt<sup>49</sup>; o “*Tractado en el cual se explica la essencia y naturaleza de la enfermedad (que llaman landres)*”, de Francisco Peres, publicado em Sevilha, em 1617. Cabe ressaltar que, no *Libro de Cirugía*, obra que nos deteremos mais detidamente nos próximos capítulos, são mencionados os autores Robledo, Fouquet e Vidos.

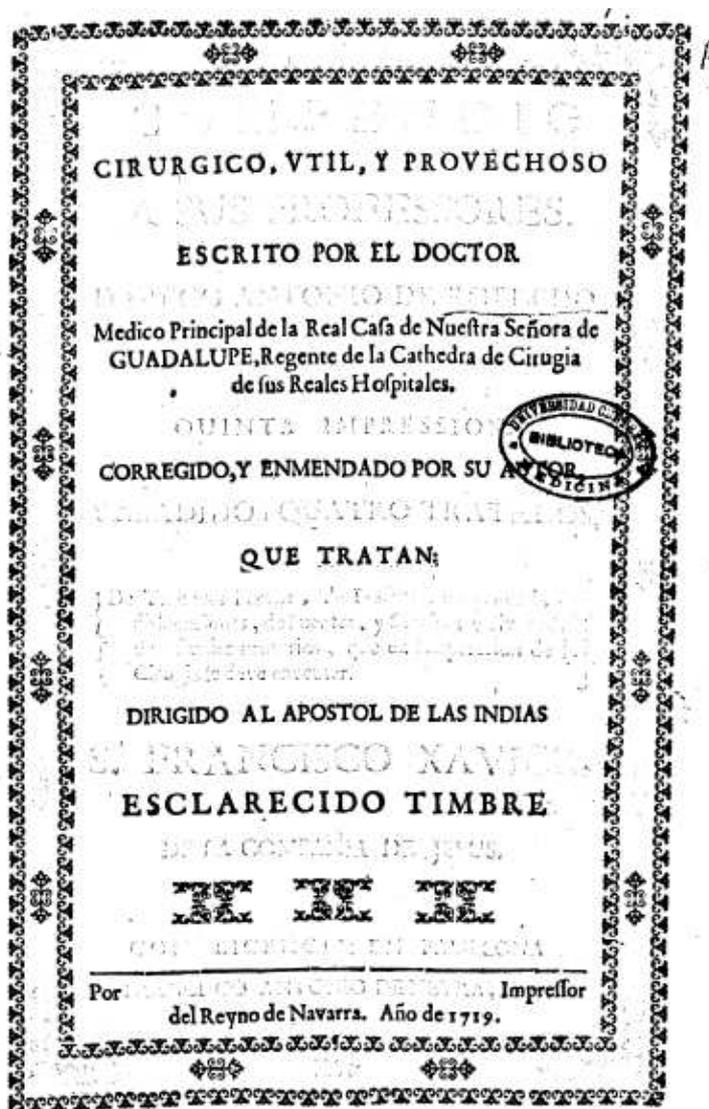
A obra *Compendio Cirurgico util y provechoso a sus profesores*, de Diego de Robledo tem sua primeira edição em 1694, e a edição disponível no acervo de obras raras da Biblioteca Dr. Mamerto Esquiú data de 1735. Nele, encontramos um capítulo específico sobre tumores.

---

<sup>48</sup> Esta Biblioteca localiza-se em Santo Antônio de Pádua e é mantida pela Província Franciscana de Buenos Aires.

<sup>49</sup> Nesta obra, constata-se a influência do humoralismo-galênico na menção de que um tumor resultava da agitação de humores: “Itaque segnius promoti quam illi, qui continuo a tergo sequuntur, tumorem excitant, qui si durante illa humorum agitatione” (WALDSCHMIDT, 1718, p. 72).

Figura 3- Frontispício da obra de Diego Robledo, utilizada no manuscrito platino



Fonte: ROBLEDO, 1735.<sup>50</sup>

Já a versão da obra de Juan de Vidos y Miro que acessamos neste acervo é de 1709, podendo ter sido trazida para a Província Jesuítica do Paraguai por algum dos padres destinados a um dos colégios ou às reduções da região ou, então, adquirida pelo Procurador, personagem fundamental para o abastecimento tanto das bibliotecas, quanto das boticas. Vidos foi um licenciado em Filosofia, que atuou na Igreja Paroquial do Senhor São Pablo de Zaragoza, e que, apesar de não ter se formado em medicina, obteve uma

<sup>50</sup> ROBLEDO, 1735. D. Compendio Cirurgico util y provechoso a sus profesores escrito por el doctor D. Diego Antonio de Robledo. Madrid, 1735. Portal da Biblioteca Nacional da França (Gallica). Disponível em: < <https://gallica.bnf.fr/> >Acessado em: 15 jul. 2021.

licença para exercê-la. Recebeu críticas por condenar o uso excessivo de sangrias e mencionou algumas vezes os tumores em seu tratado.

Figura 4 – Frontispício da obra de Juan de Vidos, utilizada no manuscrito platino



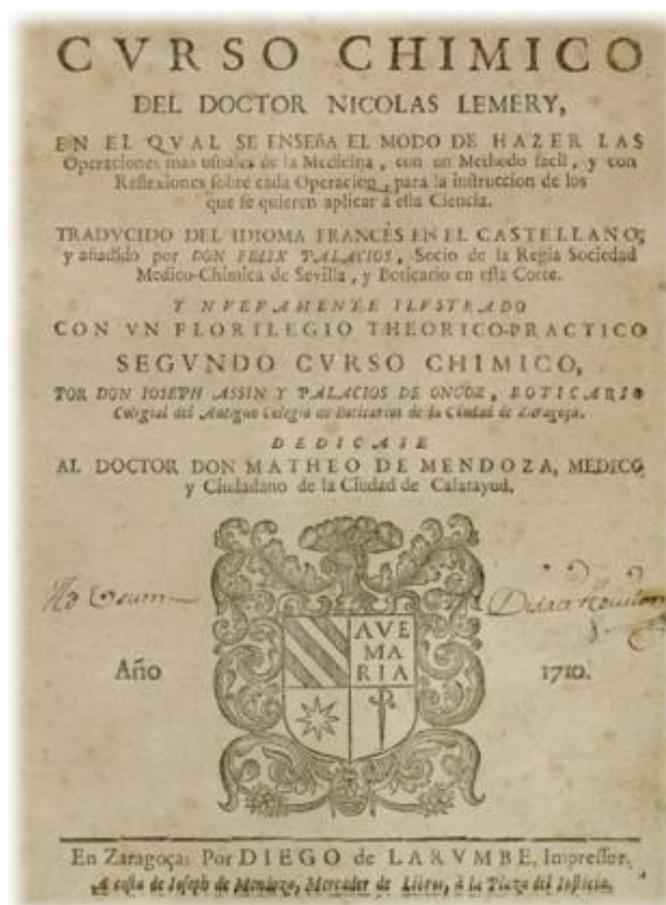
Fonte: VIDOS, 1699.<sup>51</sup>

Na obra *Curso Chimico*, de Nicolás Lemery, cujo frontispício compartilhamos na sequência, não há um capítulo específico sobre tumores, mas o autor menciona que os tumores venéreos são cheios de humores ácidos (LEMERY, 1721, p. 125).<sup>52</sup>

<sup>51</sup> J. Medicina y Cirugia Racional y Espargirica. Madrid, Portal da Biblioteca Nacional da França (Gallica). Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/>> Acessado em: 15 jul. 2021.

<sup>52</sup> O autor comenta que alguns tumores que surgem nos testículos de castores podem ser processados e utilizados com fim medicinal, sendo removido o excremento tumoroso, adicionado o sal tártaro, colocado em banho maria com vinho, até formar a essência de tintura

Figura 5 – Frontispício da obra de Nicolás Lemery



Fonte: LEMERY, 1721.<sup>53</sup>

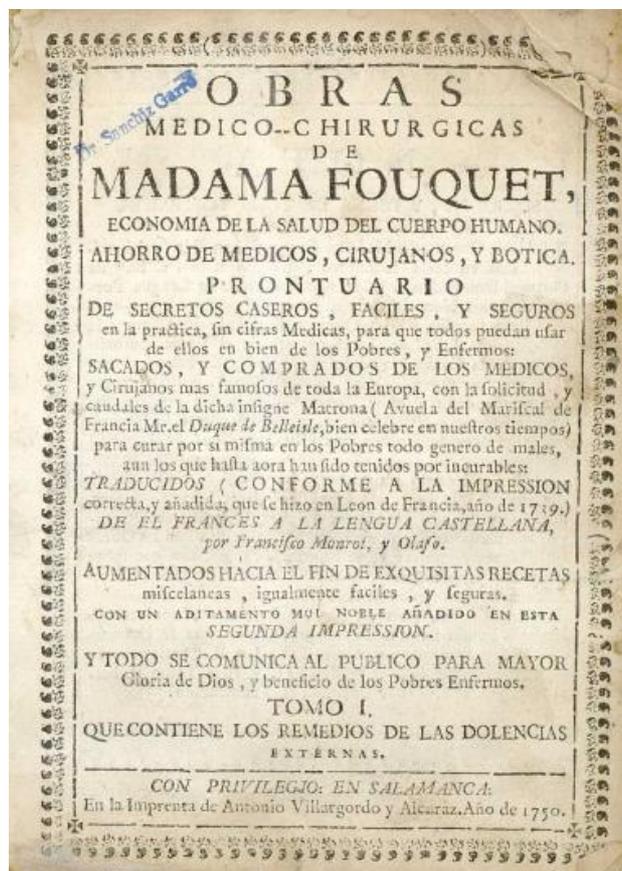
No livro *Obras Medico-Chirurgicas* de Madame Fouquet, publicado em Paris, em 1684, e, em Lyon, em 1685, temos menção a tumores, mas não um detalhamento das concepções ou dos diagnósticos. Nele, no entanto, a autora apresenta receitas que poderiam ser aplicadas para curá-los, tais como bálsamos e unguentos.

---

de castóreo, que pode ser usada conjuntamente com ópio, em algumas situações (LEMERY, 1721, p. 627-628).

<sup>53</sup> N. Curso chimico, en el cual se enseña el modo de hazer las operaciones ás usuales en la medicina. Traducido en castellano por Don Felix Palacios, Madrid, 1721. Portal da Biblioteca Nacional da França (Gallica). Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/>> Acessado em: jul. 2021.

Figura 6 - Frontispício das Obras medico-chirurgicas de Madame Fouquet, de 1685



Fonte: FOUQUET, 1750.<sup>54</sup>

Considerando, especificamente, o *Libro de Cirugía*, no seu Prólogo encontramos a informação de que seu autor e compilador<sup>55</sup> consultou as obras de Andrés Fernández Laguna<sup>56</sup>; Pedro Andrés Mathiolo Senense; Plínio;

<sup>54</sup> FOUQUET, M. Obras medico-chirurgicas de Madame Fouquet. Portal da Biblioteca Nacional da França (Gallica). Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/>> Acessado em: jul. 2021.

<sup>55</sup> Contrariamente ao historiador Guillermo Furlong, que atribuiu a autoria do manuscrito a Pedro Montenegro, a historiadora Eliane Fleck (2020) propôs a noção de um autor-compilador anônimo, considerando que há capítulos de transcrição na íntegra de tratados e outros em que se constata a autoria, mediante menções explícitas a experiências vividas ou realizadas, sem que, no entanto, existam evidências concretas de que o Livro tenha sido compilado e escrito por Montenegro. A manifestação de autoria pode ser constatada nesta passagem: “Estando yo en san miguel me avisaran de la enfermedad de un indio, que hera colica flatuosa, a la qual llaman ellos Yabirù. Tenia el vientre inchado como un tambor, y ya conados los santos Sacramentos: dispuselè la medicina” (LIBRO, 1725, p. 248).

<sup>56</sup> Andrés Laguna (1499-1559) foi um médico, fârmaco botânico e humanista espanhol, tradutor de Dioscórides.

Cláudio Galeno<sup>57</sup>; Felipe Borbon; Domingo Trapiella y Montemayor; Pedro Francisco Castellón; Jerónimo Soriano; Dioscórides; Diego Antonio de Robledo; Hipócrates; Manuel de Porres; Augustin Farfán e Bernardo de Gordônio (FLECK, BIEHL, 2020, p. 18). Das obras acima mencionadas, localizamos apenas três na Biblioteca da ordem franciscana em que foi localizado o manuscrito, o que, efetivamente, não significa que outras não tenham sido acessadas pelo autor-compiler anos antes do decreto de expulsão da Companhia de Jesus, que não somente inventariou, como também dispersou os acervos das bibliotecas.

Figura 7 – Frontispício do Libro de Cirugía



Fonte: ANÔNIMO, Libro de Cirugía Traducido de Autores Graves y Doctos para alivio de los enfermos. Disponível em: Archivo Histórico de la Provincia de la Asunción de la Santa Virgen del Río de la Plata, 2015.

De acordo com o autor-compiler, o *Libro* deveria reunir conhecimentos teóricos e práticos em uma só obra, a fim de facilitar o acesso e o manuseio por parte dos encarregados das artes de curar (FLECK, BIEHL, 2020). A

<sup>57</sup> Cláudio Galeno foi um proeminente médico e filósofo romano de origem grega que viveu entre o século II e III, autor de obras de medicina.

divisão dos capítulos do manuscrito observou as partes do corpo humano, precedidas por um capítulo introdutório de preparação de químicos e receitas que se aplicavam em todas as demais partes. Os capítulos apresentam delimitações, a exemplo do capítulo das Enfermedades de la cavidad abdominal, que compreende o estômago, o pâncreas e outras partes do corpo.

Há uma tabela dos horários do nascer e do pôr do Sol nas reduções, de acordo com o mês do ano. São citadas vinte e duas reduções jesuítico-guaranis da região, com seus respectivos graus de latitude. No *Dispensatorio Medicinal*, encontramos a apresentação de diferentes tipos de emplastos, tais como os brancos, metálicos, emplastos de albayalde, de litargirio, unturas, bem como de infusões e o modo de utilizá-las, além do uso de cataplasmas, que devem ser pressionados sobre a área a ser curada para que seu efeito seja mais profundo e duradouro.

Na parte da destilação, são descritos os azeites, como o de sálvia, de espliego, de tomillo<sup>58</sup>, de romero<sup>59</sup> e outros. Para exemplificar a descrição de um deles, no caso do azeite de sálvia, suas virtudes são as de dissolver e de atenuar a enfermidade, tumor ou inflamação, podendo ser usado, portanto, em casos de paralisia ou perda de parte dos movimentos e de aneurisma. Tinham também indicação nas enfermidades de mulheres, e, ainda, em dores articulares, dores de estômago, azia, e para fazer retornar o apetite daqueles que o perderam.

A seguir, o capítulo em questão apresenta o modo de preparo de infusões a partir de rosas, algo que é útil em casos de tumores. Em uma tigela, são colocadas as pétalas de rosa, pesadas em libras, seis, sendo colocadas

---

<sup>58</sup> Planta perene, da família labiada, muito perfumada, com caules lenhosos, retos, esbranquiçados, ramificados, de 20 a 30 cm de altura, folhas pequenas, lanceoladas, com bordos desgrenhados e algo peciolados, e flores brancas ou rosadas nas cabeças flacidez axilar. É muito comum na Espanha, e a decocção de suas flores costuma ser usada como tônico estomacal. Fonte: Portal da Real Academia Espanhola. Dicionário da Real Academia Española (DRAE). Disponível em: < <https://dle.rae.es/>>. Acessado em: 26 jul. 2021. Em En Hernández [romero] la infusión de las hojas se utiliza en dolor estomacal y afecciones hepáticas (SANTAMARÍA, 2003, p. 247).

<sup>59</sup> Arbusto da família labiada, com caules ramificados de aproximadamente um metro de altura, folhas opostas, lineares, grossas, coriáceas, assentadas, inteiras, sem pelos, brilhantes, verdes na face superior e esbranquiçadas na face inferior, de odor muito aromático e sabor pungente, flores azuladas em cachos axilares e frutos secos com quatro sementes minúsculas. É comum na Espanha e é usado na medicina e perfumaria (DRAE, 2021).

sobre elas quinze libras de água fervente, misturadas com espátula de madeira. Em seguida, se cobre a tigela com um pano de lã, e sobre ele se põe um tapador, geralmente, de madeira, para que o preparo possa descansar, isolado do meio exterior, pelo período de, pelo menos, dez horas. Após aquecida e resfriada a tigela, o pano branco se grudaria nela, sendo prensado novamente e agregado a uma nova rosa, para que se unam. O processo pode ser repetido e, mediante aquecimento, resfriamento e transferência, para que mais rosas sejam adicionadas e, assim, mais substância esteja disponível para aplicação em alguma lesão, a depender de sua extensão (LIBRO, 1725, p. 28).

O *Dispensatorio* trata também da purificação de sucos de limão, laranja e daquele extraído do já mencionado *llanten*. Primeiramente, os frutos são cortados, depois espremidos e filtrados em uma tela. A substância é colocada em tigela de barro para cozinhar em fogo baixo, sendo removida do fogo e coberta para proteger o suco do meio externo, até que ficasse pronto e pudesse ser colocado em frascos, que poderiam guardá-los por anos, sem que, por isso, perdessem seu vigor. Na continuidade, são descritos, de forma bastante didática, os processos de cozimento, aromatização, clarificação, filtração, calcinação e torrefação.

A técnica empregada para a preparação dos antimônios também é válida para o preparo de cinábrios de mercúrio, litargirios e tártaros. Em seguida, é descrita a técnica para obtenção de azeite de lenhos, tal como pedaços do tronco Palo Santo, o sazafrás, o junipero e outros. Estes lenhos eram utilizados, na forma de azeites, em lesões de pele. Dos azeites de salsafraz, eram derivados os mucilagos, substâncias viscosas obtidas a partir de suas sementes. Cristais, cascas de ovos e leite da planta *tresna* e do *heléboro negro* também podiam ser usados em semelhantes azeites (LIBRO, 1725, p. 48).

O *Dispensatorio medicinal* segue com uma explicação das melhores épocas do ano para apanhar caranguejos, que deveriam ser recolhidos quando o Sol estivesse em Leão, mês de agosto, e metidos dentro de um vaso de cobre, para que pudessem ser levados ao fogo para tostar, até poder fazer pó”

(LIBRO, 1725, p. 52). A tabela, que apresenta os signos com os meses e os dias, pode ser vista abaixo:

Figura 8 – Tabela astrológica

Declaracion de los Dose signos, y sus complecsiones.		
<p>♈ A 21 de Marzo entra el Sol en es, es de Caliente y seca complecion, y tiene aspecto a toda la Caules. En opo- sito es de tra.</p> <p>♈</p>	<p>♉ A 21 de Abril entra en tauro, es de fria y complecion, tiene as- pecto al perusso, y es en su opo- sito en contra.</p> <p>♉</p>	<p>♊ A 21 de Mayo entra en Gemini, es de Caliente y seca complecion, tiene aspecto a los brazos opo- sito Vegetativo.</p> <p>♊</p>
<p>♋ A 21 de Junho entra en cancer, es de fria y umeda Comp. aspecto a los pechos, Oposito Capricornio.</p> <p>♋</p>	<p>♌ A 21 de Julho entra en leon, es de Caliente y seca comp. aspecto al Corazon, y es opo- sito a yuguento.</p> <p>♌</p>	<p>♍ A 21 de Agosto entra en Virgo, es de fria, y seca Comp. aspecto al Om- bligo, y en opo- sito Pericel.</p> <p>♍</p>

Fonte: ANÔNIMO, 1725.<sup>60</sup>

Nele, encontramos também explicações sobre a preparação da planta litargirio em forma de uma mistura feita com chumbo, cobre e terra (BLUTEAU, 1721, p. 29). A mistura pode ser colocada em uma vasilha com água por doze dias até virar uma mistura que pode ser reduzida a uma massa mais compacta e, seca, se torna uma pastilha que pode ser consumida e que é boa para várias enfermidades (LIBRO, 1725, p. 52).

Podia-se fazer xarope de diversas plantas, infusões e, no caso do *llanten*, a planta servia para desinflamar as vias urinárias (ARENAS, 2012, p. 247). O xarope de *llanten*, assim como o de camomila, com a erva avenca (culandrillo)<sup>61</sup>, o de chicória, da planta fumária<sup>62</sup> e de tabaco possuem usos

<sup>60</sup> ANÔNIMO. Libro de Cirugía Trasladado de Autores Graves y Doctos para alivio delos enfermos. Disponível em: Archivo Histórico de la Provincia de la Asunción de la Santa Virgen del Rio de la Plata, 1725, p. 442.

<sup>61</sup> Culandrillo é uma erva da classe das filicíneas, com folhas de até 20cm de altura. Fonte: Portal da Real Academia Espanhola. Dicionário da Real Academia Espanhola. Disponível em: <<https://dle.rae.es/>>. Acessado em: 26 jul. 2021.

medicinais. Com a hortaliça polipódio e com a planta guarani *mburucuy* era possível preparar uma purga bastante eficiente. O *mbucuruy* foi citado em várias partes do manuscrito, bem como outras plantas nativas, como o *aguarabay*, que era utilizado no preparo de cataplasmas, ajudando no tratamento de úlceras, inflamações e dores decorrentes de fraturas e luxações.

O capítulo apresenta, ainda, vomitivos, utilizados no caso de febres intermitentes, de asma, e de complicações estomacais, empregadas de acordo com os temperamentos dos indivíduos: os melancólicos raramente deveriam ser sangrados, por sua constituição, assim como os mais fracos, havendo, portanto, evidências da apropriação<sup>63</sup> de pressupostos hipocrático-galênicos (LIBRO, 1725, p. 131).

O segundo capítulo constitui-se na transcrição do Tratado de Anatomia do Dr. Manuel de Porres, que inicia com a pergunta: “o que é o corpo humano? É um todo composto de muitas partes e dotado de razão” (LIBRO, 1725, p. 150). Tratando de uma anatomia mais de superfície, o autor-compiler dedicou algumas partes a cavidades e órgãos internos, mencionando tanto a anatomia muscular quanto a esquelética.

Porres se detém nos tratamentos de paralisias e derrames cerebrais, indicando o uso de vomitivos, purgas e remédios que pudessem incitar espirros no enfermo (LIBRO, 1725, p. 185). O autor-compiler do manuscrito indicou a *ysica* do Paraguay para tratar dos nervos, bem como vomitivos, mercúrio, extrato da planta *junipero* e formigas para a preparação de uma bebida.

No capítulo Enfermedades de la cabeza, foram mencionadas diversas plantas nativas, tais como *yacare*, *caapitã guasu*, *caanambi*, *caabera ricue*, *ybopermiri*, *yacare* e *caayci* (LIBRO, 1725, p. 215-217). A menção às plantas em guarani aponta para a troca de saberes com os indígenas locais, sendo que

---

<sup>62</sup> Esta planta contém 7 alcalóides diferentes, sendo o principal o fumarato. Em Jujuy é feita uma infusão na congestão hepática que também atua como colerética, reativa a função hepática e a produção de bile, purifica, diurética e hidropisia. Em uso externo, cura doenças da pele, eczema, erupção cutânea e dermatose. O suco dessa planta, de sabor amargo, é usado na medicina (SANTAMARÍA, 2003, p. 174).

<sup>63</sup> O termo apropriação é empregado nesta dissertação tanto associado aos usos feitos a partir de leituras, quanto às práticas empregadas. No primeiro caso, associado aos livros de medicina e cirurgia citados no Libro de Cirugía, e, no segundo, associado às práticas cirúrgicas e medicinais utilizadas pelos diferentes agentes das artes de curar.

este conhecimento “es apresado por los misioneros, puesto en forma escrita y luego en circulación en otros ámbitos, llegando a lectores insospechados” (DI LISCIA, 2002, p. 314).

As asma, pleurises e demais acometimentos do trato respiratório foram abordadas no capítulo *De las Enfermedades del Pecho*. Nele, encontramos que o azufre com vinho branco era indicado para a asma, enquanto que, para as inflamações nas pleuras, eram utilizados remédios eméticos ou vomitivos (LIBRO, 1725, p. 225). Para o tratamento das dores de estômago, há a indicação de medicamentos à base de cravo, canela, noz moscada e anis, bálsamos e caldo de marmelo, empregados com o objetivo de reequilibrar o trato estomacal (LIBRO, 1725, p. 239). Cólicas podiam ser tratadas com cascas de laranja, cravo e vinho branco, enquanto que pedras na bexiga podiam ser administradas com folhas de salsa, folhas de parietaria<sup>64</sup>, agrião e regaliz<sup>65</sup> (Ibid, p. 289).

No capítulo seguinte, que trata sobre febres, seu tratamento se dava pelo princípio dos contrários, segundo o qual o equilíbrio podia ser reestabelecido mediante a compensação de um humor com o seu oposto: “se deue curar con su contrario, y las de calor con frios medicamentos, y las frias con calidas, las colericas con medicamentos frios, y umedo, las flematicas con calido, y seco, las sanguineas, con frio y seco, y las melancolicas con calido, y umedo” (LIBRO, 1725, p. 318). Assim como no capítulo da cabeça, as plantas indígenas são mais uma vez mencionadas, como o *ybiimirri*, indicado nas febres mais coléricas (breves e intensas), caracterizada por causar angústia naqueles que eram acometidos, justamente por inflamar o estômago, o fígado, o diafragma e o pericárdio. Seu caráter, frio, baixava a pulsação e provocava alterações da urina, que ficava mais escura (LIBRO, 1725, p. 324).

O capítulo sobre pulso, urina e crises listou vinte tipos distintos de colorações de urina, de modo que as mais escuras eram causadas pela

---

<sup>64</sup> Em Misiones [paletaria], um chá de ervas ou terer é feito para tratar úlceras e feridas internas. No Paraguai, [ka'a piky] é recomendado como diurético durante a febre (SANTAMARÍA, 2003, p. 222).

<sup>65</sup> Planta também chamada de alcaçuz, possui propriedade anti-inflamatória e expectorante. Fonte: Portal da Real Academia Espanhola. Dicionario da Real Academia Española (DRAE). Disponível em: < <https://dle.rae.es/>>. Acessado em: 10 jun. 2021.

corrupção da digestão, melhorando conforme a coloração fosse ficando mais clara. Por fim, o *Libro* conta com um anexo, no qual encontramos descritos tumores, inflamações e cânceres e seus respectivos tratamentos. A ele, se seguem algumas páginas avulsas que parecem complementar o *Dispensatorio Medicinal*, uma vez que trazem orientações de preparo de receitas, um índice remissivo e mais setenta páginas de anotações sobre enfermidades, que, acreditamos, possa ter sido acrescentada posteriormente à primeira redação do manuscrito.

No próximo capítulo, iremos nos deter nas listas de remessas de instrumentos, livros e medicamentos embarcados em navios enviados à Província Jesuítica do Paraguai, e nas correspondências avulsas de padres jesuítas, que não foram reunidas nas *Ânuas*, e que se encontram disponíveis no *Arquivo General de la Nación*, a fim de apresentar e discutir indícios da prática da cirurgia por integrantes da Ordem jesuíta.

### **3 “PIDIO AL HERMANO CIRUJANO QUE LO ABRIESE Y QUE LA SACASSE [LA ENFERMEDAD]”: EVIDÊNCIAS DE PRÁTICAS CIRÚRGICAS NAS MISSÕES**

Ao longo dos séculos, religiosos e curandeiros populares dedicavam-se a cuidar das almas e dos corpos de enfermos, recorrendo a todo o tipo de práticas, muitas delas envolvendo relíquias sagradas, demonstrações de milagres e sessões públicas de exorcismo. A extensão de tais práticas tomou-se tão considerável que, em 1139, o Papa Alexandre III ameaçou de excomunhão os eclesiásticos que assistissem a conferências sobre o corpo e a doença, assuntos médicos. São Bernardo, fundador da Ordem Cisterciense, não somente proibiu, aos seus monges, o estudo e a prática da Medicina, mas também qualquer interferência no tratamento de suas próprias moléstias, pois comprar drogas, consultar médicos ou tomar remédios eram ações que “não beneficiavam a religião” (CALDER, 1976). Mais severo, por sua vez, foi o Edito de Tours, de 1163, documento que declarou que a Igreja era contrária ao derramamento de sangue, e a cirurgia, algo evitável. A Bula do Papa Bonifácio VII (1300) decretou que quem retalhasse o corpo humano e o fervesse seria objeto de expulsão da Igreja. A bula, contudo, não foi dirigida contra os anatomistas, mas, sim os Cruzados, os quais, no propósito de embarcar para as pátrias os restos mortais, para que pudessem ser sepultados em tumbas de ancestrais, tinham adquirido o costume, para escândalo da Igreja, de retalhar e de ferver os cadáveres, para ficar com os seus esqueletos. Contudo, aquela bula foi aplicada como proibição contra a dissecação, bem como contra o exame *post mortem*.

No caso dos membros da Companhia de Jesus, os missionários que atuavam na América somente obtiveram autorização para exercer a medicina em 1576, quando o papa Gregório XIII permitiu sua atuação onde não houvesse médicos. (FLECK, 2021, p. 2). Apesar da tardia liberação, os jesuítas já previam nas Constituições que os noviços deveriam passar um período de um mês em um hospital, com vistas a exercitarem a caridade e a

humildade. Aos mais destacados, era dada a oportunidade para se aprofundarem, posteriormente, em farmácia e enfermagem (FLECK, 2021, p. 2), sendo que alguns dos irmãos enviados à América vinham já treinados nas “artes de curar”, cultivando conhecimentos em cirurgia, botânica, farmácia e outros campos.

Para os críticos da Companhia de Jesus e de sua atuação no Novo Mundo<sup>66</sup>, a exemplo de alguns dos intelectuais ilustrados do século XVIII, os missionários pouco ou nada contribuíram para as ciências, e, por conseguinte, na medicina, cirurgia e artes de curar. Esta visão vem sendo revista por alguns historiadores que têm destacado o papel de missionários na produção científica e, em especial, nas artes de curar no Novo Mundo.

Para seus críticos, os jesuítas eram religiosos afeitos somente aos livros dogmáticos, não demonstrando qualquer interesse na compreensão da natureza e na contestação de algumas máximas científicas que contrariavam a compreensão do universo e da sociedade humana então vigente. O que se observa, no entanto, já desde o século XVI, é algo bastante distinto, na medida em que a Companhia dedicou-se ao ensino na Europa e nos territórios dos impérios ibéricos e à observação da natureza e das populações com as quais entraram em contato, a fim de dominar as línguas faladas para melhor convertê-las. Cabe ressaltar que alguns dos irmãos e padres enviados para atuar nas terras de missão já possuíam uma maior familiarização com os ofícios mais práticos, como aqueles próprios das artes de curar, e um interesse maior em conhecer a fauna e a flora, a fim de melhor abastecer boticas e atender os enfermos. De suas observações do ambiente que circundava as reduções e os colégios e das práticas curativas nativas resultaram receituários e obras que, em grande medida, conciliavam pressupostos da teoria humoralista com procedimentos adaptados à realidade na qual se encontravam

---

<sup>66</sup> Dentre os autores críticos da Companhia de Jesus estão aqueles que viam a ordem como uma empresa evangelizadora não desprovida de interesses econômicos, que teve escravos em suas fazendas, colégios. Na nota explicativa tu poderias colocar autores como os pensadores iluministas como Voltaire (1694-1778), d’Alembert (1728-1777), Diderot (1713-1784) e que apontam para o atraso e o obscurantismo que os jesuítas trouxeram para o ensino e as ciências na Época moderna. Historiadores como Luis Felipe Baeta Neves e Paulo Assunção foram bastante críticos das estratégias de evangelização e destacaram os negócios/o comércio e os escravos que os jesuítas tiveram.

atuando. Dentre os religiosos que se dedicaram às artes de curar, inclusive, realizando cirurgias, estão o já citado Pedro Montenegro e Sebastian Grimau.<sup>67</sup>

Se o exercício do ofício de cirurgião pode ser atestado em registros ou receituários produzidos pelos próprios religiosos, ele pode ser também atestado em cartas trocadas entre jesuítas e nas listas de aquisição de instrumentos cirúrgicos e outros artigos de medicina pelos Procuradores da Companhia de Jesus.<sup>68</sup> No caso das correspondências, em algumas delas encontramos passagens que apontam ou, então, sugerem o envolvimento dos membros da ordem que atuavam na Província Jesuítica do Paraguai no século XVIII na prática médico-cirúrgica. Em uma carta de 28 de dezembro de 1762, o padre Joseph Cardiel requisitou ao Padre Nicolas Contucci o envio de um religioso com conhecimentos de medicina para atuar junto aos enfermos: “procura venga um hermano de asiento al ejército, como se há hecho otras veces para curar tanto enfermo como hay de españoles, e indios, y al mismo, se le acometen con frecuencia varios achaques, y no hay aqui cirujano alguno. Yo sobre selo he dificultado. Ahora con la venida de otro hermano parece no sera tan dificil. Ni hay quien sepa sangrar” (AGN-PARES, 12/1762, p. 1).

No ano anterior, em carta de 25 de janeiro de 1761 dirigida ao Padre Manuel Arnal, o Padre Blas Gorria menciona um pedido de vinho: “el vino que el año pasado envió el padre Carrió es tan malo, que habemos hallado más de 20 botijas de vinagre, y en 30 que los días pasados se abrieron, salieron 13 de vinagre. Vea una. Si estamos bien, por pues Vsa [Vuestra Señoria] envíen buen vino, aunque que este caso, porque sí no se pierde todo, y los sujetos se quejan con razón, aunque del que usa ha enviado hasta ahora no me puedo quejar” (AGN-PARES, 25/01/1761). Para além do consumo ou de seu uso em cerimônias litúrgicas, o vinho, vale lembrar, podia ser também utilizado para atenuar dores, na assepsia de feridas ou como ingrediente em várias receitas. Embriagando-se um paciente, era possível realizar a cirurgia, sem que fosse

---

<sup>67</sup> Referido na obra de Hugo Storni, Mathias Grimau nasceu em Barcelona no ano de 1718 e ingressou na Província do Paraguai em 1739. Os primeiros votos foram feitos em 1741, e o quarto, em 1750, em Candelária, Misiones, onde se encontrava no momento da expulsão. Faleceu em Ravena, na Itália, em 1776 (STORNI, 1980, p. 129).

<sup>68</sup> Os Procuradores eram indivíduos responsáveis por representar os interesses da Companhia de Jesus no exterior, atuando na obtenção de bens, negociando produtos necessários para os colégios e reduções (MARTÍNEZ-SERNA, 2009, p. 183).

comprometida a precisão dos procedimentos. Panos utilizados na boca e fortes doses de álcool eram indispensáveis para que o cirurgião pudesse operar sem distrair-se com os gritos ou tivesse que se preocupar com os movimentos do enfermo ferido (FIGUEIREDO, 1999, p. 7). Pode-se, portanto, supor que o vinho pudesse ser também utilizado para estas outras finalidades que não as próprias dos ofícios religiosos e de consumo.

Considerando os dados levantados pela historiadora Corina Gramatke (2019) junto ao Arquivo Geral de Índias, em Sevilha, e do Arquivo Geral da Nação, em Buenos Aires, é possível comprovar, a partir das listas de remessas, que os jesuítas procuraram contar com livros, medicamentos e instrumentos que qualificassem sua atuação nas artes de curar.

Da análise destas listas que relacionam produtos adquiridos pela Companhia, depreende-se o importante papel desempenhado pelos Procuradores Provinciais<sup>69</sup>, indivíduos responsáveis por representar a Companhia no exterior e acompanharem a aquisição de produtos necessários

---

<sup>69</sup> Com vistas a um acompanhamento da gestão das províncias no Novo Mundo, o Provincial de Roma enviava “Visitadores” para inspecionar e fazer auditorias, no intuito de verificar se o Procurador administrando bem os “esforços transatlânticos da Companhia”. O orçamento que dispunham os Provinciais era definidor dos itens e da quantidade que poderiam trazer para cada colégio e redução, de modo que alguns itens podiam não ser obtidos devido à inviabilidade financeira de sua aquisição em um determinado momento. Na metade do Seiscentos não havia conexões regulares e legalizadas de navios entre Buenos Aires e a Espanha, devido à inexistência de um Vice-reinado que regulamentasse os trânsitos. A regularização só se deu décadas à frente, de modo que nesse meio tempo foi preciso encontrar uma alternativa para viabilizar os trânsitos. A Coroa espanhola passou a conceder licenças individuais para navios ou pequenas frotas navegarem fora de suas rotas até um certo limite, e esta possibilidade de desvio de trajeto foi utilizada por navegadores para aportarem mais próximo do Paraguai. Em 1647, P. Pasto, em uma de suas cartas, afirmou que para aqueles interessados em descarregar materiais no Paraguai, aportar em Buenos Aires tornava o traslado economicamente mais viável e em termos de segurança se comparado com o caminho atravessando o Vice-reinado do Peru (Ibid, 2019, p. 165). Os Procuradores em viagem pela Europa podiam atuar na captação de novos missionários para atuar nas terras de missão na América, tal como ocorreu por ocasião da vinda de José Sánchez Labrador, que chegou jovem à região platina, onde desenvolveu relevantes pesquisas como naturalista. Dentre os textos produzidos por jesuítas que muito contribuiu para a captação de novos talentos para a Ordem foi o de Athanasius Kircher (1601-1680) (BOUMEDIENE, 2020, p. 236). Os procuradores encarregados de ir à Europa a fim de realizar as compras para a Província Jesuítica do Paraguai iam à Sevilha, onde tinham contato com o procurador local das Índias, que estava familiarizado com a burocracia, recebiam e repassavam algumas quantias, viabilizavam o embarque dos novos missionários e liberavam navios de carga para que eles viessem ao Novo Mundo. Muitas vezes, os procuradores contactavam agentes coloniais funcionários da Casa de Contratación. Este órgão, com sede em Sevilha, foi uma instituição envolvida no trânsito de produtos para a América. Atuando como uma espécie de câmara de comércio responsável pelos assuntos no exterior, ela foi fundada em 1503, para regular o comércio com as colônias da Espanha, controlar o tráfego de passageiros, selecionar novos navegantes, testá-los e inspecionar embarcações (GRAMATKE, 2019, p. 164).

para os colégios e reduções (MARTÍNEZ-SERNA, 2009, p. 183). Para Fabian Fechner, existiram quatro tipos de procuradores: o procurador de Província, função desempenhada pelos eleitos por congregações provinciais para participar da Congregação Geral ou da Congregação de Procuradores; o procurador dos colégios; casas, estâncias, responsável pela contabilidade e pela compra de bens; o procurador que atuava nas Cortes, e o Procurador Geral na Santa Sé. Finalmente, o procurador das Missões, responsável pelas provisões, e que tinha uma dupla função: negociar com as autoridades e comprar bens.<sup>70</sup> Dentre os procuradores das missões e dos colégios, aqueles que possuíam reconhecidas habilidades comerciais e administrativas podiam ser promovidos ao posto de procuradores provinciais. Para além de suas tarefas administrativas, os procuradores provinciais representavam os interesses da Companhia no exterior e construía extensas redes de trocas e de parcerias de trabalho com o mundo exterior à Ordem. Periodicamente, eles se reuniam em Roma para as Congregações Gerais de Procuradores, que definiam aspectos de suas atuações.

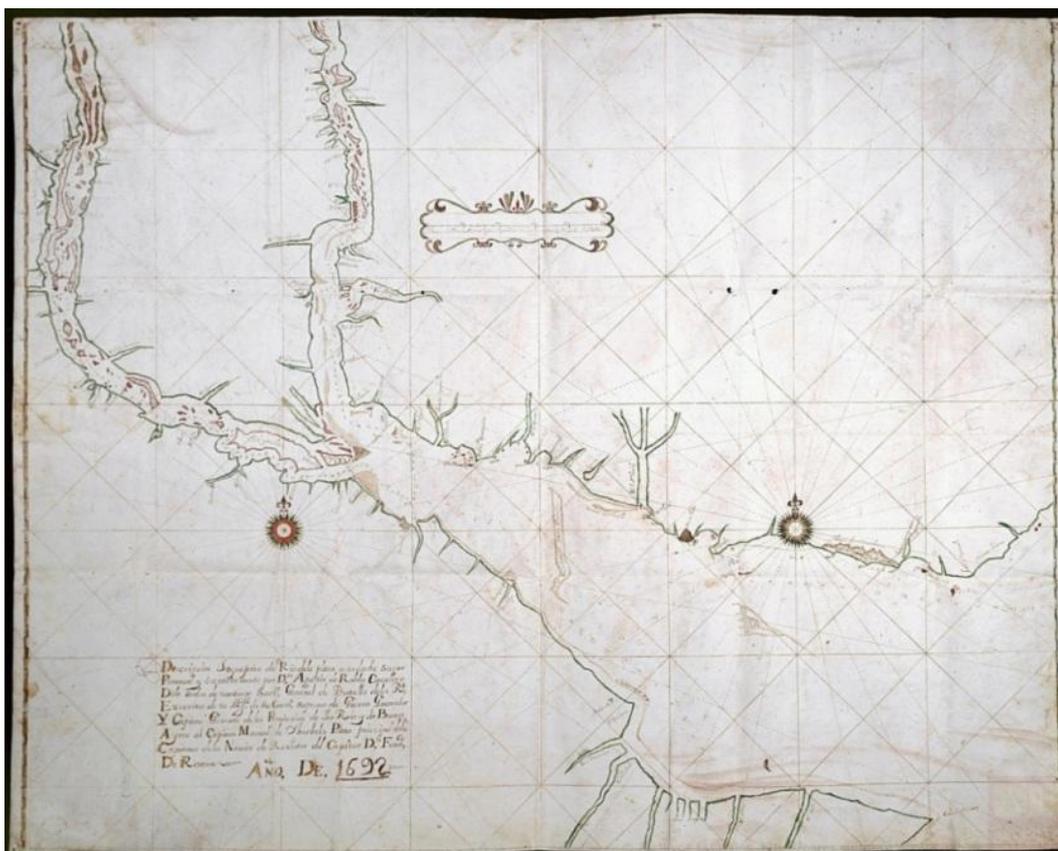
Mas, para além das bem sucedidas gestões dos Procuradores nos assuntos relativos à Companhia de Jesus, é preciso considerar as possibilidades de acesso e de abastecimento da região platina.<sup>71</sup> No mapa de 1692, encomendado por Don Agustín de Robles, é possível ver as diferentes capilarizações do vasto Rio da Prata, bem como as possibilidades de acesso a territórios mais interioranos através dele. Outro aspecto que precisa ser considerado é a eliminação dos impostos para a exportação de livros para a América, em 1722, que assegurou que um volume maior de livros aportasse no porto de Buenos Aires. Muitos deles versavam sobre cirurgia, medicina e farmácia e eram indispensáveis no tratamento de enfermidades, dentre as quais, os tumores.

---

<sup>70</sup> A historiadora Corina Gramatke fez um levantamento dos procuradores envolvidos em viagens ultramarinas nos séculos XVII e XVIII, bem como indicou o itinerário das viagens, isto é, os pontos de partida e de chegada (GRAMATKE, 2019).

<sup>71</sup> Os produtos que chegavam à região platina se valiam dos cursos fluviais do Rio da Prata. Através dele, era possível que os navios carregados de bens fossem deslocados até a região em segurança e com menores custos do que por terra.

Figura 9 – Mapa Ilustrativo do Rio da Prata



Fonte: Portal de Archivos Españoles (PARES), 2020.<sup>72</sup>

Nas listas de registros de embarques de navios, nas quais eram relacionadas as cargas embarcadas nas naus, foram feitas menções a ferros trazidos em quantidade considerável ao Paraguai, o que pode sugerir a aquisição de facas, lanças, tesouras e alicates.<sup>73</sup> Em uma das listas de registro de 1728, referente aos navios de San Francisco e San Bruno, consta que P. Herrán solicitou isenção de impostos, bem como uma permissão para levar oito caixas, sendo que elas continham cinco lâminas junto a outros materiais, como objetos de devoção, medalhas e relíquias.<sup>74</sup> Lâminas foram mencionadas

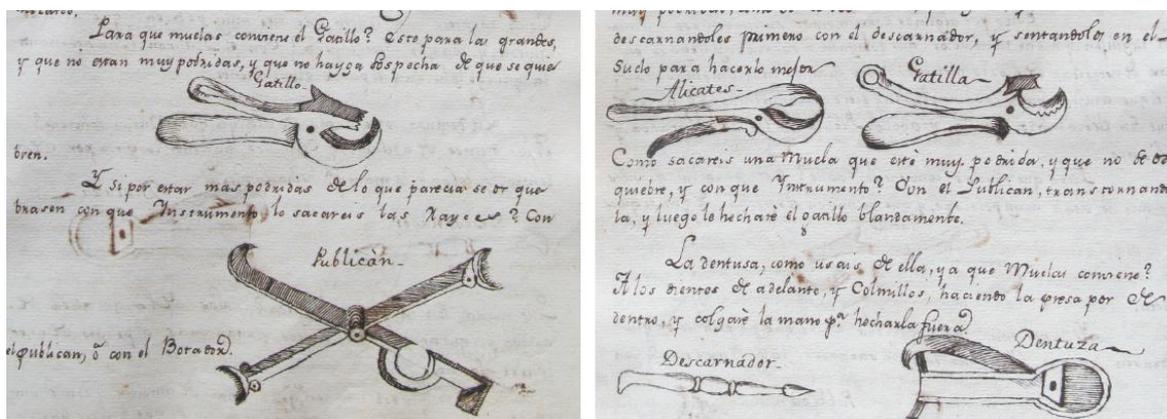
<sup>72</sup> Portal de Archivos Españoles (PARES). Disponível em: <https://pares.culturaydeporte.gob.es/inicio.html>. Acessado em: mai 2020

<sup>73</sup> Sabe-se que, em algumas reduções, foram instaladas fundições, visando à fabricação de ferramentas e peças metálicas, sendo que cabe destacar o envolvimento do irmão José Klausner, em 1719. Não encontramos, no entanto, registros de que tenham sido utilizados para moldar instrumentos cirúrgicos. Também o padre Antônio Sepp (1655-1733) chegou a relatar que os Guaranis chamavam de “itacuras” as pedras com listras e manchas pretas que, ao serem submetidas ao fogo, se fundiam como metal. Eram como “el que se saca de las minas de la Europa”, segundo Sepp (FURLONG, 2009, p. 82).

<sup>74</sup> Anhang B 11.3, Tira 5, AGI, Contratacion, 1701, N. 2, R. 2, fol. 1r-2v, in: GRAMATKE, 2019, p. 211.

também em uma lista de 1734, na qual Antonio Machoni e Sebastián de San Martín levaram “caixas [que] continham livros, lâminas, relíquias, gravuras, estátuas de santos”.<sup>75</sup> Facas de cortar e lanças, que eram utensílios empregados em cirurgias, foram carregadas em um navio de 1704, sendo relacionadas cento e vinte (120) facas ou cuchillos em 19 caixas.<sup>76</sup> A figura a seguir, que se encontra no *Libro de Cirugía*, de 1725, ilustra alguns dos utensílios empregados na Província Jesuítica do Paraguai:

Figura 10 – Instrumentos cirúrgicos no Libro de Cirugía (1725)



Fonte: ANÔNIMO, 1725.<sup>77</sup>

Outro instrumento que possuía uma relevância considerável eram as lâminas de barbear, que podiam servir para raspagem e remoção de excessos de tecidos e tumores. Foram feitas menções a dezoito dezenas de lâminas de barbear, ou seja, 216 lâminas, nas listas de uma embarcação de 1704, o que é algo muito significativo, podendo-se aventar que tenham sido também utilizadas para fins cirúrgicos. Já os alicates (tenazas) eram compostos por dois braços unidos por um eixo e eram empregados para segurar algo com força, bem para rasgar ou cortar. Foram também mencionados nas listas, e, muito

<sup>75</sup>As caixas continham livros, lâminas, relíquias, gravuras, estátuas de santos (sem detalhes de tipo e número), têxteis, vinhos, licores e doces (Ibid, 2019, p. 211). É plausível especular que estas lâminas possam ser, em alguns casos, objetos cortantes adotados em procedimentos cirúrgicos ou, até mesmo, na confecção de outros instrumentos de medicina, conforme definição de Raphael Bluteau (BLUTEAU, 1789, p. 6).

<sup>76</sup> Os documentos se encontram em Buenos Aires, no Archivo General de la Nación, sob a localização: “Anhang 13.7, 1745, Tira 20, AGI, Contratación, 1704, N. 3”.

<sup>77</sup> Libro de Cirugía Trasladado de Autores Graves y Doctos para alivio de los enfermos, 2015. Disponível em: Archivo Histórico de la Provincia de la Asunción de la Santa Virgen del Rio de la Plata, 2015.

possivelmente, foram empregados em cirurgias mais invasivas (GRAMATKE, 2019, p. 330-331).

Em uma das caixas da remessa enviada pelo procurador Francisco Diaz Taño, que retornou da Europa em 1756, foi citada uma caixa com cadinhos e moldes de pergaminhos (GRAMATKE, 2019, p. 224).<sup>78</sup> Os cadinhos eram bastante utilizados para aquecimento de substâncias e desidratação de compostos. No *Libro de Cirugía*, os cadinhos foram citados no seu primeiro capítulo, *Dispensatório Medicinal*. A preparação de compostos químicos, como o láudano, é relatada no *Libro*, e a menção aos cadinhos na lista de compras de 1756 reforça a ideia da aquisição destes objetos para o seu uso nas artes de curar por parte de padres e irmãos. O manuscrito também menciona o emprego de pós medicinais aplicados sobre tumores após a realização de cirurgia, mas não oferece mais detalhes sobre sua preparação. Curiosamente, os cadinhos são usualmente utilizados na redução granulométrica, desidratação, hidratação e modificações em outras substâncias como, por exemplo, o sulfato de cobre, e, em alguns experimentos que resultam em pós em seu interior (LIBRO, 1725, p. 31).

Em uma carta do Contador Principal da Casa de Contratación, Don Carlos Valenciano, escrita em 22 de agosto de 1752 ao missionário Joseph de San Antonio, comissário da missão de Cerro de la Sal, encontramos relacionados alguns produtos que ele pretendia carregar em seu navio chamado Nuestra Señora del Rosario. Dentre os quais, estão “herramientas del Relixioso Carpinttero, y Zirujano, seis Frasqueras las quattro regulares y dos más pequeñas, de vino, y ag.te diez y seis maletts, con la roma más manuable algunos Esttuches de Barbero y seis d[í]chos de lanzet[a]s Seis doz[ena]s de tixeras y Navajas”.<sup>79</sup>

Don Carlos Valenciano não menciona quais eram as ferramentas de cirurgião (zirujano [sic]), mas informa que deveriam estar em uma maleta ou bolsa separadas dos demais objetos. Pode-se supor que os seis frascos

---

<sup>78</sup> No navio da missão missionária de 1756, são mencionadas uma caixa para um irmão Velasco, que se dedicava à produção de folha de ouro em Córdoba, e uma caixa com cadinhos e moldes de pergaminho. Isso significa que, no período que antecedeu sua expulsão, os jesuítas podem ter sido capazes de fazer a folha de ouro eles próprios.

<sup>79</sup>Arquivo General de Indias. Anhang 3.2, 1752, Tira 38 bis AGI, Contratación, 1711, N. 2, fol. [899r], fol [899v]. In: GRAMATKE, 2019, p. 385.

(frasqueras) podiam conter algum composto químico, ácido, éter, uma infusão com plantas, vinho branco, mercúrio ou outra substância não especificada, proveniente de alguma botica na Europa. Além de serem compostos usados no tratamento de determinadas enfermidades, podiam ser também usados em testes de tonalidade, viscosidade e cheiro que uma determinada poção ou preparação deveria apresentar. Assim, uma *frasquera* poderia servir para a identificação dos ingredientes, a fim de que os irmãos e padres pudessem reproduzi-la nas boticas dos colégios e reduções.

Também pilões para esmagar e triturar plantas constam nas listas de remessas. O Marquês da Casa de Madri autorizou, em 1706, que fossem carregados para Buenos Aires em um navio, além de outros itens. Seu uso foi mencionado no manuscrito de cirurgia de 1725, sendo peça bastante útil na preparação de cataplasmas ou emplastros aplicados sobre a pele com lesões (LIBRO, 1725, p. 8)<sup>80</sup>. No manuscrito, encontramos menções a eles também nas passagens que se referem à remoção de tumores duros e dolorosos dos seios de mulheres.<sup>81</sup>

---

<sup>80</sup> O trecho mencionado é do capítulo *Dispensatório Medicinal*, e diz respeito ao uso do pilão em uma receita de emplastro: “En los Emplastros que de Miel, y povos se hacen que cantidades se han de poner? Puestos los polvos en un almirez, y calentada la miel, sin que sea cocida, se vaya echando la que bastare para agregar el emplastro, hasta que tome la forma, y masa de píldoras” (LIBRO, 1725, p. 8). Em outros trechos, o pilão foi utilizado em preparos envolvendo insumos mais sólidos, como na receita do “hígado de antimônio”, na qual ele é colocado junto com salitre, transformado em pó através do bastão do pilão, havendo, curiosamente, o uso de carvão em brasa: “mete esta mistura en un almirez de hierro o de bronce, y cubrelo con una texa que tenga un abugero en medio, por el cual introducirás un carvon encendido, despues lo retiraras: La materia se inflamará, y dará un grande estruendo, luego se resfriará, y con golpe de martillo en el hondo del mortero lo despegarás, y despues con otro golpe apartaras la ezcozia de la parte lucida que se llama higado de antimonio” (LIBRO, 1725, p. 32).

<sup>81</sup> O texto rioplatense citou que os pilões eram usados com algumas plantas: “en vaso sobre fuego, [...] se le mezclará la mirra, el incienso, y sucino, bien polvorizados; y la mirra si fuere crasa, que no se puede, hacer polvo, se disolverá [...] en el almirez, y todo unido, y mezclado, se converterá la massa” (LIBRO, 1725, p. 92). Os padres usavam o pilão (almirez) junto com cadinhos ou “crisóis”, pois foi mencionado no Livro que a “limadura de azero” com salitre e azufre podia ser esquentada em um cadinho sob fogo por seis horas, sendo depois deixada esfriar para ser colocada em um pilão para moer, para passar, posteriormente, por um cedazo (peneira). Dessa forma, as peneiras podiam ter um uso combinado com os pilões, com vistas ao refinamento dos pós, que eram colocados em frascos ou garrafas. O pilão também pode ser utilizado para triturar cânfora (alcanfor), que é depositada em vaso de terra, citado na receita de emplastro régio de Vigier, e em uma receita para emplastro de andorinhas (golondrinas), ambas indicadas para apostemas. No último emplastro, as penas, juntamente com a palha e o esterco dos filhotes, são trituradas no pilão e aquecidas ao fogo em mistura com mel, até obter consistência, sendo que recomendava-se que fosse aplicado sobre o corpo, ainda quente, com um pano (Ibid, p. 241).

Figura 11 – Representação de cirurgia de extração de câncer de mama no século XVIII



Fonte: SKUSE, A. *Constructions of Cancer in Early Modern England*, 2015, p.1

Em seus deslocamentos para atendimento, os irmãos levavam consigo os chamados estojos de barbeiro, os “estuches de barbero”, também citados nas listas de navios, e que serviam para guardar as lancetas e facas. Os estojos foram trazidos na embarcação que trazia o Procurador Francisco de Castañeda, no ano de 1743, e se encontravam também em um caixote de 1745, do Navio Santiago el Perfecto, do mestre Joseph de Egaña. No primeiro caso, foram relacionados 550 estojos e, no segundo, foram trazidas oito navalhas de barbear, 6 pedras de afiar, 6 tesouras, 5 dezenas de facas de mesa e 6 estojos com lancetas.<sup>82</sup>

Neste mesmo carregamento de navio, foram mencionadas as “tesouras metálicas” (*tijeras*), que podiam ser usadas para cortar protuberâncias ou saliências corporais, como no tratamento de aneurismas referido no *Libro de Cirugía* (LIBRO, 1725, p 396). Cabe destacar que os aneurismas eram tumores “contra a natureza, formados de sangue, pela dilatação, ou ruptura de alguma

<sup>82</sup> Em uma lista de frete, assinada por Francisco de Castañeda, datada de fevereiro de 1743, encontramos menção a “los estuches tijerillas y cosas semejantes son p[ar]a uso de los sujetos de la Pro[inc]ja, que cuenta más de 550”. As lancetas eram muito importantes para a cirurgia, por serem pequenas folhas de aço utilizadas para pequenas incisões, permitindo corte em ambos os lados e dispendo de uma ponta muito afiada.

artéria, accidente que talvez acontece na sangria do braço” (BLUTEAU, 1789, p. 490), cujo tratamento consistia em sua extirpação (LIBRO, 1725, p. 396).

Nas páginas a seguir, vamos continuar referindo instrumentos de cirurgia, ou materiais de botica utilizados pelos jesuítas e que estavam presentes nas listas, a fim de evidenciar o efetivo envolvimento dos religiosos nas artes de curar e, em especial, na cirurgia. É preciso lembrar que os navios que partiam da Espanha levavam, sobretudo, víveres e produtos que tinham algum valor. Artigos como medicamentos ou instrumentos eram carregados em quantidades relativamente ínfimas, “pelo peso, mas honrosa pelo seu valor, a inumerável farmacopeia das Índias, tendo à cabeça, os antissifilíticos, o pausanto e os sudativos, que permitem resistir, quando se é robusto, aos tratamentos mercuriais em doses maciças” (CHAUNU, 1980, p. 331).

Em algumas das listas de fretes dos navios citadas anteriormente aparecem menções às “coisas de botica”, sendo que, em uma remessa de navio de 1635, foram citados dois caixões. Um deles, pequeno, continha coisas de botica e, o outro, ervas de botica, sendo este documento assinado por Luis de Salcedo, Juan de Acoca e Paulo Nuñez.<sup>83</sup> Há, ainda, outras menções, nos anos de 1663, 1673 e 1674.<sup>84</sup> São também feitas menções a “medicamentos”, as quais se fazem presentes nas listas de remessas de navio dos anos de 1664, 1699 e 1701.<sup>85</sup> Em uma lista de registros feita pelo Procurador Geral Bartolome Zimenez, referente a itens enviados para a *Mision del Paraguay* por meio do Navio San Joseph y la Concepción, foram citados “quatro cajones de Medicinas de Votica”<sup>86</sup>. Em outro documento, foi referido o transporte de “um

<sup>83</sup> Anhang 1, Juan Bautista Ferrufino (1632-1636) (1635) AGN, Sala IX 45 5-6 fol. 20b. In: GRAMATKE, 2019, p. 242.

<sup>84</sup> Anhang 16.3 (1763) Tira 54, AGI, Contratación, 1717, N. 1 fol. [2r]. In: GRAMATKE, 2019, p. 343-344. Anhang 5.3, (1673) AGI, Contratación, 1224, N. 2, R. 1. fol. 40r. In: GRAMATKE, 2019, p. 281. Anhang 5.6, (1674) TIRA 99, AGI, Contratación, 2725, N. 3, R. 3. fol. 62v. In: GRAMATKE, 2019, p. 288.

<sup>85</sup> Anhang 4, Francisco Diaz Taño 1658–1663 Anhang 4.1, (1661–64) Tira 97, AGI, Contratación, 2725, N. 3, R. 2, fol. 177r. In: GRAMATKE, 2019, p.263. Anhang 10.2 (1717) Tira 2, AGI, Contratación, 1699. fol. [1r]. In: GRAMATKE, 2019, p. 307. Anhang 11, Jerónimo Herrán (10.4.1725 – 15.4.1729) Anhang 11.1 AGI, Contratación, 1701, Nr. 2, R. 2. Fol 16v. In: GRAMATKE, 2019, p. 308. Anhang 11.4 (1728) Tira 6, AGI, Contratación, 1701, N. 2, R. 2. fol. [1r] In: GRAMATKE, 2019, p. 311. Anhang 11.4 (1728) Tira 6, AGI, Contratación, 1701, N. 2, R. 2. fol. [1r]. In: GRAMATKE, 2019, p. 312.

<sup>86</sup> Anhang 10.2 (1717) Tira 2, AGI, Contratación, 1699. fol. [1r]. In: GRAMATKE, 2019, p. 307.

caxon de Medicinas”<sup>87</sup>. Sabe-se, também, que o Procurador Geral da Província do Paraguai solicitou a vinda de alguns itens no ano de 1701, conforme assinado e rubricado pelo Dr. Don Francisco del Olmo Paxares:

“El Padre Geronymo Herran de la Compañía  
De Ihs Proc[urado]r Gen[era]l de la Provincia del Para-  
Guay represento a V[uestra] S[eño]ría con el maior rendi-  
miento como tengo, que embarcar en los Navios  
S[an] Fran[cis]co y S[a]n Bruno, que estan proximos a  
hacer viaxe a Buenos Aires un caxoncito con algu-  
nas medicinas para el viaxe. [...]

[firmas y rúbricas]

D[octo]r D[on] Fran[cis]co del Olmo Paxares  
Por man[da]do del d[ic]ho S[eño]r Comiss[ario]  
D[o]n Diego Rodrig[ue]z Hidalgo  
Not[ario] del S[ant]o Ofiz[i]o”<sup>88</sup>

No mesmo ano, o Procurador Geronymo Herran também solicitou uma segunda remessa de itens, dentre os quais estava “um caxon de medicinas”<sup>89</sup> e uma terceira remessa, cujo despacho se deu no dia 4 de dezembro:

“S[eño]r Contador D[o]n Estevan de Avaria  
4 de diciembre se dio despacho  
[...] Sirvase V[uestra] m[erced] mandar dár Desp[ach]o al  
R[everendo] P[adr]e  
Geronimo Herran de la comp[añ]ía de Ihs, Procurad[o]r  
G[ene]ral de la Mission del Paraguay, para que pueda  
embarcar en el Navio nombrado s[a]n Fran[cis]co que está  
para hazer viaje a la Prov[inci]a de B[ueno]s Aires Una  
Petaca con cosas cosas [sic] comestibles, un caxon de  
Medicinas: tres tinajas para Aguas: cinco frasqueras  
[...] del uso de d[ic]ha Mision. Cadiz, o[ctub]re 4 de 1728

[firma y rúbrica]  
Pedro de Lea”<sup>90</sup>

Nas listas de remessas do Archivo General de Índias (AGI) também são mencionadas “*medicinas*” em outros dois trechos: “caxon nº 32. Contt[ien]e

<sup>87</sup>Anhang 11, Jerónimo Herrán (10.4.1725 – 15.4.1729) Anhang 11.1 AGI, Contratación, 1701, Nr. 2, R. 2. Fol 16v. In: GRAMATKE, 2019, p. 308.

<sup>88</sup>Anhang 11.4 (1728) Tira 6, AGI, Contratación, 1701, N. 2, R. 2. fol. [1r] In: GRAMATKE, 2019, p. 311.

<sup>89</sup>Anhang 11, Jerónimo Herrán (10.4.1725 – 15.4.1729). Anhang 11.1 AGI, Contratación, 1701, Nr. 2, R. 2Fol. 16v. In: GRAMATKE, 2019, p. 308.

<sup>90</sup>Anhang 11.4 (1728) Tira 6, AGI, Contratación, 1701, N. 2, R. 2. fol. [1r]. In: GRAMATKE, 2019, p. 312.

solo Medicinas. Cazon nº 33. Contt[ien]e Medicinas”<sup>91</sup>; e “Ytt[em] como tres Cajones de Medicinas para varios Colegios y Misiones”<sup>92</sup>. Face às evidências de compra de utensílios cirúrgicos, itens de botica e livros de medicina, parece-nos ficar comprovado que os missionários efetivamente se envolviam em atendimentos que compreendiam entorses, pneumonias, abcessos e pústulas, tumores e feridas. No caso dos tumores, tanto o *Libro*, quanto as listas fazem menção à triaca ou triaga:<sup>93</sup> “para resolver cualquier tumor, y para madurar, una cebolla blanca, asada, córtese en cuartos, y uno de ellos calientes se aplique al tumor; poniendo primero sobre la parte un poco de Triaca” (LIBRO, 1725, p. 110). Nas listas, encontramos a informação de que a triaca foi trazida em oito caixas em um navio no ano de 1745 e, posteriormente, em duas caixas no ano de 1763, vindas de Roma.<sup>94</sup>

Creio ser importante retomar, aqui, as funções que cabiam a um cirurgião, uma vez que nosso maior interesse residia em identificar e discutir evidências de que os jesuítas se dedicaram à cirurgia. Considerando a hierarquia dos ofícios das artes de curar, existia o médico ou físico, responsável por diagnosticar e receitar medicamentos, e que não tinha tanto contato com o sangue e com a carne; o cirurgião, que intervinha no corpo enfermo, assim como o barbeiro sangrador; e, por fim, o boticário, responsável por preparar medicamentos (FIGUEIREDO, 1999, p. 2).<sup>95</sup> A medicina era uma das artes liberais, detentoras de prestígio social, enquanto que, abaixo delas, estavam as artes mecânicas, nas quais se inseriam cirurgiões, barbeiros e

<sup>91</sup> Anhang 13.5 (1745), Tira 18, AGI, Contratación, 1704, N. 3. fol. [1v]. In: GRAMATKE, 2019, p. 322.

<sup>92</sup> Anhang 13.5 (1745), Tira 18, AGI, Contratación, 1704, N. 3 fol. [7v]. In: GRAMATKE, 2019, p. 326.

<sup>93</sup> O uso mais corrente da triaga é como contra o veneno de picadas de cobras, conforme BLUTEAU (1721, p. 490) e conforme o próprio manuscrito (LIBRO, 1725, p. 16), sendo usado também como vomitivo (LIBRO, 1725, p. 134) e em outros tipos de purgas, como pede a tradição humoralista (LIBRO, 1725, p. 138). A triaga foi também citada em uma receita de sudorífico – um preparado que fazia suar, provocando a expulsão dos excessos humorais (LIBRO, 1725, p. 148-149) para a enxaqueca (LIBRO, 1725, p. 181) e numa receita para apoplexia (derrame) (LIBRO, 1725, p. 183-184).

<sup>94</sup> Anhang 16.4 (1763) Tira 55, AGI, Contratación, 1717, N. 1 fol. [4r]. In: GRAMATKE, 2019, p. 348. Anhang 16.5 (1763) Tira 56, AGI, Contratación, 1717, N. 1 fol. [2r]. In: GRAMATKE, 2019, p. 350.

<sup>95</sup> Na obra teatral *O doente imaginário*, de Molière (1673), que conta a história de um idoso hipocondríaco, fica muito bem retratada a hierarquia social das profissões ligadas às artes de curar. Nela, se dá o momento da arguição do candidato a médico, o primeiro a entrar na sala é um enfermeiro, o segundo é um boticário, o terceiro um cirurgião e, por último, um médico.

boticários (LE GOFF, 2004, p. 298).<sup>96</sup> Os cirurgiões realizavam punções e sangrias, utilizavam ventosas, dominavam um instrumental de trabalho composto por navalhas e lâminas, cortantes e afiadas, indicavam remédios e vendiam talismãs.<sup>97</sup> Na prática, a delimitação quanto onde terminava o trabalho de um e onde começava o trabalho do outro não era muito clara, pois havia um trânsito muito grande entre as práticas exercidas pelos profissionais que se dedicavam às artes de curar.

No caso das regiões que abarcavam a Província Jesuítica do Paraguai, padres e irmãos jesuítas passaram a atender tanto os indígenas concentrados nas reduções, quanto a população que vivia naquelas cidades nas quais haviam instalado colégios, condenando enfaticamente quaisquer procedimentos de cura empregados por curandeiros, tidos como charlatães. Se, por um lado, em cidades como Córdoba, Buenos Aires e Assunção, encontramos praticantes, isto é, indivíduos que tinham alguma experiência em enfermarias ou hospitais ou que se sentiam motivados a atuar nas artes de curar, por outro, havia também a estigmatização do trabalho manual, sobretudo, por estar associado à uma condição social inferior e até à escravidão. Os procedimentos que demandavam o contato com o sangue e com outros fluidos eram exercidos majoritariamente por homens, embora algumas mulheres os executassem também, especialmente, aquelas que atuavam como parteiras, como se pode constatar em registros feitos nas *Ânuas*. Um exemplo da atuação das parteiras pode ser encontrado na Carta de 1659-1660, que relata que “houve outra morte no parto com hemorragia. Por sua extrema fraqueza, foi despejada pelas parteiras” (CA 1659-1660, 1927, p. 53-55 Apud FLECK, 2017). Conclui-se que, neste tipo de procedimento, os

---

<sup>96</sup> De acordo com Rafael Bluteau (1721), barbeiro é aquele “homem que faz as barbas, e as raspa, corta ou apara. Há barbeiros de lanceta, ou sangradores, outros dantes concertarão as espadas, limpando-as e afiando-as (...) (BLUTEAU, 1721, p. 167). Cirurgião, por sua vez, é “aquele que sabe e pratica a cirurgia, parte da Medicina que ensina a curar feridas, chagas, tumores, deslocções e as operações de abrir e cortar membros do corpo humano” (Ibid, p. 276). Médico era aquele que respeitava e professava a medicina, “ciência que ensina a conservar; e a reparar a saúde perdida por meio de remédios” (Ibid, p. 67).

<sup>97</sup> Nas sociedades coloniais americanas, os barbeiros e cirurgiões, as parteiras e benzedeadas, diletantes e intronizados, eram tradicionalmente responsáveis por atender a maior parte da sociedade. Se, no Velho Mundo, os doutores eram mais presentes, nos outros continentes a escassez de doutos era a regra, sendo os curiosos, autodidatas e curandeiros que corrigiam entorses e ossos quebrados, cortavam partes do corpo, aplicavam ventosas e indicavam chás, unguentos e emplastos, e se ofereciam para escutar os enfermos.

jesuítas sabiam que as parteiras indígenas eram as que melhor atenderiam as parturientes, por seu conhecimento prático tradicional, que era feito em uma casa separada, construída para esse fim (CHAMORRO, 2009, p. 266-267). Enquanto prestavam atendimento, as parteiras mascavam tabaco, proferiam palavras de ânimo e utilizavam infusões à base de plantas (FLECK, 2017, p. 8). No caso das reduções, os missionários podiam contar com a ajuda de indígenas treinados para auxiliá-los e que, muitas vezes, eles os acompanhavam nos atendimentos, como se pode observar no relato que dá conta da saída de Joseph Jenig (1724-1770) para atendimento de enfermos na cidade (CA 1725, 1994, p. 64).

Sobre as práticas cirúrgicas realizadas por jesuítas no Paraguai, pode-se considerar que houve uma progressiva passagem de práticas religiosas para uma medicina empírica na passagem do Seiscentos para o Setecentos e ao longo dele. Inicialmente, os jesuítas tratavam os enfermos com relíquias, orações e sacramentos, e, aos poucos, mesmo considerando as causas das doenças como sobrenaturais, passaram a adotar outros procedimentos de cura, manipulando medicamentos e, inclusive, realizando cirurgias. (ASÚA, 2014, p. 100). De acordo com Carlos Leonhardt, a partir de consultas aos tomos de Acordos do Cabildo de Buenos Aires, Manuel Alvarez<sup>98</sup> foi o primeiro cirurgião a chegar à região platina, em 1644. Dentre os boticários que atuaram, os destaques seriam o irmão Pedro Montenegro e os padres Segismundo Asperger<sup>99</sup> e Tomas Falkner<sup>100</sup> (LEONHARDT, 1937, p. 116), os quais, com certeza, recorreram a instrumentos, mezinhas e livros para que pudessem fazer o seu trabalho.

---

<sup>98</sup> Segundo Storni (1987), Manuel Alvares (1629-1726) foi um jesuíta que atuou no Brasil durante a maior parte de sua vida, tendo tido um período na Província Jesuítica do Paraguai, entre as décadas de 1680 e 1690 (STORNI, 1987, p. 10).

<sup>99</sup> Segismundo Asperger foi um jesuíta que nasceu em 1678 em Innsbruck, Áustria. Ingressou na Companhia de Jesus em 1705, e atuou como missionário de 1717 a 1772. Apesar de não ter sido um acadêmico de medicina, atuou de forma prática com estes tipos de conhecimentos, os quais, a saber, envolviam plantas medicinais, junto a um hospital no Velho Mundo. Foi professor no Colégio de Córdoba (FLECK, 2014, p. 226).

<sup>100</sup> Thomas Falkner foi um jesuíta que atuou na Província Jesuítica do Paraguai. Nasceu em outubro de 1707, em Manchester, estudou com o Dr. Richard Mead e ingressou na Real Sociedade de Londres. Mais tarde, veio ao Novo Mundo em uma viagem, na qual adoeceu. Quem o atendeu, aplicou os remédios e o curou foi um jesuíta, de modo que, após isso, decidiu se converter ao catolicismo e ingressar na Companhia de Jesus, o que se deu em 1732 (FLECK, 2014, p. 227).

Os encarregados das artes de curar nas reduções também recorriam a outras formas, que não as demandas encaminhadas ao Provincial e aos Procuradores, para atender suas necessidades, como foi o caso do já citado Mathias Grimau. A fim de obter pedras alumbres<sup>101</sup> e ervas<sup>102</sup>, Grimau se correspondeu com o Padre Bartholome Araos, que encaminhou a solicitação a Agustin de Leyza.<sup>103</sup> Algum tempo depois, o Intendente Martin Altolaquirre<sup>104</sup> escreveu a Grimau, relatando as dificuldades de enviar de medicinas, sendo necessário “suspender la remision de una y outra [medicina]”.<sup>105</sup> Muitas vezes, o alto preço das mercadorias dificultava os despachos, como se pode constatar na carta de 23 de abril de 1758: “V. S em la citada de 22 que ha suspendido la compra de la sal que le tema pedido, por estar a precio de dies y seis pesos la fanega, aunque tamadado”.<sup>106</sup> Já em 11 de maio, o Intendente agradeceu a Alonso de Veja pelo despacho de víveres e reforçou a necessidade do envio das medicinas que Mathias Grimau necessitava. Altolaquirre aproveitou, portanto, o despacho para assegurar que fosse feito também o envio das *medicinas*:

“Retido a V.S. infinitas gras por la mucho que su bondad ha contribuido al desempeño, de la que dependem cuidado, y en cluio la adjunta rasion de las medizinas que D. Mathias Grimau necesita, suplicandole, se sirvia dar la aun convemente para comprandolas quanto antes, se le remitan bien acondicionadas, a cargo del primer chasque que benga, pues me asegura que le hasen [...] falta”.<sup>107</sup>

Uma semana depois, ainda no mês de maio, Martin de Altolaquirre tornou a escrever, explicando a importância das *medicinas* para um hospital:

“Muitissimo en Carta de del coniente, padea la equivocacion de no hauer incluido la relacion de Medicinas formada por el zirujano mais don Mathias Grimau que en ella cito, y ahora la paso a manos de V. S. receoso de que llegue con la maior brevedad, para que el primer chaque pueda traer este corto socorro ve que tanto carece de Hospital [...] Dedico mior alas

<sup>101</sup> Segundo o dicionário da Real Academia Espanhola, pedras alumbres são minerais de material ferroso, que se cristalizam (DRAE, 2021).

<sup>102</sup> AR-AGN.DE/CJ, 9 – 415, 126.

<sup>103</sup> AR-AGN.DE/CJ, 9 – 415, 126.

<sup>104</sup> Carta dirigida a Martin de Altolaquirre sobre Dificultades de despacho de Medicinas. A Carta, de 22 de março de 1758, encontra-se no Arquivo General de la Nación, na localização AR-AGN.DE/CJ, 9 – 415, 227.

<sup>105</sup> AR-AGN.DE/CJ, 9 – 415, 291.

<sup>106</sup> AR-AGN.DE/CJ, 9 – 415, 291.

<sup>107</sup> AR-AGN.DE/CJ, 9 – 415, 322.

ornis del V. S. con verdadera voluntad, y pido a Dios que duvida más como desso en Borjas, y Mayo 17 de 1758”.<sup>108</sup>

No dia 14 de junho de 1758, Alonso de la Vega respondeu ao Intendente, dizendo que os víveres haviam sido enviados de carreta para Don Joaquin de Evadia,<sup>109</sup> e que as *medicinas* seriam conduzidas por Don Bento de Navarro. Na correspondência, Grimau é citado como o principal cirurgião na Missão de Candelária, o que pode ter reforçado a importância do pedido de entrega das *medicinas* e o viabilizado.<sup>110</sup> Tão logo as recebeu, o cirurgião Mathias Grimau constatou a falta de alguns dos medicamentos que havia solicitado. Isso o levou a escrever nova carta a Alonso de la Vega, no dia 3 de outubro, pedindo que fossem providenciadas “con la maior brevedad”:

“Mui señor mio. El Cirujano maior Don Mathias Grimau despues de hauer reconozido las medizinas que V. S. sirvio enviar ultimamente, parese que ha encontrado de menos todo lo que parese del adjunto su papel. En la Herresia del exercito secorose de la Herramientas que expresa el Nuestro Antonio Lezcano, en otro papel que paso a manos de V. S.; y assi lo que corresponde a Hospital, con esto último estimase a V. S. mande comprar y remitir al salto con la maior brevedad para que desde alli benga todo en primera ocasión como selo encargo al Provedor Don Pedro Dionisio Yoyres. Suplico a us medisimule tan frecuentes Impertinenzias empleando mi obediencia enquanto sea de su maior agrado entretanto que pido a Nuestro Señor que a vossas maños como desseo. San Borja y octubre 3 a 1758.”<sup>111</sup>

Vinte e três dias mais tarde, em 26 de outubro, Mathias Grimau repassou a Martin de Altolaquirre uma relação dos itens faltantes para que ele a encaminhasse a Don Jacinto de la Torriente:

“Señor Intendente Don Martin de Altolaquirre. Mui señor mismo en los medicamentos y utiles que han venido de Buenos Ayres no han venido algunas cosas que me son necesarias pues fueron pedidas en uno de los quatro estados que tendo dados como son los simples siguientes: cardenillo cuatro libras = agallas dos libras = goma arauiga dos libras = cera virgen 25 libras = y vino seis pudiere hallar toda la cantidad lo que se

<sup>108</sup> Carta de Martin de altolaquirre a alonso de la Vega sobre pedido de Medicinas realizado por Mathias Grimau. AR-AGN.DE/CJ, 9 – 415, 332.

<sup>109</sup> AR-AGN.DE/CJ, 9 – 415, 333.

<sup>110</sup> Carta de alonso de la Vega a Martin de Altolaquirre sobre despacho de Medicinas Solicitadas por Mathias Grimau. AR-AGN.DE/CJ, 9 – 415, 349.

<sup>111</sup> Carta de Martin de altolaquirre a alonso de la Vega sobre Faltantes en despacho de Medicinas y Herramientas realizado por el Último. AR-AGN.DE/CJ, 9 – 415, 443.

pudiere hilas veinte y cinco libras = por lo que espero del zero acostumbrado en Numero. Se sirva providenciar lo que llego pedido es quanto se me ofrece pevenir a interin ruego a Dios, leg.e los a de vida que desea San Borja y octubre 3, de 1758”.<sup>112</sup>

A troca de correspondências, envolvendo o cirurgião Mathias Grimau e outros indivíduos, revela a comunicação entre diferentes sujeitos empenhados na obtenção das medicinas solicitadas. Ela revela também o tempo de espera pelas remessas de medicamentos e instrumentos pelos cirurgiões que atuavam na Província do Paraguay. Grimau, por exemplo, aguardou mais de oito meses, uma vez que a primeira carta é de 22 de março e a última é de 26 de outubro.<sup>113</sup> A última carta menciona os itens que faltavam ao hospital mantido pelo colégio, isto é, *cardenillo*, *agallas*, *goma arauiga*, *cera virgem* e *vinho*. No caso da *cera*, o *Libro de Cirugía* comenta o seu uso no preparo de unguentos, indicados no tratamento de tumores (LIBRO, 1725, p. 125). São feitas também menções – embora não no capítulo sobre tumores – ao *cardenillo*, utilizado para a preparação de unguentos e bálsamos (LIBRO, 1725, p. 379). Já o *vinho*<sup>114</sup> solicitado por Grimau aparece mencionado no *Libro* no tratamento indicado para um tumor ulcerado: “Despues sajar la parte encancerada, y labarla bien con agua bien salada, y ponerle en dicho estiercol vebido en vino, y si fuere grande la mortificacion, se sajará profundamente” (LIBRO, 1725, p. 654).

<sup>112</sup> Cópia de Carta de Mathias Grimau a Martin de Altolaquirre sobre pedido de envío de Medicamentos y Bienes no despachados Anteriormente. AR-AGN.DE/CJ, 9 – 415, 462.

<sup>113</sup> Como se pode constatar, os irmãos e padres encarregados das artes de curar, mais do que envolver-se diretamente no atendimento dos enfermos, precisavam se empenhar para obterem utensílios, livros e medicamentos a fim de poderem atuar, recorrendo a uma rede de contatos e acionando a prática epistolar tão cara aos membros da Companhia.

<sup>114</sup> O vinho é bastante citado nos receituários jesuítas. No *Libro de Cirugía*, foi referido em receita para o bom funcionamento do coração (LIBRO, 1725, p. 43), em caso de febres (p. 43), em emplastos e bálsamos, e também na preparação de uma bebida que ajudava na manutenção da saúde, chamada eletuário, preparada com mel e pós amassados. Guillermo Furlong mencionou o vinho como um item essencial, elencando-o entre os artigos que levava consigo o jesuíta Florian Paucke, em uma viagem para Santa Fé, em 1752. Na ocasião, foi oferecida a Paucke uma cômoda carreta e oito cavalos com sela, e as provisões foram dois cordeirinhos, uma bolsa de erva mate, doze pacotes de tabaco, quatro libras de sabão, um cubo de sal e seis pacotes de agulha de costura. Juntamente com isso, meio balde de vinho, uma panela de ferro e uma caçarola, um prato de estanho e uma sopeira. Também levava consigo uma bolsa de carne assada ou moída, sendo que o sabão, o tabaco e as agulhas eram para dar aos índios, com os quais podia se deparar ao longo do caminho, que duraria semanas. (FURLONG, 1972, p. 33).

As listas trazem também alguns outros produtos, destinados ao consumo e ao deleite pessoal dos missionários, tais como livros e, inclusive, chocolate. Isto pode ser também observado na carta escrita pelo padre Pedro Sanna, na qual diz: Acendese mi Hermano de embiar las libras de polvillo bueno para mi, y a cuenta del pueblo; y si el L. V. Assina la dejo algunos reales para mi, compreme algunas libras de chocolate” (AGN-PARES, 04/1762, p. 1).

Mas, para além de se dedicaram às práticas médicas e cirúrgicas, alguns dos jesuítas dedicaram também parte de seu tempo à sistematização de suas observações e experiências em receituários e obras de botânica médica, medicina e cirurgia, como se pode constatar nos já mencionados *Materia Médica Misionera* e *Libro de Cirugía*. Para fundamentar suas anotações e recomendações, devem ter, com certeza, consultado tratados de medicina, cirurgia e farmácia, como os referidos pelo autor-compiler do *Libro*, a saber, Vigier, Gordonio, Dioscórides, Hipócrates. Como já mencionado, os navios que se dirigiam à América traziam em suas caixas alguns dos livros que vieram a compor as bibliotecas dos colégios e das reduções.<sup>115</sup> Isto pode ser atestado no Inventário da Biblioteca do Colégio de Córdoba, que menciona livros de farmacopeia, medicina e de línguas, sendo que estes últimos podem ter sido úteis na leitura de obras de ciências escritas em outros idiomas:

“Libros pertenez. tes à la Botica  
Prim.<sup>a</sup>m.te 14 libros de folio, y uno en quarto ma.or de var.s farmacopeas que tasaron a ocho pesos cada uno... D120  
Yt. 15 libros de quarto ma.or de cirujia, y Medicina de distintos autores q.e tasaron à tres pesos... D045.  
Yt. 30 libros de aquarto ma.r y más chicos em lengua Alemana de varios autores, que no se entienden los que no se tasaron, por falta de Ynteligencia....  
Fólio 4599r.  
Yt. un libro manuscrito de quantas particulares q.e llevaba el P.e Boticario con algunas foxas escritas”.<sup>116</sup>

Segundo Carlos Page, a Biblioteca deste Colégio contava com livros especializados em medicina, dentre os quais, a *Pharmacopea médico-chymica, de Genova*, 1687, a *Schrodera Hoffmannana*, ou *Medicina Illustrada*, de 1725,

<sup>115</sup> Segundo Martínez Serna, em 1654, o provincial procurador de Nova Granada recebeu uma remessa de 120 livros para um único colégio, enquanto que, em 1673, o procurador da Nova Espanha recebeu cinco caixas de livros, incluindo volumes de Acosta, Gracián e vários trabalhos de jesuítas. MARTÍNEZ-SERNA, 2009, p. 196.

<sup>116</sup> Trecho extraído dos Fólhos 4598 e 4599 do Colégio de Córdoba.

do renomado médico Francisco Suárez de Rivera. Ainda, podia ser encontrado um volume de *Conciliari Médici a professariis regiis*, de Lazari Riveri, impressa em Lugoni no ano de 1679 (PAGE, 2000, p. 17). O início do século XVIII foi, de acordo com Page, um alvorecer da circulação de livros e, por isso, também um prenúncio de uma maior variedade de livros de medicina e cirurgia, adquiridos mediante compra ou de doações para a Companhia. Em outro momento desta dissertação, retomaremos a questão da circulação e da apropriação de conhecimentos de medicina e de cirurgia na América platina.

No próximo capítulo, apresentamos e discutimos as menções feitas a tumores e a outros termos a eles associados nas Cartas Ânua e no *Libro de Cirugía*, contemplando tanto as formas como foram descritos e diagnosticados, quanto como foram tratados pelos religiosos encarregados das artes de curar na Província Jesuítica do Paraguai.

#### **4 “CUANDO EL CANCRO FUERE EN LOS PECHOS ABRIENDO EN CRUZ SE DESCAMARÁ”: CONCEPÇÕES, DIAGNÓSTICOS E TRATAMENTOS DE TUMORES NA DOCUMENTAÇÃO JESUÍTICA**

Tanto as Cartas Ânuaas, quanto os tratados de cirurgia e de medicina fazem menção a enfermidades/epidemias, saberes e práticas curativas adotadas para combatê-las e, também, a tumores e cânceres, tema sobre o qual nos detemos na dissertação. Estas fontes, no entanto, são de natureza bastante distinta, devido às suas particularidades e finalidades. As Cartas eram informes redigidos por padres jesuítas, que, posteriormente, eram reunidos e compilados pelos Provinciais ou secretários por eles designados antes de serem enviados aos Superiores em Roma. Elas recolhiam informações sobre o funcionamento das residências, colégios, reduções e fazendas, obedecendo orientações dadas por Padre Inácio de Loyola, a fim de que os eventos relatados pudessem servir de exemplo e inspiração para outros membros da ordem, e, também, como memória da atuação da Companhia de Jesus nos territórios de missão. Diferentemente de outros textos, com fins de formação (Exercícios) ou de regulamentação da ação (Constituições), as Cartas divulgavam os avanços da evangelização, oferecendo valiosas informações sobre os obstáculos enfrentados pelos missionários, dentre os quais, as epidemias que se abatiam sobre as populações indígenas e as medidas adotadas para contornar seus efeitos.<sup>117</sup>

As poucas menções a tumores que localizamos nas Ânuaas são profundamente marcadas pela espiritualidade dos missionários, permitindo entrever quais as concepções de doença e morte que eles traziam consigo, após anos de formação nos Colégios da ordem. Vale lembrar que, para estes padres e irmãos, os males do corpo eram percebidos como decorrentes de condutas inadequadas, pecadoras e não virtuosas, e que a cura se dava a partir da mudança do comportamento do enfermo ou, então, de sua demonstração firme de fé. Isto, em grande medida, nos permite compreender a

---

<sup>117</sup> Ver mais em LONDOÑO (2002) e RODRIGUES (2010).

adoção de certas terapêuticas curativas pelos missionários quando fossem constatados apostemas, tumores ou cânceres.

Em uma Carta Ânua datada do ano de 1650, há o registro de uma jovem “embarazada la primera vez, pero con un apostema maligno en el seno”,<sup>118</sup> que foi socorrida por um padre que lhe aplicou “una reliquia de nuestro Padre Ignacio”.<sup>119</sup> Vale lembrar que, ao ser empregada, a relíquia reforçava a crença de que era preciso acreditar na justiça e na bondade divinas, e confiar na proteção dos santos e anjos, para amenizar sintomas ou alcançar a cura. Em alguns casos, as relíquias podiam ser enviadas de um colégio a outro, como no caso da Carta Ânua de 1730, na qual o Padre Lorenzo Daffé informa:

“y prometió enviarle del colegio el reliquiario con la firma manuscrita del Santo, para facilitarle la debida fe y confianza. Consistió en eso la mujer, imploro con gran confianza la ayuda del Santo, aplicándose aquella santa reliquia” (CA 1730-1735, 1994, p. 52).

Nesta mesma Ânua, encontramos registrado o caso de uma mulher enferma que “imploró con gran confianza la ayuda del Santo, aplicándose aquella santa reliquia” (CA 1730-1735, 1994, p. 52). O padre relator prossegue

---

<sup>118</sup> Para a teoria humoralista hipocrático-galênica, os apostemas eram feitos de melancolia ou bÍlis negra. Os gregos antigos cunharam a palavra karkinos para descrever tumores grandes, superficiais, facilmente visÍveis a olho nu, sem a distinção entre benignos e malignos: os karkinos incluÍam todas as formas possÍveis de inchaço, nódulos, carbÚnculos, pólipos, protuberâncias, tubérculos, pústulas e glândulas, caroços que eram reunidos em uma mesma categoria, juntamente com os cânceres (MUKHERJEE, 2011, p. 27). Como os religiosos não possuÍam microscÓpio para reconhecer e diferenciar células, a ideia de que os karkinos se deviam ao crescimento descontrolado de células não poderia jamais ter passado pela cabeça dos médicos da época, mais preocupados com a mecânica de fluidos – pistões, rodas, câmaras – de modo que esta lógica hidráulica aplicada a máquinas se estendeu também para a medicina. A doutrina de Hipócrates, que se baseava em fluidos e volumes, considerava que o corpo humano era composto por quatro fluidos: sangue, fleuma, bile amarela e bile negra. Cada um dos fluidos contava com uma cor: vermelha, negra, amarela e branca, uma viscosidade e um caráter essencial; que quando em equilíbrio, a pessoa estava saudável, enquanto que em excesso, havia um desequilÍbrio e, assim, a enfermidade. Os referidos apostemas se davam por excesso de bile negra. Desde Cláudio Galeno (160 d.C), as doenças vinham sendo classificadas em termos do excesso de fluidos, e a inflamação atribuída à superabundância de sangue. Icterícia era o transbordamento da bile amarela, e o câncer, para Galeno, estava associado ao humor bile negra, líquido oleoso e viscoso que também seria responsável pela depressão. A melancolia, nome medieval do grego melas, “negra” e khole, “bile”, estaria entrelaçada, para ele, com câncer, que seria “bile aprisionada”, estática, incapaz de sair do lugar e, assim congelada em uma massa (MUKHERJEE, 2011, p. 28). Para o cirurgião quinquentista Thomas Gale, a bile negra, sem ser fervida, causava câncer, e o humor ácidO produzia ulceração sendo de cor mais negra (MUKHERJEE, 2011, p. 28). Apesar de a bile negra não ter sido citada nas Ânuas, outros apostemas e tumores foram.

<sup>119</sup> CARTAS ÂNUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY – 1652-1654. Traducción de Carlos Leonhardt, S.J. Buenos Aires, Versão Digitada, São Leopoldo, Instituto Anchietao de Pesquisas/UNISINOS, [1927], 1994.

informando que, em 1732 ou 1733, adoeceu o irmão Juan Jose de Toledo, estudante do segundo ano de Teologia e natural de Santa Fé. De saúde frágil, o irmão “apenas se alibiava de una enfermedad, cuando caía en outra”. Em certa ocasião, lhe foi “consumida una de suas piernas por apostemas” e “fue privado de su uso”.<sup>120</sup> Para se recuperar, foi feita uma novena nos dias que precederam a festa de Santo Antônio de Pádua, “de lo cual resultó, que aquel mismo dia se cerraron las llagas, así que pudo levantarse sano y bueno, y marcharse a la iglesia”.<sup>121</sup> A novena, segundo o padre relator da Ânua, parece ter lhe dado o conforto ou apoio necessário naquele momento para que se recuperasse completamente. Algum tempo depois se enfermou novamente e, entendendo a sua condição, teria se alegrado com ela, pois encontraria a plena vida no reino dos céus:

“no quedó sano mucho tiempo el Hermano, pus, ya al dar gracias a Dios y a celestial patrono, comenzó a inquietarse de haber hecho una petición, dudando de si era conveniente hacerla o no. Por lo tanto, con la indiferencia de querer la salud o la enfermedad, se dirigió de nuevo a aquel Santo; pidiendo con instancia, que, en caso de que su salud no era para la Mayor Gloria de Dios, le devolviera la enfermedad. Y se le escuchó, alegrándose él mucho de que se hiciera con él la voluntad de Dios, y mucho más, al notar que se le acercaba la muerte. En adelante se ocupaba muchas veces de ella, hablando de ella con serenidad y contento, tanto que le disgustaba cuando le decían que todavía no iba a morir. Pues, opinaba que la muerte era más bien una felicidad, ya que por medio de ella se abría la puerta del cielo” (CA 1730-1735, 1994, p. 23-24).

O caso da enfermidade de Juan de Toledo expressa a espiritualidade inaciana, que colocava todas as ações do indivíduo a serviço de Deus. Sob esta perspectiva, o indivíduo procurava seguir a vontade de Deus, que dirigia sua vida (LONDOÑO, 2002, p. 13), e isso parece justificar a aceitação da enfermidade por parte do irmão jesuíta.<sup>122</sup>

---

<sup>120</sup> CARTAS ÂNUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY – 1730-1735. Traducción de Carlos Leonhardt, S.J. Buenos Aires, Versão Digitada, São Leopoldo, Instituto Anchietao de Pesquisas/ UNISINOS, [1927], 1994. p. 23.

<sup>121</sup> Ibid, p. 23.

<sup>122</sup> No manuscrito de 1725, os apostemas são descritos como tumores de má compleição, má composição e, assim como os tumores, eram vistos como “solução de continuidade” (LIBRO, 1725, p. 362). A linguagem, demasiadamente técnica, diz respeito à uma apropriação de conceitos do humoralismo, sendo que existem quatro tipos distintos de apostemas, embora não seja especificado de qual deles Juan de Toledo foi acometido.

Em um documento chamado “Estado del Colegio de la Rioja”, encontramos menções a um caso de erisipela. Nele, há o registro do falecimento do padre Thomas Gonzales: “parece se lo alcanzaron tan presto, que estando ya a punto de marchar al otro dia, cayo malo del achaque que otras vezes solia padecer de herizipela; y aunque, en otras ocasiones jamas le pujo esta enfermedad a peligro, de esta vez le quito la vida en breves dias, sin otro accidente más” (CA 1739, 1994, p. 6).

No ano de 1729, no Colégio de Buenos Aires, o irmão Nicolás Pérez Palavecino “se enfermó de tuberculosis, mostrandose un tumor maligno en la pierna”. (CA 1729, 1994, p. 17). Pelo relato, sabe-se que foi acometido de duas enfermidades, uma que atacava os pulmões e acarretava tosses e enfraquecimento, e outra, que atingiu uma de suas pernas. Chama-nos a atenção o fato de que o tumor foi mencionado como maligno, indicando que havia uma percepção da diferença entre benigno e maligno, embora o registro não ofereça mais detalhes, pode-se dizer que malignos eram os tumores ulcerados, isto é, inflamados, mais doídos e em uma situação mais delicada, portanto, enquanto que os benignos eram os mais brandos. Para que melhorasse das tosses e tivesse algum alívio dos pulmões, Palavecino foi trazido de Córdoba para o colégio, onde poderia contar com melhor assistência ou, então, um clima favorável (FLECK, 2014, p. 449). Apesar de ter sido levado para um local mais arejado e tranquilo, Palavecino não conseguiu curar-se, vindo a falecer. A *causa mortis* não foi apontada no documento, de modo que não sabemos se foi em decorrência da tuberculose ou do tumor na perna.

Figura 12 – Missões da Província Jesuítica do Paraguai



Fonte: ASÚA, 2014.<sup>123</sup>

Um caso parecido foi o do padre Miguel Haffier, que faleceu em decorrência de uma enfermidade que cresceu e obstruiu sua faringe. Segundo a Carta, o padre “perseveró en estas Misiones hasta su muerte, que se originó de un catarro [sic] sufocativo, que le postró desde el principio las fuerzas débiles ya por su avanzada edad, y le acabo la vida en pocos días, a 16 del enero de 1733, a los 77 años de su edad, 58 de Compañía”.<sup>124</sup> Neste caso, a enfermidade não foi reconhecida como um tumor, o que sugere que apenas os tumores superficiais eram reconhecíveis aos padres e irmãos.

Na seção da Carta Ânua de 1730 a 1735 referente às Missões do Paraná e do Uruguai, encontramos o caso de um jovem de 17 anos de idade, que estava há 7 meses enfermo de um apostema, que havia começado na perna e teria tomado todo o seu corpo, “putriéndose este y llenándose de gusanos”. De acordó com o registro: “Por todo el tiempo de su postración en cama, jamás se le oyó quejarse, estando el siempre muy conforme con la voluntad de Dios, ofreciendo sus dolores a Dios y a la Virgen” (CA 1735, 1994, p. 128). Mais uma vez, o que emerge do relato é o atendimento da vontade de

<sup>123</sup> ASÚA, M. Science in Vanished Arcadia, 2014, p. 11.

<sup>124</sup> LAPDESC-PUCRS, De Angelis, Rolo 30, Doc 48-961, f. 28 r.

Deus, configurando este tipo de narrativa como edificante, que exalta os sacrifícios feitos pelos missionários em nome da causa maior, a salvação das almas mediante a conversão. Depois de alguns dias, o jovem faleceu, sendo que a *causa mortis* mais provável deve ter sido uma infecção generalizada, e não precisamente a ação disseminada de vermes (*gusanos*), que dificilmente se espalhariam por todo o corpo.

Nas Cartas Ânuaas da Província Jesuítica do Paraguai dos séculos XVII e XVIII que analisamos, encontramos a denominação genérica “tumor”, presente em dois casos; apostemas (que também são tumores), presentes em dois casos, e erisipela, citada uma vez. Vale lembrar que para os galenistas também eram tumores os *flemons*, feitos de sangue, os edemas, feitos de fleuma, e os *escirros*, feitos de melancolia.

Tabela 1 – Tipos de tumores identificados nas Cartas Ânuaas

Nome	Tipo de Tumor
1. Jovem (desconhecida)	Tumor maligno no seio
2. Juan José de Toledo	Apostemas nas pernas
3. Thomas Gonzales	Erisipela
4. Nicolás Pérez Palavecino	Tumor maligno na perna
5. Miguel Haffier	Catarro sufocativo [possível tumor]
6. Jovem (desconhecido)	Apostema na perna

Fonte: Tabela elaborada pelo autor (2021)

A análise dos casos revela que, em alguns casos, os padres recorreram a práticas religiosas, como no da jovem de nome desconhecido, enquanto que, em outros, foi adotado um procedimento cirúrgico, a exemplo do caso do irmão Juan de Toledo. Como pudemos constatar, nas Ânuaas, havia dois modelos de práticas terapêuticas à disposição dos missionários – o fundamentado na crença religiosa e aquele que previa o uso de medicamentos e de intervenção no corpo do enfermo –, os quais, podemos supor, pudessem ser, inclusive, utilizados concomitantemente.

Se as Cartas não nos oferecem maiores informações sobre os tipos de tumores e sobre formas de diagnosticá-los e de trata-los, no *Libro de Cirugía*

*Trasladado de Autores Graves y Doctos*, de 1725, encontramos dados que nos permitem formular algo próximo de uma tipologia de tumores, que engloba, sob a denominação de tumor, inclusive, inflamações na pele. Considerando, especificamente, o capítulo que trata deles no manuscrito, os tumores são definidos como “eminências preternaturais que danificam as ações naturais” (LIBRO, 1725, p. 362).<sup>125</sup>

Figura 13 – Título do capítulo sobre tumores no Libro de Cirugía



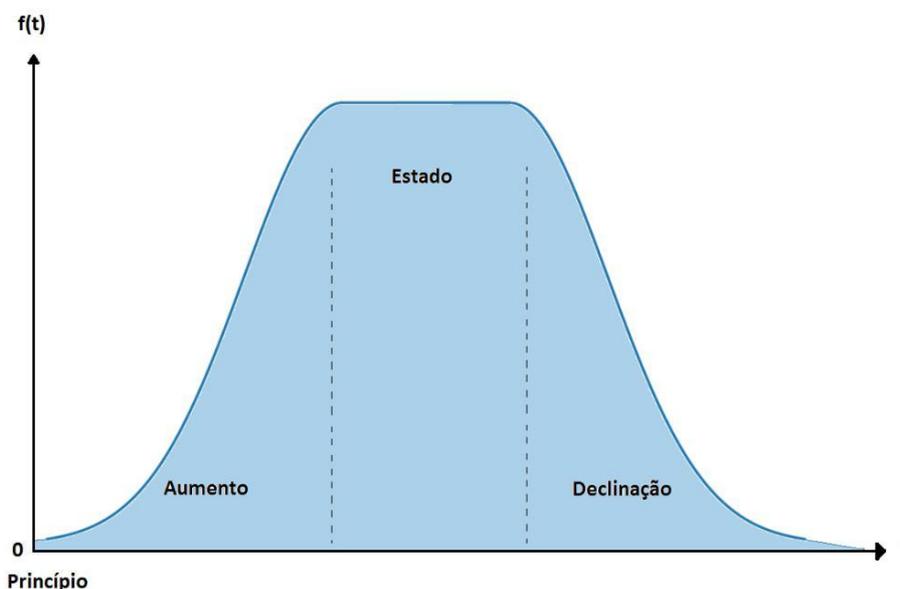
Fonte: ANÔNIMO, 1725.<sup>126</sup>

No Libro, encontramos informações que nos sugerem que havia o acompanhamento de “fases ou tempos dos apostemas”. Tanto os tumores, quanto os apostemas, seus subtipos, causados pelo humor melancolia (LIBRO, 1725, p. 372), possuíam estágios de desenvolvimento comuns a todos os tipos, sendo que havia quatro estágios pelos quais eles passavam até cessarem e se resolverem: (1) princípio, (2) aumento, (3) estado e (4) declinação. O “princípio” consistia naquele período em que o humor estava começando a fluir; o “aumento” consistia no período em que o fluxo de humores estava diminuindo e, com isso, pela menor circulação humoral, os apostemas aumentavam de tamanho; o “estado” era quando o tumor mantinha constante o seu tamanho por um período de tempo e, por fim, a “declinação”, que ocorria quando o tumor ou apostema começava a diminuir até cessar (LIBRO, 1725, p. 363).

<sup>125</sup> No Dicionário de Rafael Bluteau, tumores são descritos como um inchaço no corpo (1789, p. 497), assim como no Dicionário de Bento Pereira (1634, p. 926).

<sup>126</sup> Libro de Cirugía Trasladado de Autores Graves y Doctos para alivio de los enfermos, 2015. Disponível em: Archivo Histórico de la Provincia de la Asunción de la Santa Virgen del Río de la Plata, 2015, p. 362.

Figura 14 – Fases ou tempos dos apostemas



Fonte: elaborado por TERNUS-ABREU, FLECK (2021)

Do capítulo, depreende-se, ainda, que havia cinco desdobramentos possíveis para tumores e apostemas: transmutação, resolução, endurecimento, corrupção e mortificação. A transmutação ocorria quando o humor passava de uma parte do corpo para outra, sendo indesejável quando partia de uma parte externa para uma parte interna, uma vez que os humores que se transmutavam eram desordenados e maléficos, e não deveriam adentrar o indivíduo. Os procedimentos para evitar a transmutação não foram descritos exaustivamente, sendo mencionados apenas alguns medicamentos, dentre os quais, estão os emplastros compostos de cebolas, alhos, pós obtidos a partir do eufórbio, ventosas, sanguessugas e cautérios<sup>127</sup> (LIBRO, 1789, p. 363).

A resolução ocorria quando uma parte do humor extravasava, sendo que, para que um apostema se resolvesse, eram necessários: constância e vigor no calor natural, benignidade do humor e raridade de poros.<sup>128</sup> Havia, pois, três tipos de tumores: os tumores de má constituição do corpo (ou má

<sup>127</sup> Segundo o dicionário de Rafael Bluteau, os cautérios eram botões de fogo, que se aplicavam sobre o corpo (BLUTEAU, 1721, p. 250).

<sup>128</sup> Havia tumores benignos e tumores malignos, sendo que benigno era algo afável, suave, agradável, favorável à vida, enquanto que maligno era algo “mau ou de má qualidade” (BLUTEAU, 1789, p.46).

compleição), os tumores de má composição e os tumores que eram solução de continuidade (divisão em duas partes do todo) (LIBRO, 1725, p. 362). Eles podiam ser classificados como: dolorosos, duros e macios, malignos e ardentes. Sabe-se que, desde o Seiscentos, os tumores eram avaliados quanto aos seus humores constitutivos: se fossem feitos de mistura com fleuma fria, eles eram tumores benignos, enquanto que, se fossem feitos de mistura com sangue, eram malignos, porque dotados de calor (o que era favorável às inflamações). Quando os tumores provinham de uma mistura de humor melancólico “queimado” com sangue em terra, escuro, ocorria a combinação mais maligna, que produzia câncer inflamatório (DE MOULIN, 1989, p.19). Estas definições seiscentistas trazidas por De Moulin se referem à coloração e aspecto do tumor associado ao toque.

A supuração de um tumor ou sua perfuração para retirada de líquido, podia ser feita quando o cirurgião avaliava que não haveria perda da função. Nos olhos, a recomendação era para nunca supurar, porque podia acarretar em perda da visão. Quando o conteúdo interior que saía da supuração era de coloração clara, era sinal de que haveria a resolução, isto é, o tumor iria se curar por completo. Por outro lado, quando a coloração era escura, se dizia que haveria a perda de parte daquela região, e o caso seria de corrupção (LIBRO, 1725, p. 364).

No contexto do Velho Mundo, tanto os locais passíveis de sofrer uma intervenção cirúrgica, quanto os procedimentos que poderiam ser realizados provocavam debates entre os cirurgiões. Os atendimentos, quando realizados a domicílio, provavelmente, deveriam envolver mais de um indivíduo, posto que um deveria se encarregar de segurar o paciente, visando à sua manutenção em uma posição estática, enquanto que o cirurgião realizava o procedimento. É plausível supor que outras pessoas ajudassem, alcançando e lavando instrumentos ou, então, fornecendo panos e remédios (DE MOULIN, 1980, p. 28). O quadro pintado por Romeyn de Hooghe (abaixo) ilustra os procedimentos cirúrgicos do século XVII.

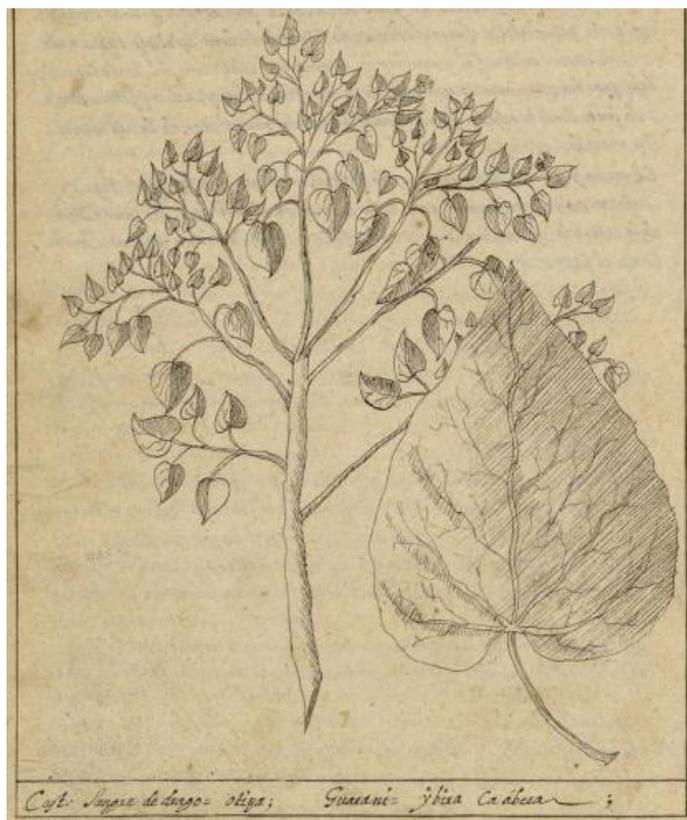
Figura 15 – Quadro do pintor holandês Romeyn de Hooghe acerca de mastectomia realizada em 1667



Fonte: MOULIN, D. A short history of breast cancer. Springer, 1980, p. 28.

Cânceres extraídos, tumores puncionados ou mesmo ulcerações tumorais na pele, que virassem ferida, podiam levar a escorrimento de sangue. Conforme o *Libro de Cirugía*, para estancar sangramentos nasais ou genitais, recomendava-se uma receita que utilizava a planta *ybira caabeza* ou sangue drago, em espanhol (LIBRO, 1725, p. 408). Para utilizá-la, era preciso espremer até ela virar um suco, ao qual deveria ser adicionado vinagre, ou também podia ser aplicada em forma de bálsamo sobre o local. É plausível supor que esta planta pudesse ser também utilizada nos escorrimentos de sangue em casos associados a tumores, cânceres e ulcerações. A planta *ybira caabeza* foi ilustrada pelo irmão jesuíta Pedro Montenegro (1711):

Figura 16 – Planta Sangue de Drago (*Ybira caabeza*)



Fonte: MONTENEGRO, 1711.<sup>129</sup>

No manuscrito, o autor-compiler indica que o prognóstico deveria ser feito através da avaliação das possibilidades de ação sobre um tumor, bem como de seu estado atual, o que envolvia ver a sua extensão e profundidade, examinando o membro e superfície: se ele fosse grande e profundo, teria um “prognostico peligroso, por que gran enfermedad” (LIBRO, 1725, p. 364). Após o prognóstico, o médico ou cirurgião deveria conversar com o paciente, bem como observava o seu comportamento, visando identificar se havia algo correlacionado ao tumor: febres, suores, vômitos e outros processos que pudessem intervir na sua constituição.

O tratamento dos tumores envolvia, pois, a atenção também a outros sintomas mencionados pelo paciente. Se ele(a) estivesse acometido de um

<sup>129</sup> P. Libro primero de la propiedad y virtudes de los árboles y plantas de las misiones y provincia del Tucumán, con algunas del Brasil y del Oriente [Manuscrito], compuesto por el hermano Pedro de Montenegro, de la Compañía de Jesús, año de 1711, en las Misiones del Paraguay. Portal da Biblioteca Digital Hispânica. Disponível em: <<http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000042551&page=1>>. Acessado em: 10 mai. 2021

tumor e estivesse febril, recomendava-se tratar o tumor com um cataplasma sobre o local, com cirurgia ou sangria, mas, ao mesmo tempo, enquanto que a febre deveria ser tratada com a ingestão de uma bebida feita a partir de folhas trituradas de pimenta (LIBRO, 1725, p. 302), chamada de *molange* pelos guaranis:

Figura 17 – Árvore da planta Pimenta (*Molange*)



Fonte: MONTENEGRO, 1711.<sup>130</sup>

Feitas estas colocações mais gerais acerca dos tumores, passamos à análise de alguns tumores descritos no Libro de Cirugía<sup>131</sup>, que não foram descritos ou sequer mencionados nas Cartas Ânua. No *Libro*, no já

<sup>130</sup> P. Libro primero de la propiedad y virtudes de los árboles y plantas de las misiones y provincia del Tucumán, con algunas del Brasil y del Oriente [Manuscrito], compuesto por el hermano Pedro de Montenegro, de la Compañía de Jesús, año de 1711, en las Misiones del Paraguay. Portal da Biblioteca Digital Hispânica. Disponível em: <<http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000042551&page=1>>. Acessado em: 10 mai. 2021

<sup>131</sup> Sobre os tipos tumorais, aqueles situados nos olhos chamavam-se de oftálmicos, aqueles localizados na garganta recebiam o nome de anginas, os tumores próximos às orelhas eram chamados de parótidas, enquanto que aqueles que se situavam nas axilas eram nomeados de bubones, e nas inguas, incordios. Ainda, haviam tumores localizados nos testículos ou no escroto, chamados de hérnias, e causados por congestão (LIBRO, 1725, p. 362).

mencionado capítulo sobre tumores há um subcapítulo sobre *flemons*, intitulado *Del Flemon*. Nele, o autor-compiler nos informa que alguns deles podiam ser feitos somente de sangue, enquanto que outros *flemons* podiam ser mistos, isto é, feitos de sangue juntamente com outros humores. Havia casos, para citar, nos quais se dava uma mistura de sangue e de cólera, o que fazia com que surgissem tumores do tipo *erisipela*. Quando a união de sangue se dava com a fleuma, eles se tornavam tumores do tipo *edema*, e quando se uniam o sangue e a melancolia, eles se tornavam tumores do tipo *escirro* (LIBRO, 1725, p. 366). A distinção entre um e outro se dava através da coloração.

Constituídos pelo humor cólera, os flemons não podiam, contudo ser confundidos com as fleumas: as fleumas eram tumores feitos do humor sangue ou cólera, enquanto que fleumas eram os humores frios e úmidos secretados pelo cérebro (ROUESSE, 2011, p. 5).<sup>132</sup> Os tumores que podiam ser classificados como *flemons* eram o *disueso*, o *panarriso*<sup>133</sup>, inflamação na junta dos dedos, o carbúnculo, o aneurisma, o sarampo e a gangrena se feita de sangue (LIBRO, 1725, p. 367). O diagnóstico se dava pela localização, inchaço, coloração e dureza, enquanto que os tratamentos variavam de acordo com cada um deles. No caso das parótidas e bubões, inicialmente se realizavam sangrias, sendo tratadas depois com caracóis e cal branca sobre o local (LIBRO, 1725, p. 366).

Para tratar dos *flemons*, inicialmente se realizava uma sangria, administrada de acordo com as forças, a idade e o temperamento do indivíduo. No início, eram aplicados os remédios repercussivos, que faziam com que os tumores se recolhessem da superfície para o centro, sendo utilizadas as bebidas moderadas e o oxicroto, um tipo de vinagre no qual eram adicionadas cinco ou seis colheres de água (BLUTEAU, 1725, p. 144), era aplicado através de panos molhados em água ou embebidos em clara de ovos e, ainda, óleos

---

<sup>132</sup> “Le phlegme ou pituite secrété par le cerveau” (ROUESSE, 2011, p. 5).

<sup>133</sup> De acordo com o dicionário da Real Academia Espanhola, o termo “panarriso” se refere a uma inflamação aguda do tecido celular dos dedos, principalmente na sua terceira falange.

extraídos de rosas, gordura fresca e polpa de maçã triturada com água rosada (LIBRO, 1725, p. 366).<sup>134</sup>

Os tratamentos de flemons consideravam os estágios expressos no gráfico que elaboramos. Quando o flemon estava aumentando de tamanho, ocorria a aplicação de duas porções de remédios resolutivos, responsáveis por “resolver” os tumores e cessar a inflamação (BLUTEAU, 1789, p. 333), misturados com remédios repercussivos, responsáveis por fazer refluir os humores para o interior. Os resolutivos consistiam no óleo de rosas, infusões utilizando as folhas de sabugueiro, as flores de camomila, as folhas da planta nativa *torocaa*, bem como folhas de linho, cujas infusões, trituradas e aquecidas, envolviam o uso de mel; enquanto que os repercussivos constituíam no oxicato e em claras de ovos (LIBRO, 1725, p. 366). Quando o tumor flemon estava no estágio de “estado”, isto é, estabilizado, mantinha-se no mesmo ponto, sendo aplicadas porções equivalentes de resolutivos e de repercussivos, atentando para não intensificar o calor e nem aumentar a inflamação (LIBRO, 1725, p. 366).

Os remédios resolutivos, tão vastamente acentuados nas receitas para tumores, por serem compostos por cataplasmas, unguentos, plantas e demais componentes, encontram referência comum na obra *Compendio Chirurgico*, de Diego Robledo. Na apresentação das medicinas resolutivas, são citados os “cataplasmas resolutivos fortes, que no convienen en un tumor ardiente”. Quando o tumor não for ardente, “fomentaras la parte tumefacta con un

---

<sup>134</sup> Os apostemas eram curados, observando-se três condições gerais: (1) o uso de sangrias e purgas, ou uma das duas, de acordo com a indicação dos humores que prevaleciam; (2) avaliando a repercussão e (3) resolvendo o ocorrido (LIBRO, 1725, p. 364). As medicinas repercussivas eram aquelas que faziam os humores recolherem-se da superfície para o centro.<sup>111</sup> Elas não eram indicadas em dez tipos de situações: (1) quando o apostema estava nos emuntórios<sup>112</sup> (glândulas), não retornando ao membro geral que era próximo das glândulas; (2) quando os apostemas eram de matéria venenosa e se voltavam para dentro, causando a morte; (3) quando o humor estava tão arraigado no paciente que se incrusta ainda mais; (4) quando os apostemas eram de matéria —grosseira, o que podia ser entendido como disforme e severa; (5) quando era feito por crises, pois dependiam do movimento da natureza, não podiam ser forçados com o uso de repercussivos; (6) quando o apostema tinha se dado por uma causa que o constipou e o gangrenou; (7) quando o corpo estava cheio de humores e, por isso, se sufocou; (8) quando o apostema ocupou algum membro debilitado, debilitando-o ainda mais e provocando a mortificação; (9) quando o apostema estava próximo a um membro principal levando ao seu comprometimento; e (10) quando a dor era tamanha que levava à constipação dos poros e ao impedimento da evacuação dos humores por eles (LIBRO, 1725, p. 364-365). Nesses casos, não eram utilizadas as receitas repercussivas frias e secas e nem as frias e úmidas.

cozimiento resolutivo caliente hasta que coloreè, y luego aplicar un unguento, emplasto, cataplasma. Robledo” (LIBRO, 1725, p. 110).

À medida que a inflamação começava a diminuir, se aplicavam supurantes<sup>135</sup>, responsáveis por fazer formar pus (matéria), e remédios resolutivos, que faziam desaparecer o tumor ou a inflamação, como a urina de cevada, a água, cataplasma de água morna, açafraão e o líquido obtido com a trituração do trigo.

A técnica de combate aos *flemons* era similar às parótidas, tumores cuja característica consistia no fato de que podiam acometer a região atrás das orelhas, chamadas emunctórios<sup>136</sup>. As causas das parótidas eram o acúmulo de humores ou a ocorrência de uma crise (febre intensa e passageira). Para curá-las, usavam-se purgas e medicamentos “atrativos”<sup>137</sup> e supurantes, como o cataplasma, que era feito com cebolas cozidas, alhos e manteiga de porco (LIBRO, 1725, p. 367).

Os bubões eram tumores preternaturais situados nas glândulas das axilas, ocasionados por alguma crise ou por desequilíbrio humoral. Eram tratados com cataplasma feito com cebolas cozidas, alho e manteiga de porco (LIBRO, 1725, p. 367). As gorduras ou óleos de animais também eram utilizadas, misturadas com azeite de amêndoas doces, com folhas de malvas cozidas, com linhaça, e depois eram aplicados emplastos atrativos e supurantes, como o amarelo, ou *gumuelemi*<sup>138</sup> e os pós de eufórbio<sup>139</sup>. O emplastro de cebolas, alhos, levedura, manteiga com sal e pós de lírio (LIBRO, 1725, p. 368) também eram úteis nesses tumores. A cirurgia era indicada,

<sup>135</sup> Os remédios supurantes foram indicados no manuscrito. Eles são responsáveis por converter em matéria os humores estranhos em alguma parte do corpo, através do calor. Eles fecham os poros que permitem a transpiração, e, aqueles humores que ali estão, acabam se condensando, para mais tarde serem resolvidos. São exemplos: o bálsamo do Brasil, com gema de ovo, e mel, e o Bálsamo de Azufre, citados a partir de Vigier, p. 387 (LIBRO, 1725, p. 112).

<sup>136</sup> Segundo o Dicionário de Rafael Bluteau, emunctórios são remédios que serevem para expelir os humores das partes nobres (BLUTEAU, 1721, p. 482).

<sup>137</sup> Segundo o Dicionário da Real Academia Espanhola, “supurar” quer dizer formar ou despejar pus. Assim, supurante significa que está em processo de supuração. Fonte: Portal da Real Academia Espanhola (DRAE). Disponível em: <<https://dle.rae.es/>>. Acessado em: 26 jul. 2021.

<sup>138</sup> Planta utilizada por nativos para a fabricação de tochas e incensos (LIBRO, 1725, p. 408).

<sup>139</sup> Segundo o Dicionário da Real Academia Espanhola, “eufórbio” trata-se de uma planta da família das Euphorbiaceae com caule de mais de um metro de altura e usada na medicina como purgante. Fonte: Portal da Real Academia Espanhola (DRAE). Disponível em: <<https://dle.rae.es/>>. Acessado em: 26 jul. 2021.

seguida da aplicação de azeite da planta guarani *gumielemi*, também chamado de goma elemi.

Figura 18 – Planta *Gumielemi*



Fonte: MONTENEGRO, 1711.<sup>140</sup>

Se, na Carta Ânua de 1739, encontramos registrado o caso do Padre Gonzalez, do Colégio de La Rioja, que foi acometido de erisipela, “que le quito la vida en breves dias sin otro accidente” (CA 1739, 1994, p. 6), no *Libro*, as erisipelas são descritas como inflamações causadas por cólera pecante, provocando muita dor e certa elevação. O diagnóstico se dava tanto através da constatação de dor, quanto da coloração amarelada, além da possibilidade de reduzir o volume com a pressão de um dedo (LIBRO, 1725, p. 368). Elas eram

<sup>140</sup> MONTENEGRO, 1711. P. Libro primero de la propiedad y virtudes de los árboles y plantas de las misiones y provincia del Tucumán, con algunas del Brasil y del Oriente [Manuscrito], compuesto por el hermano Pedro de Montenegro, de la Compañía de Jesús, año de 1711, en las Misiones del Paraguay. Portal da Biblioteca Digital Hispânica. Disponível em: <<http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000042551&page=1>>. Acessado em: 10 jul. 2021

divididas em erisipelas “esquisitas”, feitas de cólera, e “mistas”, quando resultavam da junção com outros humores. Quando a cólera se misturava com edema, tinha-se a erisipela edematosa, quando ela se unia com a melancolia/bile negra, tinha-se erisipela escirrosas e, por fim, quando a cólera se unia com sangue, tinha-se erisipela flemosa. As descrições feitas no Libro tomam como base a obra Médico Caritativo (LIBRO, 1725, p. 368).<sup>141</sup>

Quanto ao tratamento, ele era realizado de acordo com os estágios. No estágio inicial dos tumores, utilizavam-se sangrias. Na fase do aumento, utilizava-se uma dieta umectante, como os caldos, e o oxicroto (mistura de água e vinagre), aplicados sobre o local. No tratamento de erisipela, somente os medicamentos impróprios eram bons, por serem frios e úmidos, (LIBRO, 1725, p. 368). Recomendava-se não utilizar azeites e gorduras, pois poderiam impedir a transpiração. Os remédios que empurram os humores para o interior do corpo deveriam ser usados até que houvesse uma mudança de estado, provavelmente no início da declinação, quando o tumor estivesse começando a diminuir.

O manuscrito faz menção às plantas que podiam ser utilizadas na infusão indicadas no tratamento da erisipela, tais como o *llanten*, a erva-moura,<sup>142</sup> as beldroegas<sup>143</sup> e as ervilhas, que não poderiam formar azeite ou gordura, pois isto impediria a transpiração e inflamaria a parte. Era preciso cuidar para que as medicinas não secassem sobre o local da enfermidade, sendo necessário manter o oxicroto umedecido de tempos em tempos, trocando-o muitas vezes. A estes, se seguia o uso de repercussivos como a água morna, um cozimento a partir das flores da camomila, das folhas de *torocaa*<sup>144</sup> e de rosas infundidas em água e vinho branco. Na declinação, etapa

---

<sup>141</sup> A obra de Felipe Borbon, intitulada Medicina y Cirugia Doméstica, Necesaria a Los Pobres y Familiar a Los Ricos, foi publicada em 1705, na cidade de Valencia. Ela foi transcrita do “Medico Caritativo”, e traz receitas de remédios de um modo que os populares possam, eles mesmos, compor as suas dispensas de medicamentos.

<sup>142</sup> A erva-moura (*Solanum nigrum*) é uma planta herbácea da família das solanaceas.

<sup>143</sup> As beldroegas são um arbusto de folhas suculentas e flores coloridas da família Portulacaceae. Fonte: Portal da Real Academia Espanhola (DRAE). Disponível em: <<https://dle.rae.es/>>. Acessado em: 26 jul. 2021.

<sup>144</sup> Não foram encontradas referências à *torocaa* nem na Materia Medica Misionera (1710), de Pedro Montenegro, e nem na obra de etnobotânica de Pastor Arenas (2012).

em que a inflamação estava diminuindo, eram aplicadas purgas de água de chicória ou de rosa mosqueta (LIBRO, 1725, p. 369).

O tratamento para a erisipela apresentado no *Libro* se baseou em obra de Manuel de Porres (século XVII – século XVIII), cirurgião que atuou no Hospital de Madri e no de Pasi3n, autor da obra *Medula de Cirurgia y Examen de Cirujanos* (1691), bem como do livro *Anatomía Galénico-Moderna* (1716) (FLECK, 2019, p. 357). Como já informado em outro momento, o Tratado de Anatomia Del Doctor Manuel de Porres foi transcrito em sua totalidade, no segundo capítulo do *Libro de Cirugía*. A obra não foi, no entanto, consultada para indicaç3o de tratamento para os demais tumores mencionados no manuscrito.

Na sequênci3a, o manuscrito tratou de um tumor caracterizado por inflamaç3es cutâneas, o herpes ou herpes colérico. Nos casos em que o herpes passava a um tumor de pele mais violento, ele passava a denominar-se erisipela, denominaç3o encontrada no Tratado de Manuel de Porres (LIBRO, 1725, p. 371). Os medicamentos usados para dessecar a regi3o eram a água de cevada, o *llanten* e os unguentos mesclados com pós de sulfeto de ferro. As claras de ovos preparadas com alumínio cru em pedra, em consistênci3a de pomada, eram também benéficas, assim como o suco de erva-moura, misturado com gema de ovos e oxicroto. A purga era necess3ria na declinaç3o, a exemplo do uso um laxativo natural à base de tamarindo (LIBRO, 1725, p. 369-370). Fundamentado em Diego de Robledo, o *Libro* menciona as purgas, através de infus3es à base de tamarindos e polpas de canafístula, chamada de *yboye guasu* pelos guaranis. A espécie silvestre desta planta foi representada na obra *Materia Médica Misionera*, de Pedro Montenegro:

Figura 19 – A planta Canafístula (Yoye Guasu)



Fonte: MONTENEGRO, 1711.<sup>145</sup>

O herpes colérico, assim como a erisipela, aparentemente poderia ser tratado com tamarindos, pois, no apêndice do *Libro*, menciona-se que os tamarindos “son muy poco purgantes, sino son animados de otro purgante, su água cocida es muy util para vebida ordinaria de los que padecen calenturas ardientes, ó colericas: para los freneticos, y todas enfermedades de humores colericos (LIBRO, 1725, p. 30 [f. 591]). Também o tamarindo mereceu uma ilustração no livro de botânica médica escrito pelo irmão jesuíta:

<sup>145</sup> MONTENEGRO, 1711. P. Libro primero de la propiedad y virtudes de los árboles y plantas de las misiones y provincia del Tucumán, con algunas del Brasil y del Oriente [Manuscrito], compuesto por el hermano Pedro de Montenegro, de la Compañía de Jesús, año de 1711, en las Misiones del Paraguay. Portal da Biblioteca Digital Hispânica. Disponível em: <<http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000042551&page=1>>. Acessado em: 10 jul. 2021.

Figura 20 - Árvore de Tamarindo, cujas folhas eram usadas em receita para tumores (herpes)



Fonte: MONTENEGRO, 1711.<sup>146</sup>

Embora seja um tumor que acometa a pele, causando bolhas e elevações, o herpes mantinha geralmente uma coloração constante. Outros tumores já tinham mudanças de cor com a passagem do tempo, como é o caso dos edemas, que, à medida que iam se resolvendo, passavam de uma coloração mais escura para uma mais amarelada ou clara.

No *Libro*, os tumores do tipo edema são caracterizados como sendo feitos de fleuma ou cólera pecante. Quando havia mistura com fleuma, o edema era flemoso, quando se misturava com sangue, edema erisipelatoso e quando havia a junção da cólera pecante com a melancolia ou bÍlis negra, o

<sup>146</sup> MONTENEGRO, 1711. P. Libro primero de la propiedad y virtudes de los árboles y plantas de las misiones y provincia del Tucumán, con algunas del Brasil y del Oriente [Manuscrito], compuesto por el hermano Pedro de Montenegro, de la Compañía de Jesús, año de 1711, en las Misiones del Paraguay. Portal da Biblioteca Digital Hispánica. Disponível em: <<http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000042551&page=1>>. Acessado em: jul. 2021

edema era descrito como escirrosos. Para o autor-compiler, citando Diego de Robledo, os edemas se resolviam sem a necessidade de cirurgia. Apesar disso, indicou o uso de sangrias, juntamente com o uso de remédios repercussivos adstringentes, misturados com remédios resolutivos (LIBRO, 1725, p. 370-371). O espírito de vinho podia ser utilizado com sal, combinação que se assemelharia aos efeitos do atual bicarbonato de sódio. Se isto não resolvesse o edema, se deveria aplicar o cataplasma feito com três cebolas cozidas, remédio de virtude resolutiva e maior efetividade (LIBRO, 1725, p. 372).

Provavelmente, uma das palavras mais associadas a tumores e cânceres ao longo da historiografia médica foi o termo escirro. Definidos por Galeno como resultado do acúmulo de humor denso e lento, causados por congestão de bile negra ou melancolia. Quando fosse de natureza aguda, podiam ocorrer ulcerações no escirro, isto é, rupturas da pele, feridas (DE MOULIN, 1980, p. 7). O diagnóstico implicava na avaliação da dureza e aspecto disforme ou estranho, e se ulcerados, a existência de maior dor. O tratamento era feito com medicinas resolutivas, compostas por unguentos diversos, aplicadas para amolecê-lo. As purgas eram recomendadas em escirros. Para purgar, era recomendado o uso de uma bebida feita a partir do cozimento de polipódio.<sup>147</sup> Uma taça deste preparado devia ser tomada pela manhã, junto com folhas da planta eléboro negro e folhas de canela trituradas. Ilustrada pelo irmão Pedro Montenegro, a canela era chamada de *caliacha* pelos nativos:

---

<sup>147</sup> Segundo o dicionário da Real Academia Espanhola, trata-se de uma planta considerada como da espécie das polipodiáceas. Fonte: Portal da Real Academia Espanhola (DRAE). Disponível em: <<https://dle.rae.es/>>. Acessado em: 26 jul. 2021.

Figura 21 - Árvore de Canela, cujas folhas eram usadas em receita para tumores (escirros)



Fonte: MONTENEGRO, 1711.<sup>148</sup>

No caso de escirro, o autor-compiler do manuscrito indica a cirurgia somente quando o tumor fosse relativamente pequeno, para que não houvesse risco de comprometer uma região maior:

“El escirro esquisito nõ se puede curar sin obra manual, la cual se harà siendo el tumor pequeño, y que este somero sin riesgo de ofender algún vaso grande, se ata una cinta por el rais, y se corta profundamente, dejando salir alguna sangre, se toma el flujo como más convenga poniendo sobre el defensivo, y curar la llaga como viniere” (LIBRO, 1725, p. 374).

Para aplicação sobre o local do escirro, se utilizava uma combinação de ingredientes, composta por unguentos que resolviam o tumor, sendo eles:

<sup>148</sup> P. Libro primero de la propiedad y virtudes de los árboles y plantas de las misiones y provincia del Tucumán, con algunas del Brasil y del Oriente [Manuscrito], compuesto por el hermano Pedro de Montenegro, de la Compañía de Jesús, año de 1711, en las Misiones del Paraguay. Portal da Biblioteca Digital Hispânica. Disponível em: <<http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000042551&page=1>>. Acessado em: 2021

unguento<sup>149</sup> de sacarias, unguento de *altea*<sup>150</sup>, azeite comum, açafreão, cozimento de linhaça e de raízes de malvaisco. Juntamente, se colocavam unguentos emolientes, substâncias que “ablandan durezas y tumores cutáneos permitiendo su remoción” (SANTAMARÍA, 2003, p. 16). Estes eram o emplastro de rãs, o emplastro de Paracelso e outros resolutivos emolientes (LIBRO, 1725, p. 372). Os remédios para resolver o tumor eram o saumério<sup>151</sup> de vinagre ou de flores marquesitas<sup>152</sup> e azeite quente (LIBRO, 1725, p. 373).

Uma menção realizada no capítulo sobre tumores foi às queimaduras, dispostas em um subcapítulo do Libro. Elas foram tratadas com gemas de ovos, azeite, óleo de nozes, cebolas brancas picadas, aguardente, vinho, raiz de cinamomo, *llanten*, esterco de cavalo, unguento de *populeon* e outras preparações. O mesmo vale para a sarna, achaque no qual o sangue se infesta na pele, causando pequenas pústulas, o qual também foi contemplado no capítulo.

O próximo tipo de tumor descrito no manuscrito foi o carbúnculo ou carbunco, o qual era feito do humor sangue mais escuro, e que se diferenciava dos *flemons* por isso. Para tratar as escoriações na pele, era indicada a realização de sangrias, repetidas vezes, e aplicar emplastos que incluíam limões, laranjas, chicórias, leite claro<sup>153</sup>, folhas de *llanten* cozidas em água adicionadas de gemas de ovos, vinagre e terebentina (LIBRO, 1725, p. 393). As sangrias deveriam ser feitas no braço do mesmo lado em que se localizava

---

<sup>149</sup> Segundo o Dicionário da Real Academia Espanhola, “unguento” é um medicamento de aplicação exterior composto por várias substâncias, entre as quais a cera amarela, o azeite e o sebo de carneiro. Fonte: Portal da Real Academia Espanhola. Dicionário da Real Academia Espanhola (DRAE). Disponível em: < <https://dle.rae.es/>>. Acessado em: 26 jul. 2021.

<sup>150</sup> Segundo o Dicionário da Real Academia Espanhola, equivale a “malvaisco” e quer dizer planta perene da família Malvaceae, com caule de aproximadamente um metro de altura. Fonte: Portal da Real Academia Espanhola. Dicionário da Real Academia Española (DRAE). Disponível em: < <https://dle.rae.es/>>. Acessado em: 26 jul. 2021. Segundo o estudo de Daniel Santamaría, no Ceará o malvaisco serve de antitussígeno, isto é, contra tosses (SANTAMARÍA, 2003, p. 142).

<sup>151</sup> Segundo o Dicionário da Real Academia Espanhola, trata-se de incenso, fumaça que produz uma matéria aromática que é lançada no fogo para fumegar. Fonte: Portal da Real Academia Espanhola. Dicionário da Real Academia Espanhola (DRAE). Disponível em: < <https://dle.rae.es/>>. Acessado em: 26 jul. 2021.

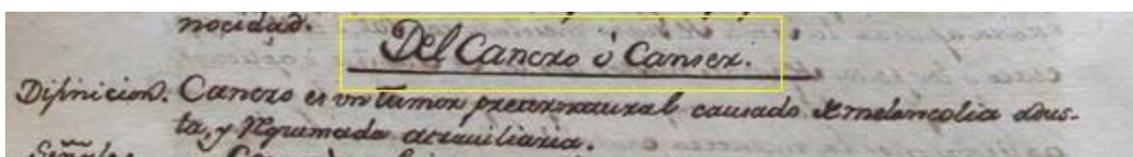
<sup>152</sup> Segundo o Dicionário da Real Academia Espanhola, trata-se de mineral de sulfeto de ferro, amarelo, brilhante e dourado. Fonte: Portal da Real Academia Espanhola. Dicionário da Real Academia Espanhola (DRAE). Disponível em: < <https://dle.rae.es/>>. Acessado em: 26 jul. 2021.

<sup>153</sup> O leite bovino foi exigido para a preparação de remédios para carbuncos e outros tumores. Fonte: Portal da Real Academia Espanhola. Dicionario da Real Academia Española (DRAE). Disponível em: < <https://dle.rae.es/>>. Acessado em: 26 jul. 2021.

o tumor no paciente, e, caso ele se localizasse abaixo da cintura, o tornozelo também podia ser sangrado. Para abrir os carbuncos, podia ser aplicado o butiro de antimônio, uma receita que se encontrava descrita em Vigier e que era indicada também para os bubões e abscessos.

No subcapítulo sobre câncer, intitulado *Del Cancro ò Cancer*, o autor-compiler do manuscrito retomou uma discussão sobre tumores e cânceres desenvolvida no segundo capítulo intitulado *De los tumores en geral*. Nestas páginas finais do manuscrito, também encontramos algumas definições genéricas para a palavra cancro, bem como algumas terapêuticas (LIBRO, 1725, p. 393).

Figura 22 – Título do subcapítulo sobre o câncer no *Libro de Cirugía*



Fonte: ANÔNIMO, 1725.<sup>154</sup>

De acordo com o Dicionário de Bluteau, a palavra cancro tinha um significado bastante amplo no século XVIII, contemplando um grande número de inflamações, pois, “cancro” significava “cancer, doença” (BLUTEAU, 1789, p. 224) e “cancer” significava “ulcera maligna, que roe a parte do corpo, onde está. Mal que vai arruinando” (BLUTEAU, 1789, p. 224). Cânceres podiam ser, portanto, tanto gangrenas e outras inflamações, quanto *escirros*, na medida que todos eram parecidos por serem constituídos de desordens teciduais. Mas, apesar das similaridades com outras inflamações, o autor-compiler do *Libro de Cirugía* destinou aos cancros um subcapítulo específico, como se pode constatar na seguinte passagem: [...] es admirable para inflaciones asi interiores, como exteriores, como de estomago, intestinos, heridas, llagas, y contra el cancer [...] (LIBRO, 1725, p. 613).

Para tratar os cânceres, utilizavam-se remédios levemente repercussivos e um pouco umectantes, sendo utilizado sobre o local um suco

<sup>154</sup> Libro de Cirugía Traducido de Autores Graves y Doctos para Alivio de los Enfermos. Archivo Histórico de la Provincia de la Asunción de la Santa Virgen del Rio de la Plata. 1725, p. 39.

de *llanten*, erva-moura, cicuta, escabiosa<sup>155</sup> e caranguejos. Como se pode constatar, o autor- compilador do manuscrito leu a obra *Thesouro apollíneo*, de Jean Vigier, pois menciona um bálsamo indicado na obra:

“El Balsamo de Saturno lo haras mesclando 2 onzas de sal Saturno, con 4 onzas de espiritu de trementina, vien tapado estara 15 dias en digestion en lugar caliente; este balsamo esta las cicatrises de las llagas, porque es el enemigo de la corrupcion, y por esto se aplica al canser maligno; vigier le añade media onza de alcanjor (LIBRO, 1725, p. 449).

O médico, boticário ou cirurgião devia tomar bastante cuidado para evitar a ulceração, sendo que as receitas indicadas podiam ser úteis se ele já estivesse ulcerado, com o intuito de que não se espalhasse mais. Devido a isso, não eram utilizados medicamentos sobre o local, “por que con ellos se irrita” (LIBRO, 1725, p. 394). Era preciso purgar muitas vezes o humor para evitar o seu excesso e, com isso, reduzir a sua tendência a se irritar e ulcerar. Para isso, eram usadas bebidas, que faziam aumentar as evacuações.

Houve uma preocupação do autor-compilador do manuscrito com as úlceras que, em alguns casos, estavam associadas a tumores. A obra *Médico Caritativo*, de Felipe Borbón, foi usada no aviamento de receitas sobre úlceras, como se pode observar nesta passagem: “emplasto para las ulceras de Borbon. Tom litarge auero, media libra: de bolo armenico dos onzas” (LIBRO, 1725, p. 95). Em alguns casos, foi feita referência à obra e não ao autor, mesmo que de forma abreviada: “Para curar estas ulseras (dice el Med. Car.) los remedios principales son la sangria, y purga, y muchas veses se han visto curar muchas ulseras rebeldes solo con la purga repetida segun la nesesidad” (LIBRO, 1725, p. 414).

No tratamento de cânceres podiam ser usados os unguentos plúmbicos, preparado com azeite e açafão, e, também, o unguento branco e a *planchuela* de prata. Os olhos de caranguejos tostados, e reduzidos em pó extraído da prata, também eram bom remédio para câncer. Sapos, lagartixas, caranguejos de rio, triturados, também podiam ser considerados nas receitas. Os cirurgiões

---

<sup>155</sup> Planta herbácea da familia de las dipsacáceas, de altura de de 40 a 60 centímetros, com flores de cor azulada. O cozimento da raiz desta planta se empregou antigamente na medicina. Fonte: Portal da Real Academia Espanhola. Dicionário da Língua Espanhola. Disponível em: <<https://dle.rae.es/rastro#DICvPVe>>. Acessado em: 26 jul. 2021.

e enfermeiros preparavam os caranguejos e os demais ingredientes um dia antes, que deveriam ficar de molho, por um dia, em uma travessa com água, até que a substância triturada estivesse pronta para ser utilizada (LIBRO, 1725, p. 394). No Velho Mundo, desde o século XVII uma pasta com olhos de caranguejo se popularizou, e os unguentos e bálsamos, tornavam-se cada vez mais estranhos com a adição de rãs, patas de cervo e fígado de tartarugas (MUKHERHEE, 2010, p. 66). Os caranguejos também eram utilizados pelo cirurgião Gabriele Falloppio, da Universidade de Pádua, um importante centro científico, onde Galileu Galilei atuou por dezoito anos e fez descobertas importantes (DE MOULIN, 1980, p. 20). Falloppio usava-os triturados ou cozidos em leite, tal como retratado no *Libro de Cirugía*.

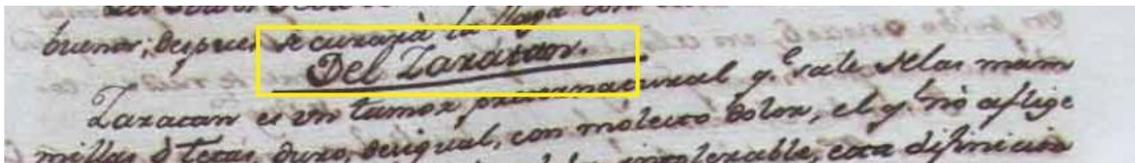
Considerando que algumas reduções da Província Jesuítica do Paraguai se encontravam instaladas em locais mais úmidos, devido à proximidade de cursos d'água, pode-se supor que havia uma fartura de rãs e sapos, facilmente coletáveis para as receitas no tratamento de tumores. Em uma carta de 25 de fevereiro de 1759, escrita por algum padre ou irmão não identificado e endereçada a Juan Baptista de Ris de Bonneval, encontra-se uma passagem que informa que o cirurgião Joseh Sema estava buscando rãs:

“Pon la euforia del parecer al cirujano mais joseh sema sin cuyo a se conoce su enfermo as ordens o eluyo a su se conoce su enfermo as diferencias lo dice es el cirujano, y se paresi remedio no yo necesidad las mi ranas pide, sin embargo, por las casas en el hecho buscar las en su barue, y solo se han malvios la guesas de passion di esta, y quedo en embias por las ormas a sus luego son mi ause ouve de determinado quedase ay esperandola respecho se podran en si mucho antes, y de y son auarigo por el camino de más de esa las y aunque le lepueda. Pero si son se resolaere hacer esse dilatado vago, de su luego [¿] ulcerar se y lo exercise, puesto y no deseo obscosa suios se recobre de si en on pasio en eran. Dia de us m. Borja. 25 Feb.o 1759” (AGN-PARES, 02/1759, grifos nossos).

Muito possivelmente, os indígenas da redução tenham sido requisitados para fazer a coleta de rãs e sapos solicitados pelo cirurgião Sema, lembrando-se que eram facilmente localizáveis através de vasculha da grama, junto à terra fofa, podendo ser coletados com as mãos, sem a necessidade de ferramenta.

O *Libro* conta com um subcapítulo dedicado ao *zaratán*, que, de acordo com Eloísa Llaveró Ruiz (2001), é uma palavra de origem árabe usada para descrever enfermidades que avançam da bile negra atingindo alguma parte do corpo.

Figura 23 – Subcapítulo sobre os *zaratáns* no *Libro de Cirugía*



Fonte: ANÔNIMO, 1725.<sup>156</sup>

O termo *zaratán* pode ser também encontrado em alguns textos medievais, deriva da palavra *sarattan*, com o mesmo sentido genérico de tumor maligno<sup>157</sup> (RUIZ, 2000, p. 144). Ele foi utilizado por cirurgiões árabes como Avicena e Ibn al-Quff, que acreditavam que as mulheres mais magras e com menos carnes eram mais propensas aos *zaratáns* (Ibid, p.144). Ambos se dedicaram a outros tipos de cânceres, como os pólipos nasais e o câncer de fígado, assim como a seus sintomas ou formas de diagnosticá-los.

No caso do manuscrito, o termo está associado a tumores de tamanho desigual, de aspecto duro, pouco maleável ao toque, que provocavam pouca ou muita dor,<sup>158</sup> estando restrito aos seios das mulheres: “sale de as mammillas o tetas, duro, desigual, con molesto dolor, el qual no aflige continuamente, y quando aflige no es dolor intolerable”. Para tratá-los, o autor-compilador indicou o uso de remédios emolientes e resolutivos, tais como nos *escirros*, que seriam de dois tipos: ou (1) as rãs frescas com manteiga, cozidas em panela fechada até a destilação da gordura e secagem das rãs; ou (2) as gemas de ovos, com suco de erva-moura e enxofre, agitados em uma vasilha de metal com um bastão (LIBRO, 1725, p. 395).

<sup>156</sup> Libro de Cirugía Traducido de Autores Graves y Doctos para Alivio de los Enfermos Archivo Histórico de la Provincia de la Asunción de la Santa Virgen del Rio de la Plata. 1725, p. 395

<sup>157</sup> No caso do *Libro*, maligna era a característica de enfermidade causada de acúmulo de sangue (LIBRO, 1725, p. 231), enquanto que benigno era característico de enfermidade que podia ser purgada ou sangrada sem risco de ulceração.

<sup>158</sup> “pero si el dolor fuere muy poco, y el tumor estuviera muy duro, aplicarás emolientes resolutivos” (LIBRO, 1725, p. 395).

Para descrevê-lo, o autor-compiler se valeu do *Compendio cirurgico, util y provechoso a sus profesores*, de Diego Robledo, publicada pela primeira vez em Valencia, no ano de 1694. Nele, o autor trouxe a mesma definição que encontramos no manuscrito: “zaratan es un tumor preternatural que sale en las mamilas, duro, desigual, con molesto dolor, y ardor, el qual no aflige continuamente, y quando aflige no es dolor intolerable” (ROBLEDO, 1694, p. 139). Ao abordá-los, Robledo refere orientações dadas por um tal de Pedro Miguel<sup>159</sup>, de identidade desconhecida, e também por Mercado. O primeiro, Pedro Miguel, aconselhava que, na maioria dos casos, os zaratáns deveriam ser abertos cirurgicamente, enquanto que, em outros, era conveniente o uso de cautérios.

Se o manuscrito de 1725 dedica uma página apenas aos zaratáns, trazendo sua definição, localização e tratamento, na obra de Robledo temos o Capítulo X – *De los tumores de las mamilas de mugeres* (p. 133) e o Capítulo XI – *Del tumor de las mamilas, llamado Zaratán*, que trazem, ao longo de cinco páginas, um conjunto muito maior de informações sobre este tipo de câncer. Também Robledo considera fases de evolução do *zaratán* – princípio, aumento, estado e declinação – e indica o uso de sangrias e purgas, de medicinas repercussivas e resolutivas (ROBLEDO, 1694, p. 133-141).

O *Libro* tem, ainda, um subcapítulo sobre aneurismas, tumores provocados pelo acúmulo de sangue arterial na cabeça, para os quais eram usadas sangrias ou purgas, emplastos de cipreste, clara de ovos, terra e vinho, cozidos e aplicados quentes sobre os aneurismas (LIBRO, 1725, p. 396). Além deles, o capítulo aborda também os abscessos, tumores causados por matéria estranha ou por humores desajustados, que eram tratados com folhas de malvavisco, azeite de camomila, folhas de ruta ou, então, cirurgia. Já os diviesos (furúnculos), tipo de tumor feito de sangue grosso e misto de humores,

---

<sup>159</sup> É possível que Diego Robledo tenha se referido ao galenista Pedro Miguel Heredia, um proeminente médico galenista responsável por assumir uma posição empirista que aceitou algumas práticas da incipiente iatroquímica. Fonte: Portal da Fundação Dialnet. Pedro Miguel Heredia. Disponível em: < <https://dialnet.unirioja.es/servlet/tesis?codigo=67423>>. Acessado em: 10 jul. 2021.

compreendia os furúnculos, que eram tratados com folhas de parietária<sup>160</sup>, farinha de trigo e leveduras (LIBRO, 1725, p. 397).

Os panarissos<sup>161</sup> ou paroníquias eram tumores preternaturais que se localizavam nas extremidades dos dedos, e consistiam em inflamações, nas quais eram usados água fria, suco de *llanten* e erva-moura (LIBRO, 1725, p. 398). A receita também envolvia bolo armênio, um tipo de argila, aplicado com bálsamo de *cayci*, e também o óleo de coelho, ou *tapiti* para os guaranis (LIBRO, 1725, p. 388). Algumas das receitas também prevêm o uso de incenso com mel, e o ferro com vinagre.

O manuscrito tratou das *ranuelas*, tumores feitos do humor fleuma, localizados debaixo da língua, que podiam ser retirados através de cirurgia, sendo, contudo, prudente recorrer, primeiramente, ao uso de bálsamos e a outras medicinas, como o lavatório com vinagre cozido com pedra alumbre, e sal, pós de orégano, e bálsamo *aguaraybay*, que, mesclado com sal poderia render bons resultados. Por outro lado, quando a coloração deles fosse negra, não era possível retirá-los, sendo recomendado usar bálsamos feitos à base de malva cozida com raízes de malvaisco, ou cevada, chumbo e erva-moura. A cirurgia para extração das *ranuelas* – quando não houvesse a cura através do emprego de bálsamos – era feita com o recurso do cautério, tomando cuidado para que não se ofendesse a língua. O procedimento também poderia ser feito com a lanceta, devendo-se aplicar manteiga ou outra gordura sobre o local para facilitar o procedimento cirúrgico (LIBRO, 1725, p. 388).

Dentre as plantas indicadas para “la inflamación de las tetas, y sobre cualquier postema” (LIBRO, 1725, p. 493), está a noz moscada, que pode ser encontrada no “Libro primero de la propiedad y virtudes de los árboles y plantas de las misiones y provincia del Tucumán, con algunas del Brasil y del Oriente” (1711), de autoria do irmão jesuíta Pedro Montenegro.

---

<sup>160</sup> Planta herbácea da família das urticárias, de 40 a 60 centímetros de altura, com flores em grupos axilares e pequenas, com vasto uso na preparação de cataplasmas. Fonte: Portal da Real Academia Espanhola. Dicionário da Língua Espanhola. Disponível em: < <https://dle.rae.es/>>. Acessado em: 20 jul. 2021.

<sup>161</sup> Os panarissos são caracterizados por inflamações nas juntas dos dedos, geralmente na terceira falange. Fonte: Portal da Real Academia Espanhola. Dicionário da Língua Espanhola. Disponível em: < <https://dle.rae.es/>>. Acessado em: 20 jul. 2021.

Figura 24 – Árvore de Noz Moscada, usada em receitas para tumores



Fonte: MONTENEGRO, 1711.<sup>162</sup>

Ela empregada sobre os tumores na forma de azeite, obtido a partir de suas folhas, em quantidade de uma libra, que deviam ser colocadas em uma vasilha e trituradas até formarem uma pasta, que devia ser transposta para um pote e cobertas com um pano. Um prato de terra deveria ser colocado em cima do pano que cobria a mistura para, na sequência, ser levado ao fogo. A noz moscada podia ser também misturada com as folhas de clauo, ou *ishin ka*. Ela também foi retratada na obra de Pedro Montenegro:

<sup>162</sup> MONTENEGRO, P. Libro primero de la propiedad y virtudes de los árboles y plantas de las misiones y provincia del Tucumán, con algunas del Brasil y del Oriente [Manuscrito]. Portal da Biblioteca Nacional da Espanha. Disponível em: <<http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000042551&page=1>>. Acessado em: 20 jul. 2021.

Figura 25 – Folhas de *Clauo*, usada em receita para tumores, juntamente com a canela



Fonte: MONTENEGRO, 1711.<sup>163</sup>

Ao longo das páginas que se seguiram, pudemos identificar que o autor-compilador do manuscrito platino apresentou definições, diagnósticos e tratamentos para sete (7) diferentes tumores em seu capítulo *Libro 2º de Cirugia de los Tumores em Geral*, como se pode constatar na Tabela 2:

<sup>163</sup> MONTENEGRO, P. Libro primero de la propiedad y virtudes de los árboles y plantas de las misiones y provincia del Tucumán, con algunas del Brasil y del Oriente [Manuscrito]. Portal da Biblioteca Nacional da Espanha. Disponível em: <<http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000042551&page=1>>. Acessado em: 20 jul. 2021.

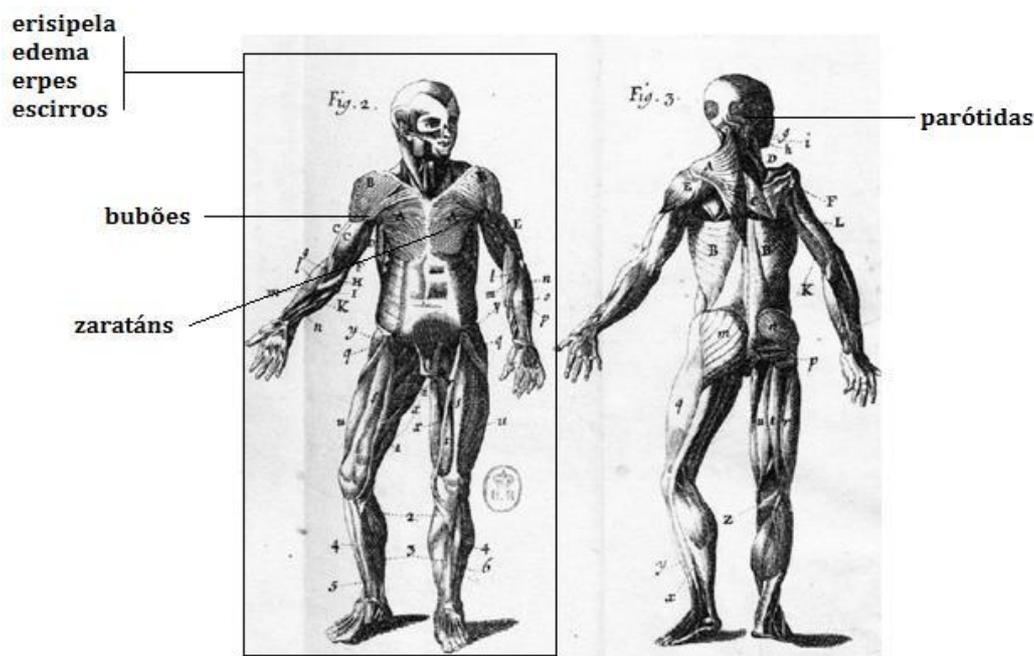
Tabela 2 – Tipo e Localização de Tumores

Tipo Tumoral	Localização
Parótidas	Tumores atrás das orelhas
Bubões	Tumores nas glândulas das axilas
Erisipela	Possível em qualquer parte da superfície anatômica, Inflamações de pele
Edema	Possível em qualquer parte da superfície anatômica, Inchaço em alguma parte do corpo
(H)Erpes	Possível em qualquer parte da superfície anatômica, Bolsas sobre a pele
Escirros	Possível em qualquer parte da superfície anatômica, Tumores de aspecto disforme
Zaratáns	Tumores localizados nos seios

Fonte: Elaborada pelo autor (2021)

Desta tabela, pode-se, por um lado, depreender que alguns tipos de tumores, sobretudo por sua localização, que os tornava visíveis, mereceram uma maior atenção por parte dos encarregados de acompanhar sua evolução, de receitar medicamentos ou de realizar cirurgias, e, por outro, pode-se simplesmente considerar que os casos relatados decorreram, exclusivamente, da observação pessoal do autor-compiler. De qualquer forma, os tipos de tumores que levantamos tanto nas *Ânuas*, quanto no *Libro de Cirugía* nos permitem afirmar que eles foram identificados e tratados pelos missionários que estiveram encarregados das artes de curar na Província Jesuítica do Paraguai.

Figura 26: Representação das localizações de tumores mencionadas no *Libro de Cirugía* a partir de modelo anatómico de Blas Beaumont, 1728.



Fonte: BEAUMONT, 1728.<sup>164</sup>

Reconhecendo que as práticas empregadas no tratamento dos cânceres poderiam combinar o uso de relíquias ou orações com a realização do emprego de unguentos ou de lancetas para operar, dualidades justificadas pela forma como viam os enfermos, sobretudo como aflitos da alma, os missionários também poderiam cotejar as ações, como é possível que tenham realizado em um caso cirúrgico relatado, no qual o missionário indicou realizar a incisão cirúrgica em um câncer no seio no formato de cruz:

“Quando el cancro fuere en los Pechos, y no se pudieren curar con remedio alguno, se estirparà cortandolo con navaja, sacando todo el tumor con sus raises, o abriendo en cruz se descarnarà, y con las manos se exprimira para que salga toda la sangre melancolica que estubiere congregada en la circunferencia; luego se cauterisarà con sucebridad nõ produsca escara gruesa” (LIBRO, 1725, p. 394).

Neste capítulo, analisamos as menções aos tumores em uma documentação de cunho edificante, as Cartas Ânuaas, chamando a atenção para as particularidades das descrições, uma vez que estavam fortemente

<sup>164</sup> BEAUMONT, D. *Exercitaciones anatomicas y essenciales operaciones de cirugia on un breve resumen de los instrumentos y vendages*. Madrid, 1728.

marcadas pelo projeto de conversão e civilização dos indígenas. Elaboramos um quantitativo dos indivíduos que foram referidos com casos de tumores, bem como dos tipos tumorais que puderam ser encontrados entre o final do século XVII e a primeira parte do século XVIII, na região da Província Jesuítica do Paraguai, e apresentamos também as concepções, os diagnósticos e os tratamentos de tumores evidenciados em um manuscrito escrito nas reduções da Companhia, apontando, também, para os autores que foram consultados para fundamentá-los.

No próximo capítulo, abordamos o diálogo que o autor-compiler do *Libro* manteve com os autores mencionados ao longo de seus capítulos e com os saberes nativos com os quais ele pôde ter contato em função de sua atuação junto a eles na região platina, procurando verificar de que modo ocorreram as apropriações e a circulação de saberes e práticas nas reduções e colégios mantidos pela Companhia de Jesus.

## 5 PARA “*ABLANDAR HINCHAZONES*”: APROPRIAÇÃO E CIRCULAÇÃO DE SABERES FARMACOLÓGICOS E MÉDICO-CIRÚRGICOS EM UM MANUSCRITO ANÔNIMO DE CIRURGIA

O presente capítulo propõe uma discussão sobre a produção, a apropriação e a circulação de saberes nas reduções e colégios mantidos pela Companhia de Jesus, a partir da análise dos capítulos do *Libro de Cirugía*. Partimos de alguns questionamentos: Quais teriam sido, portanto, os usos que o autor-compiler do manuscrito fez de textos de cirurgia e de medicina produzidos, principalmente, no contexto europeu? E, ainda, no que consistiam esses usos? Mais à frente veremos que o manuscrito platino menciona receitas presentes em outros tratados, modificando-as, incluindo elementos e realizando, assim, produções originais e singulares de terapêuticas que serão indicativas da existência de práticas curativas resultantes do contato com agentes locais.

Quanto aos autores com os quais o autor-compiler dialoga, já no início do capítulo sobre tumores do manuscrito, encontramos a primeira menção a um autor de referência, Don Manuel de Porres, autor do *Tratado de Anatomia*:

“Aviendose transmutado una apostema adentro atraeremos la con emplastos compuestos de seusillas, ajos, y lusadura, o con el vasalicon pulborisado con euforvio, o con las cantaridas, ventosas, sanguijuelas, y abrir qualquiera porcion de tumor con cauterio actual para atraer, y haser puerta a la naturalesa para que desaogue de lo nosibo. Porres. Pag. 61.” (LIBRO, 1725, p. 363).

Neste trecho, o autor-compiler do manuscrito recorreu a Porres para entender a maneira mais adequada do uso de um cautério para tratar, com o uso de calor ou fogo, um determinado tumor. Nesta situação específica, o autor-compiler do manuscrito se valeu de parte do texto de Don Manuel de Porres para descrever uma forma de tratamento de apostemas, a saber, usando plantas, ventosas e o cautério. Vale lembrar que a consulta aos doutores e a cópia literal de partes de seus textos não se configurava em um

problema no Setecentos, pois o plágio não existia da mesma forma como no mundo contemporâneo, uma vez que um autor poderia compilar textos sem deixar de ser autor<sup>165</sup>. Por outro lado, não se deve desconsiderar que, para além da apropriação dos textos pelos autores, há também a apropriação realizada pelos leitores ou por aqueles que usavam o texto do manuscrito, adotando as indicações feitas.

A próxima obra a ser referida será a *Medicina y Cirugia Doméstica*, de Felipe Borbon. Para obter informações mais precisas sobre como proceder na preparação de cataplasmas, receitas muitíssimo eficientes, o autor recomendou: “cataplasma hecho con seuollas cosidas debaxo de las brasas e incorporadas con manteca de puerco, y leadura vieja. El med. Car. Pag. 218.” (LIBRO, 1725, p. 367). Como havia referência à página, de número 218, da obra *El Médico Caritativo*, foi possível verificar que, no subcapítulo “De los tumores impuros”, Borbon descreveu sua receita de forma bastante similar. Ali, os bubões e parótidas eram tratados com medicamentos atrativos, como os cataplasmas, “hechos con seuollas...”. Mais uma evidência de apropriação pelo autor-compiler do manuscrito.

No tópico que refere o tratamento de erisipelas, encontramos novamente mencionada a obra de Felipe Borbon, que recomenda o uso das sangrias: “En la erisipela dice el Med. Car. Pag. 223 La sangria en el principio, y aumento, es nesessaria, y tambien la dieta refrigerante, y umectante, como son los caldos, y el oxicrato y el suero claro” (LIBRO, 1725, p. 368). Curiosamente, houve uma modificação em relação ao texto original da obra de Borbon, embora sem alteração de sentido: “En la erisipela, la sangria en el principio, y aumento es necessaria, y tambien la dieta refrigerante, y humectante, como son los caldos, y el oxicrato, y la leche clara”. Diferentemente do texto original, o autor-compiler do *Libro de Cirugía* detalhou melhor o uso do leite na receita:

---

<sup>165</sup> Roger Chartier (2012) retomou a função-autor discutida por Foucault (2009), propondo que ela é o resultado de operações complexas que conferem unidade e coerência a discursos, discutindo a maneira pelos quais eles circulam na sociedade. O primeiro dos processos pelos quais a função-autor opera é através do leque de textos nos quais a função-autor é válida ou atribuível. Já o segundo processo consiste na construção da figura do autor, na seleção dos traços pertinentes à sua caracterização. Quem seria o autor? O que ele deveria fazer para ocupar esta posição? Chartier propôs uma revisão da genealogia proposta por Foucault para a aparição da função-autor, a qual pode ser encontrada sob o seguinte título: CHARTIER, R. O que é um Autor? Revisão de uma genealogia. São Paulo, EduFSCAR, 2012.

“Quando la inflamacion se hà remitido, y la erisipela està en la declinacion purgaras, y infundiendo dos dragmas de sen en dos tasas de agua de chicoria, ò de suero añadiendo una onza de Xaraue rosado solutibo, ò el de Mosqueta, y los tomaria el enfermo” (LIBRO, 1725, p. 369). O trecho revela, ainda, que o que foi utilizado tratou-se de uma porção do leite, e não dele como um todo. Segundo o Dicionário da Real Academia Espanhola, o suero se refere à porção líquida formada após a coagulação do leite, o que pode se dar naturalmente, com o tempo (DRAE, 2021).

Sabe-se que a coagulação pode se dar através de ação bacteriana, de modo que as bactérias se reproduzem naturalmente no leite que é deixado parado. Pode-se supor que o leite que envelhecesse ou sobrasse, após o consumo, nas reduções e missões da Província fosse, porventura, usado em pequenas porções para fins medicinais.<sup>166</sup>

A mudança em relação ao procedimento que constava em Borbon, com um novo uso do leite, diz respeito à forma como um procedimento da arte médica se acomodou em um contexto cultural específico, o que se deu mediante a reconfiguração deste procedimento de acordo com um julgamento por parte dos locais de que aquela receita poderia ser feita com o soro e não com o leite novo. Esta mudança foi fruto da experiência de alguém, das formas de manejo e uso do leite – talvez dependessem do leite novo para outra demanda – talvez a opção pelo soro tenha sido uma escolha feita pelo autor-compiler face à sua observação, mas, de qualquer modo, um fator circunstanciado em questões de ordem local.<sup>167</sup>

---

<sup>166</sup> Sabe-se, por exemplo, que os indígenas de Tucumán foram exímios produtores de queijo, o que apontaria para outro aproveitamento do excedente de leite nas reduções. (FURLONG, 1933, p. 16).

<sup>167</sup> A questão do soro do leite pode estar associada a alguma prática alimentar Mbyá-Guarani. A nível de informação, os guaranis evitavam, em parte, alimentos de origem animal, optando por alimentos de origem vegetal, os quais mais adequadamente os manteriam leves e puros, considerando que, dentro da cosmologia guarani, a alimentação tinha um papel importante e era preciso se alimentar bem para estar mais de acordo com as regras levadas em consideração para se aproximar da Terra Sem Males, o paraíso. O consumo de alimentos tradicionais, isto é, aqueles que não vinham de fora, da cultura dos brancos, também era algo levado em consideração. Segundo a divisão guarani, haviam os alimentos do sangue e da carne (espécies animais) – no qual se inseria o leite - e os alimentos do esqueleto (espécies vegetais). (TEMPASS, 2007, p. 179).

Felipe Borbon também foi consultado para a indicação de tratamento do carbunco. Na página 219 de seu tratado, encontramos a seguinte recomendação, que foi transcrita literalmente no *Libro*: “aplicaras luego al carbunco el emplasto hecho con Yanten, y miga de pan cosido en leche corroboras las partes vezinas con el defencibo hecho de aseyte rosado, y claras de guebo, por causa del dolor y ardor, si negrura, y putrifacion los ojaras aplicando vidreo calcinado, o la alcaparrosa” (LIBRO, 1725, p. 392). Mas, se o *llanten* foi utilizado pelo autor-compiler do manuscrito, a obra original de Borbon referia o uso de outra planta, a *plantayna*:

“aplicaras luego al carbunculo el emplastro hecho con plantayna y mioja de pan cocido en leche, corroboraras las partes vezinas con el defensivo hecho de azeyte rosado, y claras de huevo, por causa del dolor, y ardor. Si vieres negrura, y putrefaccion, lo sajaràs, aplicando vidrio calcinado, y solicitaràs de poner la escara con supurantes, o aplicaras una cebolla de lirio, cocida debaxo de las brasas, y la mezclaràs con manteca” (BORBON, 1705, p. 219, grifos nossos).

É sabido que o *llanten* existia e era empregada na Europa. O irmão Pedro Montenegro, contudo, localizou, pelo menos, duas espécimes aquáticas desta planta na região platina, devido às suas recorrentes experiências de observação e classificação de espécimes vegetais no contexto missional (FLECK, 2014, p. 210), sendo que menções à ela podem ser encontradas em sua obra *Materia Medica Misionera*, de 1710-1711.

O reconhecimento das virtudes das plantas partia tanto do olhar individual de missionários treinados, como Montenegro, quanto do repasse de saberes através da tradição oral indígena local. No caso do *llanten*, ela era chamada de *Caàyuquí* pelos índios guaranis (FLECK, 2015, p. 352), como identificado na obra *Paraguay Natural Ilustrado*, do padre José Sanchez Labrador (1771-1776), que apontou que os nativos a empregavam para “ablandar hinchazones, limpiar, y sacar materia podrida de las llagas. Beben su zumo para atajar quales quiera fluxo de sangre” (LABRADOR, 1771-1776, p. 449 In: FLECK, 2015, p. 352). Depreendemos, pois, que os indígenas tinham um uso, em certo sentido, anti-inflamatório para esta planta.

A transformação de uma receita europeia a partir do acionamento de um saber indígena mostra que práticas científicas, no caso, médico-cirúrgicas,

estavam em construção/reconfiguração e não foram simplesmente adotadas sem quaisquer adaptações. Revela, portanto, que enunciados e práticas só se deslocam do seu lugar de invenção às custas de acomodações, que consistem em reconfigurar os novos objetos, enunciados ou procedimentos científicos (RAJ, 2007, p. 155). A noção passiva de difusão de ciência da Europa para o Novo Mundo se pulveriza, é solapada rapidamente em decorrência de uma força em sentido diametralmente oposto, pois se existe um discurso hegemônico de poder ocidental que procura se legitimar – e, em certo sentido, é mantido e legitimado pelos missionários, que se utilizam dele – por outro lado, existem racionalidades outras, relativas à classificação própria, binomial, de plantas e animais, e a produção de proposições epistemológicas locais que afrouxam a supremacia de uma racionalidade dita ocidental.

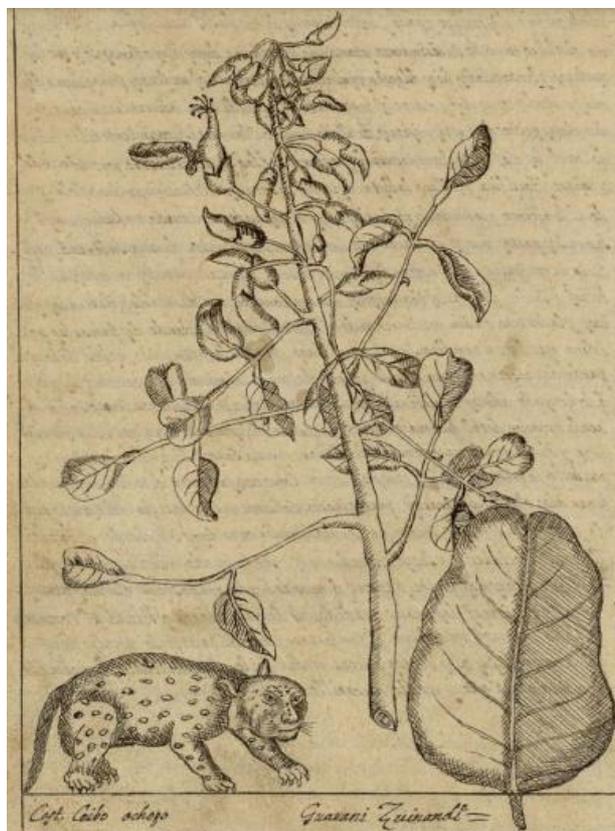
Esta racionalidade dizia respeito à ideia de que somente o juízo da razão nos moldes europeus seria responsável pela produção de afirmações confiáveis, e, portanto, dignas de valor. Tratava-se de um discurso eurocêntrico, posto que os nativos eram vistos como seres regidos pelas sensações, menos dispostos à razão. Quando escreveu o *Discurso do Método*, Descartes proclamou a importância da razão em detrimento dos sentidos:

“E me parece que todos aqueles que querem usar a imaginação para compreendê-las se comportam da mesma maneira que se, para ouvir os sons ou sentir os odores, quisessem utilizar-se dos olhos; salvo com esta diferença: que o sentido da visão não nos assegura menos a verdade de seus objetos do que os do olfato ou da audição; enquanto a nossa imaginação ou os nossos sentidos jamais poderiam garantir-nos coisa alguma, se o nosso juízo não intervesse” (DESCARTES, 2001, p. 22).

A mobilização dos saberes nativos, repassados aos jesuítas através de informantes e inseridos em receituários e tratados de botânica médica e de medicina, deixam evidente sua participação na produção e circulação de conhecimentos, bem como a necessidade de uma relativização do discurso hegemônico da ciência. Para Marcos Cueto e Steven Palmer, os médicos indígenas e europeus estavam dispostos a trocar ideias e tratamentos entre si e incorporá-los de forma diferente de seus próprios modelos, às vezes competindo em seus diagnósticos sobre as causas das doenças (CUETO, PALMER, 2016, p. 28). Na ilustração a seguir, o jesuíta Pedro Montenegro

retratou como os nativos identificaram as propriedades de uma planta (*zuinaldi*) através da observação do comportamento de uma onça.<sup>168</sup>

Figura 27 – Onça indicando o uso medicinal do ceibo (*zuinaldi*)



Fonte: MONTENEGRO, 2021.<sup>169</sup>

Acredita-se que a atuação dos indígenas tenha envolvido outros ofícios além de informantes e boticários, como também o de copistas, sobretudo no tratado de cirurgia e de medicina platino, no que tange às suas páginas finais. O que parece se levantar, e é algo a ser explorado em investigações futuras, é

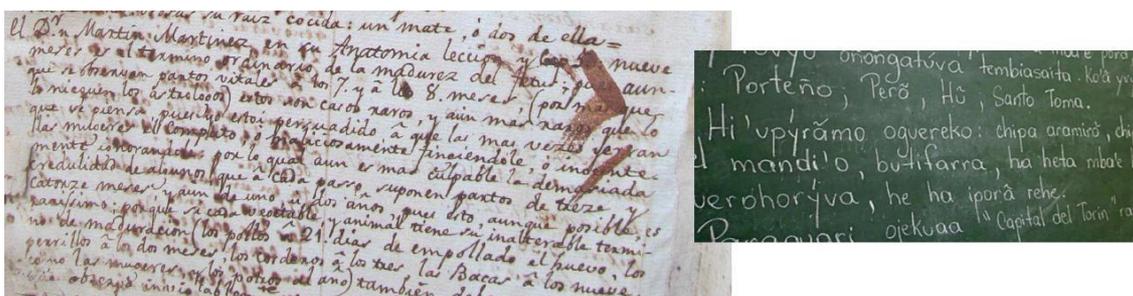
<sup>168</sup> Segundo o modo positivista-idealista clássico das ciências, baseado na formalização matemática e na verificação experimental, os seres humanos eram seres racionais universalmente e aceitariam as ideias racionais sem resistência por serem dotados da capacidade de entender entre o que é verdadeiro e o que é falso. Quando a propagação das ideias se tornou uma variável de análise, ou seja, as condições pelas quais a ciência é aceita e internalizada em um conceito, transformada e reconfigurada, a percepção de que os agentes locais, sejam eles ameríndios, africanos ou asiáticos passaram a ser considerados como sujeitos dotados de razão, e em certo sentido, se passou para uma abordagem histórico-cultural da ciência.

<sup>169</sup> Libro primero de la propiedad y virtudes de los árboles y plantas de las misiones y provincia del Tucumán, con algunas del Brasil y del Oriente [Manuscrito]. Portal da Biblioteca Nacional da Espanha. Disponível em: <<http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000042551&page=1>>. Acessado em: 20 jul. 2021

que este próprio texto de caráter médico-cirúrgico pode ter contado com uma participação indígena maior do que aquela que se sabe até então, sobretudo na atividade de copista. Algumas porções da obra contaram com acentuações, no espanhol, que possuíam certa semelhança com o guarani gramatical, indicando que, possivelmente, aquele indivíduo que redigiu o texto no idioma espanhol foi, antes, letrado no idioma guarani.

Na figura abaixo, temos à esquerda um trecho do manuscrito platino, enquanto que, à direita, uma imagem meramente ilustrativa do guarani gramatical, indicando que, do ponto de vista do estilo de acentuação, a página do manuscrito possa, pelo menos a nível de hipótese, apresentar semelhanças.

Figura 28 – Semelhança de certas palavras das páginas finais do manuscrito com grafia do guarani



Fonte: Adaptado pelo autor (2021).<sup>170</sup>

A circulação de conhecimentos envolveu redes de curto e de longo alcance, que se manifestam na escrita do manuscrito de cirurgia que analisamos, em função dos processos complexos de negociação intercultural, dos jogos de poder e da colaboração envolvida na produção desses conhecimentos botânicos e cirúrgicos. Considerando tudo isso, discordamos da noção de que os indígenas tenham sido meros informantes passivos, pois os dados apontam que eles foram participantes ativos na produção e circulação de conhecimentos relacionados direta e indiretamente com os tratamentos de tumores. Eles estiveram envolvidos em funções variadas, tais como a de

<sup>170</sup> À esquerda, adaptado de: MONTENEGRO, P. Libro primero de la propiedad y virtudes de los árboles y plantas de las misiones y provincia del Tucumán, con algunas del Brasil y del Oriente [Manuscrito]. Portal da Biblioteca Nacional da Espanha. Disponível em: <<http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000042551&page=1>>. Acessado em: 20 jul. 2021

informantes, cirurgiões, boticários, e, supõe-se, de copistas e encadernadores de textos.

Com vistas a pensar estas atuações, podemos considerar que estudos recentes procuraram distanciar-se da concepção de ciência como um sistema de proposições ou descobertas formais, atentando para a construção, manutenção, extensão e reconfiguração do conhecimento e habilidades práticas, procedimentos, métodos e instrumentos associados a ele (RAJ, 2015, p. 168). A pesquisa científica não seria, pois, baseada no raciocínio lógico passo a passo, mas no julgamento pragmático, muito parecido com aquele envolvido nos ofícios práticos, e, portanto, situado histórica e geograficamente. Estes julgamentos pragmáticos apontam, portanto, para a natureza cada vez mais local do conhecimento, e por isso, para as resistências locais, a negociação de modos de fazer e as reconfigurações de saberes, que lançam luz sobre a participação de outros agentes de cura no Novo Mundo, que não exclusivamente os europeus. Com isso, tanto os jesuítas quanto os indígenas não são tomados como agentes passivos na implantação de um conhecimento produzido nas metrópoles e difundido na América, mas, sim, como atores ativos na produção de saberes. Mais à frente, veremos o quanto são complexas as dinâmicas sociais e também estruturalmente semelhantes com aquelas das quais emergem os tratados europeus, com algumas especificidades.

Há algumas décadas, o poder de influência metropolitano foi discutido por historiadores como Charles Boxer que apontaram para a necessidade de negociações de que dependeram os impérios para a sua manutenção, bem como para a influência de saberes e práticas locais sobre eles (BRACHT, 2016, p. 98). Associando a aspectos das ciências, a noção de ciência metropolitana foi questionada, sobretudo pela percepção das metrópoles como espaços “localizados”, e, portanto, associados a limitantes sociais, políticos, geográficos no que tange à produção e circulação de saberes e práticas.

Se os espaços europeus, embora detentores de maior poder econômico e de instituições estabelecidas, situam-se em espaços de disputas, trocas e negociações, as próprias obras de cirurgia e de medicina citadas no manuscrito

platino e que compunham os acervos de bibliotecas jesuítas ou acervos particulares eram [estavam?], portanto, localizadas em espaços nos quais haviam limitantes sociais, políticos e geográficos para a produção e circulação de saberes. Os cirurgiões e médicos que escreveram os tratados de cirurgia e de medicina utilizados para a redação do manuscrito não estavam isolados de um meio social, mas situados em redes de maior ou de menor extensão (BRACHT, 2018, p. 168).

Partindo desse pressuposto, ao apontar que o manuscrito platino também é fruto de um processo de constituição de redes de trocas de saberes, bem como a documentação jesuítica analisada, assim como as próprias práticas mobilizadas pelos missionários e indígenas para a realização dos atendimentos a tumores e cânceres, pode-se perceber que a dinâmica social na qual operam os processos no Novo Mundo também respeita a mesma lógica de operação no Velho Mundo, com a diferença de que, na Europa, haviam certas tradições médicas estabelecidas, uma maior presença do Estado e a constituição das divisões nas funções das artes de curar, bem como uma maior regulação das atividades, mas igualmente um florescimento de expressões populares das artes de curar como também ocorriam nos povoados do Novo Mundo.

A atestada circulação de correspondências entre a sede da Companhia de Jesus, em Córdoba, com a sede, em Roma, bem como os espaços no Oriente (ASÚA, 2014), conferiu aos membros acesso aos debates científicos realizados e a uma ampla rede de comunicação e acesso a informações. E inseriu a Província na condição de um espaço não só conectado com o Velho Mundo e o oriente, mas absorvedor de muitos elementos. As fronteiras, em si, têm sido vistas não como espaços nos quais se separa do outro, mas nos quais o outro procura se adentrar, por alguns fatores. As redes mercantis funcionam desta forma, posto que existe um interesse de inserção nelas por parte dos grupos, e nestas a Companhia de Jesus soube se inserir bastante bem, com a exportação de medicamentos e de erva-mate (BOUMEDIENE, 2011).

Na questão da circulação, portanto, os jesuítas foram responsáveis por se apropriar de saberes indígenas, posto que os nativos detinham o conhecimento do mundo natural, e por transformá-los em medicamentos e capitalizá-los, principalmente a partir das últimas décadas antes da expulsão da Companhia dos territórios platinos (BOUMEDIENE, 2011). Considerando a circulação como um movimento de duplo-sentido, percebemos que as redes de comércio mantidas pelos jesuítas ou das quais eles se valeram permitiram que houvesse a circulação de saberes e práticas de forma mais ampla, não somente no Novo Mundo, mas também no Velho Mundo, e no Oriente, uma vez que diversas receitas, plantas, indivíduos, saberes foram mobilizados através das redes de comércio nas quais a Companhia esteve inserida.

A questão do acesso da Companhia de Jesus a uma rede bastante ampla, sobretudo com fins mercantis em uma escala ultramarina, colocou a Província em certo lugar de acesso a informações com uma relativa semelhança ao observado no caso dos indivíduos que escreveram os textos de cirurgia e de medicina comentados e produzidos em Madrid, Salamanca ou em Montpellier, com algumas ressalvas. A primeira delas se refere ao fato de o *Libro de Cirugía* ser uma obra manuscrita e compilada, com menor riqueza de detalhes e informações do que alguns textos impressos e financiados pelas Coroas na Europa, traduzidos e decorrentes de acessos a mais obras, bibliotecas, editores e leitores. Por outro lado, não se deve desconhecer que obras como o *Libro de Cirugia* são produtos de múltiplas apropriações de teorias médicas, saberes, receitas, modos de fazer favorecidas, justamente, pelo espaço em que o autor-compiler se inseria.

Avançando na análise do manuscrito, percebemos que o autor Felipe Bourbon foi utilizado pelo autor-compiler na indicação do uso de cautérios em tumores e da remoção das marcas ou escarras produzidas pela aplicação, mediante o uso de manteiga, ou com a raiz de malbanico, ou malbas, ou trementina (BORBON, 1705, p. 207). Vale ressaltar que o autor-compiler do manuscrito não usou os trechos de Borbon na ordem em que se encontravam em sua obra, optando por uma síntese de conteúdos expressos ao longo de diversas páginas, da qual resultou uma breve menção de duas linhas no manuscrito platino.

Outra obra que citada no manuscrito foi o *Compendio Chirurgico* de Diego Robledo, do qual o autor-compiler se valeu para embasar o tratamento de *zaratáns* com o uso de unguentos. A obra, já referida no capítulo primeiro da dissertação, é bastante bem estruturada, contando com alguns subtópicos que tratam de unguentos dos mais variados. É plausível supor que o autor-compiler tenha se valido destas páginas para informar-se mais sobre o próprio humoralismo, muito marcante no texto roblediano, sobretudo no que tange aos pressupostos hipocrático-galênicos. Robledo acreditava que o quilo<sup>171</sup> passava do estômago para o fígado, no qual ocorria um cozimento, originando os humores.

Neste processo de escrita do *Libro*, estamos percebendo que se deu a consulta a diversos textos que ajudaram a compor um mosaico de autores acionados na construção da obra. Torna-se evidente que, para escrita do manuscrito, foi necessária uma biblioteca, da qual livros foram sendo pegos, um a um, consultados e apropriados pelo autor-compiler com vistas à montagem do texto, não sendo poucos os nomes de doutores citados. Isto fica mais uma vez evidenciado no capítulo de tumores, quando encontramos nova referência a Diego de Robledo e ao uso, por ele indicado, do *oximiel* para tornar sutis as matérias e para expurgá-las do corpo. O trecho, adaptado, proveio deste excerto extraído da obra de Robledo: “por topicos aplicarás, quando ellas estan producidas, resolutorios compuestos de raiz de dragonica menor, y de brionia, herviran en oximiel, hasta consistencia de puches, y a una libra destas raizes, passadas por tamiz, mezclaràs una onça de azufre vivo en polvo” (ROBLEDO, 1687, p. 228). A supressão de algumas informações por parte do autor-compiler do manuscrito tornou a receita mais curta e sintética,

---

<sup>171</sup> Segundo o galenismo, o quilo era o produto resultante da digestão do alimento. Ele era formado no estômago, de onde ia para o fígado, para ser convertido em sangue permeado por pneuma natural. De lá, parte do sangue seria levada para o coração e, por conseguinte, para os pulmões, enquanto que outras porções passavam por poros invisíveis. Do ventrículo esquerdo passavam para o direito, onde se misturavam com pneuma vital, adquirida dos pulmões e, por consequência, do ar que foi respirado. O sangue vital depois iria para o cérebro pelas artérias aorta e carótida, onde seria refinado pela pneuma animal. Através dos nervos, tinham início as sensações e o movimento corporal (BYNUM, 2011, p.25).

fazendo referência somente ao *oximiel*, composto feito de uma parte de mel e outra de vinagre.<sup>172</sup>

O uso do mel na preparação de receitas de tumores por parte dos jesuítas parece ter alguma semelhança com o emprego terapêutico dado a ele por certos grupos indígenas. As historiadoras Cintia Rosso e María Celeste Medrano, por exemplo, estudaram o uso do mel por indígenas Toba, sendo que ele tradicionalmente era empregado em problemas de dentição e na gengiva de crianças (ROSSO; a fim de reduzir a inflamação).

Do mel coletado nos bosques da Província e usado nas terapêuticas de tumores, passamos à referência feita a um novo autor no capítulo de cânceres. Obra bastante importante no período, redigida cerca de quarenta anos antes do *Libro de Cirugía*, o célebre estudo *Tratado Primeiro de Medicina y Cirugia Racional y Espagirica, Sin Obra Manual, Para Alivio de Los Pobres Enfermos*, de Juan de Vidos (1687), foi importante para que o autor pensasse alguns aspectos relativos à forma de estruturar o seu capítulo de tumores.

A obra de Juan de Vidos não foi citada exatamente no capítulo de tumores do manuscrito, mas em outros capítulos, como o das enfermidades da cabeça. Nele, o autor-compiler tratou dos *cerotes* (acúmulo de sujeira em alguma parte do corpo) e dos soníferos. Vidos, no entanto, abordou os tumores, em um capítulo intitulado “*De los Tumores Preternaturales en General, y la Curacion de Ellos*”, no qual faz algumas análises parecidas com as do manuscrito, e que, supomos, possam ter sido lidas, uma vez que o seu livro foi, de fato, citado.

Vidos colocou a *cacochimia* como o vício da matéria ou do humor, isto é, responsável pelo congestionamento humoral e pela formação de tumores, noção humoralista idêntica à presente no manuscrito: “si es hecho de umores malignos, o el enfermo estuviere cacoquimico, trae mucho riesgo” (LIBRO, 1725, p. 364). Outro ponto em comum entre as duas obras diz respeito à sequência em que os tumores são listados, pois em ambas as obras as

---

<sup>172</sup> Segundo Furlong, os jesuítas da Província aprenderam a cultivar o mel para fins de consumo e medicinais (FURLONG, 1994, p. 15). Já o vinagre, o outro ingrediente desta receita para tumores, poderia ser obtido com o vinho deixado estático por um longo período.

explicações sobre tumores do tipo flemon foram sucedidas por erisipela, por edema e por escirros (BORBON, 1705, p. 23-26).

Alguns destes tipos de tumores dependiam de cirurgia para serem tratados, como visto no capítulo anterior. O autor-compiler citou uma obra de Madame Fouquet para referir-se a um excelente cicatrizante (LIBRO, 1725, p. 127). Sabe-se que, na obra da autora, ele foi utilizado em tumores: “si el cancer queda muerto, o va muriendo, entonces curaras la llaga con el unguento, o el emplastro negro” (FOUQUET, 1685, p. 83). O emplastro negro, contudo, não foi indicado somente por Fouquet, mas o já referido Juan de Vidos parece ter sido o autor da receita, uma vez que no inventário do Colégio de Córdoba, realizado após a expulsão da Companhia dos domínios espanhóis, seu nome parece associado a ele: “4 libras 12 onzas de emplastro negro de vidoz, que tasaron a 2” (FLECK, 2014, p. 364).

Nesta mesma receita que trata de emplastros, citada na obra de Fouquet, há a adição de *almaciga*<sup>173</sup> e de azeites específicos: de espliego (lavanda) e de hypericon (sequoia) (FOUQUET, 1685, p. 263). O trecho no manuscrito, no entanto, menciona que, pelo que já havia sido testado e realizado em termos dos atendimentos médico-cirúrgicos, bastava um azeite comum, feito com as plantas e gorduras de que se dispunha, azeites estes detalhadamente descritos no capítulo *Dispensatório medicinal*.

Para além da discussão em torno das apropriações de obras de referência que identificamos no manuscrito, consideramos interesse refletir também sobre uma obra que abordou tratamentos de tumores e cânceres publicada na França, em 1701, alguns anos antes, portanto, da divulgação do *Libro de Cirugía*, e que não foi nele mencionado. Trata-se de *Sur la nature et la guerison des cancers*, de Claude Gendron, e, pelo que pudemos constatar, nos permite traçar semelhanças e diferenças entre eles.

---

<sup>173</sup> Almaciga é uma planta do gênero *Pistacia*, pertencente à família *Anacardiaceae*, um arbusto de um a cinco metros de altura, com frutos arredondados e pequenos, tipicamente vermelhos. Espécime mediterrânico, encontrado tanto no Velho como no Novo Mundo. Conífera tropical, ela é conhecida atualmente por sua resina, o copal de Manila (RAZAL, JARA, SAMAR et al, 2021, p. 1).

O primeiro ponto de diferença foi a importância da linfa no processo tumoral na obra de Gendron, a qual não foi mencionada nenhuma vez no *Libro de Cirugía*. No tratado francês, a linfa participa da nutrição e crescimento dos tumores: “a ação compressiva de uma massa tumoral provoca a abertura da pele e o seu dilaceramento, o que não se dá somente pela emanção de um humor corrosivo, mas da coagulação do sangue, que dá o aspecto escuro ao tumor<sup>174</sup>. A substância cancerosa, uniforme, é alimentada pelos espíritos transportados pelos nervos, nutrida pela penetração do sangue e pela insinuação de um humor linfático” (GENDRON, 1700, p.67).<sup>175</sup> As áreas glandulares, nervosas e os locais onde se encontravam os vasos linfáticos e excretos (GENDRON, 1700, p. 31) eram, para o médico francês, os locais onde surgiam o acúmulo de fluxos humorais, enquanto que, para o autor-compiler do manuscrito, se tratavam do acúmulo de humores em qualquer parte (LIBRO, 1725, p. 362).<sup>176</sup>

Apesar de a obra de Gendron estar permeada de noções do humoralismo, o autor não deixa de compartilhar suas observações e experimentos, afinal, o médico atuou durante oito anos operando pacientes antes de escrever a obra. Gendron, por exemplo, afirma que os cânceres possuíam filamentos que podiam espalhar os tumores através deles (GENDRON, 1700, p. 38). Estes vasos – sanguíneos e linfáticos – centralidade no texto gendroniano, pois, com a perda da circulação da linfa por eles, ocorria que as artérias, as veias, os nervos e os vasos perdiam os seus usos, acarretando no escurecimento das mesmas, antes esbranquiçadas ou suaves, em seu endurecimento, e isto era perceptível em alguns cânceres (GENDRON, 1700, p. 85).<sup>177</sup> No manuscrito, por sua vez, os vasos sanguíneos e linfáticos

---

<sup>174</sup> ne doit point suposer qu'elle soit ainsi déchirée par une émanation d'une humeur corrosive, et que la seule et successive compression suffit, il faut considerer aussi que l'ouverture qui se fait par les incidens qui doivent naitre necessairement dans le sang coagulé qui en fait la lividité (GENDRON, 1700, p. 66).

<sup>175</sup> la substance cancéreuse, tout uniforme, compatte, animé d'esprits portés par les nerfs, nourri par la penetration du sang, et par l'insinuation d'une humeur lymphatique (GENDRON, 1700, p.67).

<sup>176</sup> Je me proposais pour m'en instruire, de regarder les cancer de mes propres yeux... Pendant huit ans je sis sur ce sujet des observations (GENDRON, 1700, p.31).

<sup>177</sup> les vaisseaux lymphatiques ne sont plus terminés dans l'ordre naturel de leur esturcture, perdent leur cavités, et par consequent leurs usages. (GENDRON, 1700, p. 85).

não foram mencionados com atenção, uma vez que este não era um dos interesses do autor-compiler.

Passando para os procedimentos de sangrias e purgas, o autor-compiler do manuscrito as utilizou vastamente, ao contrário do autor francês, que possuía grandes ressalvas em relação a estes procedimentos, pois entendia que as sangrias poderiam enfraquecer os pacientes, e atrapalhar a sua recuperação. Apesar disso, o emprego de remédios tópicos (remedes topiques) – ou emplastos –, foram também usados pelo médico de Montpellier, que recomendou que, em cânceres externos, como no seio, os remédios tópicos podiam ajudar (GENDRON, 1700, p. 134).

Uma das constatações a que chegamos é a de que o autor francês procurou se distanciar do humoralismo, contudo, na prática, os pressupostos humoralistas ainda se fazem muito presentes, a saber, o uso de emplastos e unguentos. Uma de suas receitas previa o uso chamada saqueta de fogo (sachet de feu), responsável por diminuir a dureza dos cânceres. Sua preparação consistia na calcinação de pedras cinzentas porosas, que eram separadas em sais lixiviados, adicionadas de enxofre metálico de ópio ou de chumbo. Misturados, todos esses itens formavam uma massa muito boa para ser colocada sobre os seios enfermos (GENDRON, 1700, p. 139).<sup>178</sup>

Como pudemos constatar, ambas as obras recomendaram o uso de emplastos e unguentos, difundindo-se, desta maneira, um uso já consagrado na Europa. Os textos, no entanto, revelam que existiam critérios bastante seletivos para a aplicação de emplastos, decorrentes da situação em que deviam ser utilizados, envolvendo os remédios emolientes ou repercussivos ou qualquer que fosse o tipo de emplastro a ser colocado, pois era preciso não fazer piorar o estado do paciente, ou não provocar alguma exaltação nos humores, que podiam se irritar ou se ulcerar. Dr. Claude comentou que os

---

<sup>178</sup> les sachets de feu mon oncle, si recommandables pour retarder les progrès des cancers, conviennent particulièrement aux duretés cancreuses du sein, où par leur application ils entretiennent une tranquillité égale dans les liqueurs qui arrosent la masse cancreuse. Leur preparation consistoit de son tems dans une calcination de certaines pierres grises poreuses, qui se trouvent en quelques endroits de la Beausse, il les éteignoit ensuite dans le vinaigre, et par différentes lotions il en separoit les sels lixivieux. Mais je pretens avoir de beaucoup augmenté la vertu de ces sachets par une insinuation des souffres metalliques du oivre, du mars, ou du plomb. Il resulte d'un tel mélange un excellent topique pour la palliation de tous les cancers ouverts et non ouverts (GENDRON, 1700, p. 139).

tópicos – emplastos, óleos e gorduras – tinham partes sulfurosas alcalinas que causavam fermentações pela penetração nos tumores, despertando o fermento canceroso que estava adormecido, fazendo “despertar” (réveiller) e “cochilar” (assouper) os tumores. Se os fermentos de natureza corrosiva se soltassem, causariam dores e ulcerações (GENDRON, 1700, p. 141). Já no manuscrito, emplastos eram evitados quando pudessem provocar ulcerações.

Observamos que plantas medicinais foram empregadas tanto em Gendron quanto no manuscrito, como já expusemos anteriormente. No tratado do médico francês encontramos o uso de espanador, instrumento com cerdas, umedecido com um remédio composto por uma mistura que envolvia sucos de erva-moura, de Bella Donna, ou *Solanum Lethale*, indicada em casos de cânceres ocultos, processada para a obtenção de seu suco.<sup>179</sup>

Tal como proposto pelos galenistas, referidos como os Antigos, *les Anciens*, os emplastos não eram indicados quando pudessem fermentar os humores, dando-lhes “mais acrimônia e ação”, aumentando-lhes a capacidade de se ulcerar e se inflamar. Ao citar os “Modernos”, para explicar por que eles não utilizam os emplastos, o médico francês comentou que eles possuíam partes sulfurosas alcalinas (*les parties sulphureuses alkalines*) que causavam fermentações pela penetração nos tumores, despertando o fermento canceroso adormecido (GENDRON, 1700, p. 141).

Como se pode constatar, no tratado “Sobre a natureza e a cura dos cânceres” encontramos receitas e procedimentos terapêuticos que foram também adotados na América platina, sob influência de pressupostos teóricos da Medicina e da Cirurgia praticada na Europa. O *Libro de Cirugía*, no entanto, se caracteriza por introduzir plantas e saberes indígenas, conciliando-os tanto com tabelas astrológicas orientadoras da ação curativa, quanto com princípios hipocrático-galênicos.

---

<sup>179</sup> Após esse remédio, Gendron indicou lavar a úlcera e umedecer o espanador que foi aplicado sobre ela. O espanador era umedecido com um remédio composto por uma mistura que envolvia sucos de erva-moura, de Bella Dona e mel. Outro elemento utilizado era uma mistura feita com beldroegas silvestres, plantas, erva-moura, canilares, claras de ovos, mel, vinho branco e suco de caranguejos esmagados (*d'ecrevices pilées*), deixados todos em banho maria.

Tanto o manuscrito quanto a obra de Gendron trazem ressalvas quanto à realização de operações em alguns tipos de tumores. No manuscrito, os tumores do tipo carbunco não eram operados quando localizados na cabeça. Os escirros esquisitos, por sua vez, eram operados somente em casos de pequena extensão (LIBRO, 1725, p. 373). A obra do médico de Montpellier também faz ressalvas quanto a cirurgias na cabeça:

“sem permitir que sejam abusados por sua forma externa, semelhante a uma pequena úlcera, não podem prometer nada de positivos para sua cura, considerando a incerteza de que existe a capacidade de remover da carne os filamentos cancerígenos, que em seu crescimento transformando em sua natureza as redes nervosas contínuas e os vasos linfáticos, são uma úlcera que não pode ser curada e que resiste na operação de todos os remédios, e que aumentará após a extensão dos filamentos cancerígenos, gerando um espetáculo horrível no rosto” (GENDRON, 1701, p. 108).<sup>180</sup>

Gendron não utilizou vastamente o mercúrio como escarrótico (produz efeito cáustico) em casos de cânceres, pois as escarras ou feridas não os curavam, deixando resquícios e, dessa forma, sendo pouco efetivos. Ele foi, inclusive, bastante incisivo em suas palavras, ao dizer que “isso era algo que até mesmo um dos homens menos esclarecidos podia perceber” (GENDRON, 1701, p. 101). Por outro lado, no manuscrito o mercúrio foi vastamente utilizado, posto que em casos de “cancros [podia-se utilizar] Mercurio curio crudo, y 3 libras de manteca de Puerco, en que se incorpora para untar el mercurio, hasiendo de todo unguento” (LIBRO, 1725, p. 424). Neste caso, encontramos a adoção de procedimentos diferentes no contexto platino daquele recomendado pelo médico francês em 1701.

O mesmo vale para o caso da já comentada linfa, que se tornou central na análise tumoral que passou a se dar no Velho Mundo, mas que no manuscrito não teve centralidade. Como exemplo, pode ser colocado o caso das escrófulas que, para Gendron, tiveram uma explicação que dizia respeito,

---

<sup>180</sup> c'est en consideration de ces mêmes connaissances que la difficulté de guerir les cancers plats du visage se découvrira à celui qui sans le laisser abuser par leur forme extérieure, semblable à un petit ulcere, ne pourra rien promettre positivement pour leur guérison, vu l'incertitude qu'il y a de pouvoir dégaîner d'avec les chairs les filamens cancreux, qui dans leur accroissement transformant en leur nature le continudes filets nerveux et des vaisseaux lymphatiques, sont un ulcere que l'on ne peut cicatrizer, et qui resistant à l'operation de tous les remedes, s'augmentera suivnt l'étendue des filamens cancreux, et sera du visage un spectacle horrible. (GENDRON, 1700, p. 108).

em parte, às linfas. Em sua obra, elas foram descritas como um tipo de tumor que, geralmente, acometia as partes glandulares causadas por um ácido coagulante cuja ação sobre a linfa era capaz de torná-la viscosa, impedindo a circulação através de tubos delicados, de modo que, com o cessar do fluxo, gerava acúmulo dos fluidos, que se engrossavam, endureciam e formavam um tumor escrofuloso.<sup>181</sup>

Apesar de algumas práticas da medicina e cirurgia estarem já sendo abandonadas em alguns centros europeus, como na França, a influência dos temperamentos dos tumores se manteve. No manuscrito, encontramos: “los de temperamentos seco, y caliente, repugnan la purga porque los caliente” (LIBRO, 1725, p.137). Enquanto isso, no texto de Gendron, nos casos de câncer, “deve ser considerado diferentemente em relação aos locais onde está, em relação à sua configuração, suas aderências e seu progresso, [...] e temperamentos.” (GENDRON, 1701, p. 104).<sup>182</sup>

Quanto aos instrumentos cirúrgicos utilizados no manuscrito e que podem ser comparados com aqueles descritos na obra acadêmica francesa, pode-se dizer que, eles, até certo ponto, eram semelhantes, posto que eles não se alteraram profundamente neste período. Tanto as ilustrações que encontramos no manuscrito platino, representando tesouras e alicates, quanto as descrições de bisturis na obra do médico de Montpellier, em geral, serviam para remoção total de tumores sobressalentes, a maior incidência dos casos. Dentre os instrumentos que encontramos no texto francês e que não foi localizado no manuscrito estão os trocartes (trocards), feitos para perfurar. Na obra de Gendron, furos e cortes foram feitos na altura do alvéolo de um tumor utilizando este instrumento. Em cada uma das aberturas dos tumores, ele recomendou que fosse colocado um pouco de líquido escarrótico (j'insinuois des trochisques escarotiques), sendo que a ferida deveria ser coberta com uma esponja preparada previamente (GENDRON, 1701, p. 114). Consultando a

---

<sup>181</sup> Remarquons pour le present que les ecrouelles attaquent ordinairement les parties glanduleuses, et qu'elles suposent pour leur cause un acide coagulant', qui dans son action sur la lymphé est capable de la rendre si visqueufe, qu'elle ne peut plus circuler par les tuyaux delicats du corps glan duleux, de maniere qu'elle s'y arrête, s'y épaissit, s'y endurecit, et forme la tumeur scrophuleuse. (GENDRON, 1700, p. 83).

<sup>182</sup> “il doit être dans le traitement differement consideré par raport aux endroits où il se trouve, par raport à sa configuration, à ses adherances et a ses progrès, [...] et des temperamens” (GENDRON, 1700, p. 104).

parte relativa aos instrumentos cirúrgicos que constavam nas listas de remessas de navios que aportaram na Província Jesuítica do Paraguai, analisadas no segundo capítulo da dissertação, verificamos que os trocartes não foram relacionados, indicando que, aparentemente, sua função de furar era realizada com lancetas (GRAMATKE, 2019, p. 223).

A muito provável substituição de um instrumento no Velho e no Novo Mundo, como no caso dos trocades e lancetas ou até mesmo a produção local de instrumentos cirúrgicos nas forjarias instaladas nas reduções ou em cidades como Córdoba e outras localidades da Província Jesuítica do Paraguai, apontam para o fato de que a parte técnico-instrumental de procedimentos cirúrgicos é adaptada localmente, de modo que o saber-fazer, as formas de replicar um tratamento se reconfiguram à custa de negociações, acomodações e só se reproduzem quando há decisões e opções por parte dos agentes locais, que não são passivos ou meros reprodutores do que está veiculado nos textos clássicos de Anatomia e Cirurgia (RAJ, 2007, p. 156).

A influência dos clássicos, dos Antigos, fica evidente na obra de Claude Gendron, quando se refere aos cânceres ocultos, uma vez que observa o recomendado por Hipócrates, de que “é melhor não tocá-los, não curá-los”. (GENDRON, 1700, p. 123). A mesma estratégia ou opção aparece no manuscrito platino, indicando que um certo “conservadorismo em termos de procedimentos cirúrgicos” não era exclusividade dos cirurgiões que atuaram na Província Jesuítica do Paraguai,<sup>183</sup> o que é endossado pelo fato de que, mesmo na Universidade de Pádua, na Itália, alguns tumores eram considerados inoperáveis aos olhos do brilhante professor Gabriele Falloppio. Para ele, os tumores “deviam ser deixados em paz,” sendo eu a cirurgia somente era indicada em casos de ulceração, devendo ser realizada como fazia Leonidas, citado por Aetius. (DE MOULIN, 1980, p. 20).

Apesar de relativamente conservadores e da manutenção dos pressupostos do humoralismo, tanto de um lado do Oceano Atlântico quanto de

---

<sup>183</sup> Gendron utilizou a água forte, ou o arsênico, com o intuito de evitar que os cânceres se agravassem, adquirissem bordas mais duras e proeminentes. Reiteramos aqui que úlceras severas eram classificadas como cânceres, e quando se ressecavam demais, as dores produzidas nos pacientes também aumentavam (GENDRON, 1700, P. 146-147).

outro, a medicina e cirurgia do período se caracterizaram também pela crítica dos doutos associada ao papel ocupado pela experiência pessoal dos praticantes. No caso do manuscrito, as já referidas adições de plantas locais, decorrentes da observação de práticas locais por parte dos missionários e de contato com informantes indígenas expressam um exemplo concreto. Na obra do médico francês, encontramos este aspecto evidenciado nesta passagem: “as observações que um dia darei ao público sobre os cânceres que tratei serão evidências baseadas na experiência, para autorizar os sentimentos particulares que tenho promovido sobre a natureza e a Cura desses males” (GENDRON, 1700, p. 155).

Encerrando um comparativo do *Libro de Cirugía* com a obra *Sur la nature et guerison des cancers*, talvez seja possível fazer um apontamento de caráter provocativo. Considerando que o humoralismo sempre é apropriado de formas particulares por aquele que se vale de seus sentidos, e, portanto, o manuscrito e a obra de Gendron possuem apropriações distintas do modelo teórico humoral, há de se considerar, por outra via, que, se o manuscrito se distanciou do aparato hipocrático-galênico, isto se deu por uma via experimental, associada ao uso de plantas, ao passo que Deshaies-Gendron o fez por uma via discursiva. Há, aqui, uma tentativa discursiva de apresentar um regime de verdade, de diferenciar-se através de um discurso, construído, enquanto que o manuscrito platino se diferencia na prática, na realidade.<sup>184</sup>

A partir do cotejo que fizemos entre o manuscrito e as obras de autores citados pelo autor-compiler pudemos constatar que houve apropriação e produção de saberes, sobretudo a partir de novas receitas adaptadas de textos europeus e modificadas com a inclusão de elementos nativos, como plantas e animais. No que tange ao movimento de retorno, a partir do qual podemos identificar as repercussões e utilização no Velho Mundo dos conhecimentos produzidos no contexto americano, pode-se citar uma planta americana, a *Mirabilis Jalapa*, que existia em quase todo o continente americano, que é mencionada tanto pelo irmão Pedro Montenegro, em sua obra *Materia Médica Misionera* (1710), quanto também no livro de Claude Gendron (1701). Neste

---

<sup>184</sup> FOUCAULT, M. A Ordem do Discurso. São Paulo: Loyola, 1971.

último texto, a Jalapa era utilizada em receita para combater úlceras, sendo que a planta era triturada e misturada com azeite de oliva, coberta com um pano, aplicava-se uma solução sobre a úlcera e se cobria com a mistura (GENDRON, 1700, p. 148).

Figura 29 – Ilustração da *jalapa* na obra de Pedro Montenegro (1710-1711)



Abb. 15: Xalapa  
(aus P. MONTENEGRO [1945], 202)

Fonte: ANAGNOSTOU, 2002.<sup>185</sup>

O autor-compilador do manuscrito citou a obra de Dioscórides através de edição compilada por Andrés Laguna, “*Pedacio Dioscorides Anazarbeo, acerca de la Materia Medicinal y de los Venenos Mortiferos*”, que parece ter indicado o uso de vinagre para ser colocado sobre *lamparones*, (LIBRO, 1725, p. 495). Consultando o tratado de Dioscórides, ele indica a planta íris contra os *lamparones* (DIOSCÓRIDES, 1563, p. 12). Em seu tratado, Dioscórides recomendava que o vinagre deveria ser utilizado para imersão e cozimento da planta quinquifolho, com vistas a tratar os *lamparones*, achaques que

<sup>185</sup> ANAGNOSTOU, 2002. S. Jesuiten in Spanisch-Amerika als Ubermittler von heilkunlichem. Wissen. 2002, p. 303.

acometiam as bocas: “cozida en vinagre, y aplicada en forma de emplastro, reprime las llagas que van cundiendo: resuelve los lamparones, las durezas, las hinchazones, los apostemas (DIOSCÓRIDES, 1563, p. 400). Em sua obra *De materia medica*, Dioscórides tratou das qualidades de calor, umidade, secura e frieza, que deviam ser consideradas nos tratamentos de tumores, através de remédios quentes e frios, secos e úmidos, e das próprias plantas possuíam tais características, segundo a concepção humoralista, como fica expresso na obra.

Pelo que pudemos constatar, os membros da Companhia de Jesus que se dedicaram às artes de curar procuraram conhecer, se familiarizar e adotar conhecimentos de Medicina, Cirurgia e Farmácia consagrados em um contexto crescentemente marcado pelo racionalismo próprio da modernidade. Essa escolha feita pela ordem parece explicar os livros dedicados a estes conhecimentos científicos que se encontravam à disposição de irmãos e padres jesuítas nas bibliotecas, tais como as de Plínio, Galeno, Aristóteles, Laguna, Dioscórides e tantos outros, que evidenciam o esforço de familiarização, para posterior apropriação e aplicação, da Companhia de Jesus em relação às discussões candentes nos séculos XVII e XVIII.<sup>186</sup>

Observando os casos em que textos de missionários platinos acabaram mencionando autores doutores clássicos, é possível dizer que as atividades intelectivas-científicas envolviam duas dimensões: uma primeira dimensão mais interna associada à manutenção de bibliotecas, a reunião de textos, a leitura e redação, o exercício de cópia de obras; e uma segunda dimensão mais externa, associada à observação da natureza, cuidado dos herbários, descrição de animais e plantas, montagem de protótipos e máquinas diversas. Na continuidade, discutiremos como estes autores foram referidos no *Libro de Cirugía*.

---

<sup>186</sup> Ver mais em: ASÚA, M. **Science in Vanished Arcadia: Knowledge of Nature in the Jesuit Missions of Paraguay and Rio de la Plata**. Editorial Brill: Holanda, 2014.

Figura 30 – Frontispício da obra *De Materia Medica* de Dioscórides

Fonte: LAGUNA, 1563.<sup>187</sup>

No capítulo dedicado aos tumores, o autor-compiler do manuscrito utilizou a obra de Plínio para se referir a um tratamento para os inchaços nos pés (empeynes): “las ormigas mojadas con sal, y aplicadas como unguento quitan los empeynes” (LIBRO, 1725, p. 378). Na obra *Historia Natural*, Plínio, o Velho, recomendou que: “Las hormigas llamadas Herculaneas, pistadas con un poco de sal, saña la sarna, lepra, empeines y las manchas del cuerpo” (PLINIO, 1624, p. 873).

<sup>187</sup> A. Pedacio Dioscorides Anazarbeo, *Acerca de la Materia Medicinal, y de Los Venenos Mortiferos*, Traduzido de lengua Griega, en la vulgar Castellana & Ilustrado con claras substantiales annotationes, y con las figuras de innumeras plantas exquisitas y raras, por el Doctor Andres de Laguna. Salamanca, 1563. Portal Google Books. Disponível em: <<https://www.google.com.br/books>>. Acessado em: 2021.

Figura 31 – Frontispício da obra Historia Natural, de Plínio



Fonte: PLINIO, 1624.<sup>188</sup>

Laguna, por sua vez, foi citado no manuscrito em um trecho referente às inflamações nos pés. Segundo o manuscrito: “Dice el D.n Laguna q.e las ortigas constan de partes sutiles, y de complexion seca, son algo calientes, y algun tanto ventosas. El bao de las ortigas cosidas recibido quando se eversen causa de rayz los empeines” (LIBRO, 1725, p. 490). Como se pode constatar, o trecho é similar ao encontrado na obra de Laguna.

Como já referido, houve uma evidente apropriação da obra de Diego de Robledo, o *Compendio Chirurgico*, pelo autor-compiler do manuscrito, como fica evidenciado na recomendação de medicinas resolutivas: “cataplasmas resolutivos fortes, que no convienen en un tumor ardiente”. Quando o tumor

<sup>188</sup> Historia Natural de Cayo Plinio. Madrid, 1624. Portal Google Books. Disponível em: <<https://books.google.com.br/>>. Acessado em: 10 jul. 2021.

não for ardente, “fomentaras la parte tumefacta con un cozimio resolutivo caliente hasta que coloreaè, y luego aplicará un unguento, emplasto, cataplasma. Robledo” (LIBRO, 1725, p. 110).

O autor volta a ser referido em mais outra passagem sobre tumores: “Robledo en la curacion de las Erpes f. 95. Describe las Purgas siguientes, 1ª de mana calabriense 2 onzas, y media, en 5 onzas de suero de cabras (que será media tasa) y acelerese 2ª de Pulpa de caña fistulo resien sacada 6 dragmas, de cosimio de tamarindos 4 onzas de xaraue de persico” (LIBRO, 1725, p. 369-370). Na obra de Robledo, menciona a purga calabriense exatamente como descrita no manuscrito, pela manhã, seguida da polpa de canafístula, tamarindos e xarope de pêssego (ROBLEDO, 1687, p. 95), concluindo-se que não houve modificação na receita.

No caso da cura de edemas, o manuscrito utilizou a obra de Robledo da seguinte forma: “fricaciones de aseyte, y sal mezcladas, o con fomentaciones con vino cosido con agenjos aplicado en esponja. Pero quando esta enfermedad no se cigea, a otras pide propia curacion con senerto, no tiene cocida la sangria (LIBRO, 1725, p. 371). Comparando com a obra de Robledo, o manuscrito recomenda as mesmas “fricaciones de azeite, y sal mezcladas, o con fomentaciones con vino cocido con agenjos, embebido en esponja (ROBLEDO, 1687, p. 98).

Na parte dos tumores nos peitos (*zaratáns*), no manuscrito platino, o autor-compiler apontou que Robledo utilizou rãs vivas ou frescas em água limpa, com manteiga, ou “infundia de Gallina o de anade”, suero de cabras, colocados em um vaso, de modo que com a gordura da galinha de faça um linimento para aplicar nos caneros e *zaratáns* (LIBRO, 1725, p. 395). Em sua obra, Robledo indicava os mesmos ingredientes, logo, neste caso, não houve a substituição de uma planta ou animal utilizados em receitas usadas na Europa por uma planta ou animal nativos da América, nem o uso de algum conhecimento experimental reconhecidamente autoral, como encontramos na

*Materia Médica Misioneira*, de Pedro Montenegro, ou no *Paraguay Natural Ilustrado*, de José Sánchez Labrador.<sup>189</sup>

Quando nos perguntamos se o *Libro de Cirugía* traz discussões sobre tumores e cânceres que estivessem próximas ou atentas aos debates realizados na Europa, podem ser feitas algumas considerações. Sabe-se, por exemplo, que o cirurgião Gabriele Falloppio, estabelecido em Pádua, utilizava compostos químicos diversos, assim como outros médicos do período. No caso do *Libro de Cirugía*, alguns compostos químicos foram citados, tais como a acrimônia, referida diversas vezes no manuscrito.<sup>190</sup>

Vale lembrar que a Iatroquímica, escola muito forte no Seiscentos, teve Boe Sylvius (1614-1672) como um de seus grandes nomes. Ele foi citado duas vezes no manuscrito, primeiramente para descrever uma receita do “electuario hidragogo de Silvio Leboe f. 73 p.108.” e, em outro capítulo, evidenciando a leitura de Sylvius pelo autor- compilador: “si la colica procede reolera, o de una fermentacion rapida, no ay remedio mejor que los accidos poderosos, como el espirito de nitro, que para este caso lo alaua mucho Silvio de Leboe. f. 246”. (LIBRO, 1725, p. 342). Acreditamos que a apropriação da Iatroquímica no *Libro* tenha sido bastante seletiva, posto que a categoria da linfa não foi citada nenhuma vez no manuscrito, tendo sido essencial para o funcionamento do corpo na concepção de Sylvius. Por outro lado, constatou-se que o manuscrito refere várias vezes a categoria de ácido. A aproximação consistiria no fato de que, para Sylvius, a linfa<sup>191</sup> era um “suco sub-ácido”, sendo que passou a empregar o termo, após suas constatações de que a substância possuía sabor levemente ácido, o qual poderia se elevar em condições mórbidas.

<sup>189</sup> Os jesuítas foram, reconhecidamente, bons manipuladores de medicamentos à base de plantas (BOUMEDIENE, 2020).

<sup>190</sup> A acrimônia foi associada ao humorismo em algumas passagens do manuscrito, o que nos leva a supor que houve uma adaptação. São estes os trechos: um fluxo de sangue era causado por movimento de humores e acrimônia (LIBRO, 1725, p. 46), purgativos podem causar ulceração por sua tenacidade e acrimônia (p. 48), acrimônia está presente na cólera de febres (p. 58), acrimônia presente em vapores no corpo (p. 61), limão é utilizado para aquietar a acrimônia e ardor dos humores (p. 244), acrimônia e humores podem causar câmaras (p. 255), as acrimônias dos humores se abrem às vezes (p.265).

<sup>191</sup> Os vasos linfáticos foram propostos em 1653 por Thomas Bartholin, de Copenhague (1616-1680), que introduziu o termo, adaptando-o do latim *lymphā*, por melhor se adaptar ao sistema de vasos. (Ibid, p. 21). Para Bartholin, a linfa era derivada do sangue através de um processo de filtração.

Apesar disso, o *Libro* parece não ter contemplado a noção de espalhamento dos tumores para outras partes do corpo através de filamentos, o que é bastante bem relatado em Claude Gendron. Pode-se atribuir este desconhecimento por parte do autor-compilador ao fato de a obra ter se circunscrito ao ambiente universitário do período, não tendo havido uma grande divulgação logo após ter sido escrita, ou, então, por ser obra proveniente de um centro de estudos menos conservador e receptivo às novas teorias médicas, como era Montpellier no século XVIII. Esta última possibilidade parece ser bastante plausível, pois o *Libro* apresenta uma mais evidente opção pelos clássicos.

Segundo De Moulin, Sylvius via a estagnação da linfa no seio como a origem dos cânceres (DE MOULIN, 1980, p. 23). A terapia indicada, naquele momento, isto é, no Setecentos, era, em geral, conservadora, na medida que eram feitas indicações como purgas, dietas e sangrias, antes do procedimento cirúrgico. Alguns cirurgiões prescreveram “drogas alcalinas”, como o francês Jean-Baptiste Alliot, contudo, as palavras “alcalino” ou “alcalina” não foram mencionadas no *Libro*, indicando que não foram utilizadas. Por outro lado, o arsênico, utilizado desde muitos séculos atrás, foi ressignificado e utilizado como droga alcalina por médicos como Claude Gendron. O arsênico foi mencionado diversas vezes no *Libro*, sendo citado em uma receita para tratar úlceras (p. 416), em outra chamada *magnes arsenicales*, composta por mesclas de arsênico branco, enxofre e antimônio (p. 456), podendo ser também usado cozido em receita para micoses (tiñas) (p. 400) e para combater úlceras na região bucal (p. 481).

Ao findarmos esta análise comparativa entre o *Libro de Cirugía* e os tratados e autores citados ao longo de seus capítulos, e atentando para a apropriação de conhecimentos, bem como para a inserção deste manuscrito no que poderíamos definir como redes internas e externas (considerando outras regiões da América, a Europa e outros territórios coloniais ibéricos) de circulação de conhecimentos científicos, podemos afirmar que o manuscrito constituiu-se a partir da conjugação entre os conhecimentos produzidos neste espaço de fronteiras interétnicas e culturais que foi a Província Jesuítica do Paraguai, conciliados com os conhecimentos de medicina, cirurgia e farmácia

consagrados. As menções a ingredientes e a práticas curativas genuinamente locais tornaram esta produção distinta dos tratados de consulta produzidos na Europa, não devendo-se, em razão disso, considera-lo como um trabalho de menor valor, mas, sim, de mesmo valor. Ele não deve ser tomado como mera cópia ou reprodução de obras como as de Robledo, Laguna, Plínio, Fouquet, Vidos e Hipócrates. Neste sentido, a compilação seletiva de textos clássicos e as adaptações de algumas receitas feitas ou mencionadas pelo autor-compilador parecem apontar para o atendimento de necessidades locais, e, sobretudo, para um processo de (re)elaboração e aprimoramento dos procedimentos científicos presentes nos tratados europeus.

O caráter local da ciência produzida no âmbito da Província Jesuítica do Paraguai pode ser observado na participação de indivíduos, sobretudo nativos, cujos nomes não foram identificados pelo autor-compilador, mas que, certamente, foram agentes na construção dessa materialidade, que é o livro, e também na produção destes novos conhecimentos sobre medicina, cirurgia e farmácia que foram acionados ao longo do século XVIII na América platina.

Vale, ainda, ressaltar que o manuscrito resultou, sem dúvida, da capacidade que a Companhia de Jesus teve de estabelecer redes através das quais circularam pessoas, instrumentos, ingredientes e informações para todas as partes do mundo (HARRIS, 1996). Estas interconexões ressignificaram a própria noção de rede, posto que a complexidade de relações estabelecidas pelos missionários e a capacidade de negociação em diferentes níveis singularizaram as ações ultramarinas religiosas no período (GRUZINSKI, 2004, p. 3).

Cabe, no entanto, ressaltar que quando destacamos o caráter particular do conhecimento científico presente no *Libro de Cirugía*, não estamos reforçando a ideia de uma ciência jesuíta, mas, sim, de que ele resultou de um intenso contato entre jesuítas e indígenas, que se caracterizou por trocas e adaptações à realidade local. As plantas nativas mencionadas ao longo da dissertação ou, então, que mereceram uma ilustração a partir de obras como a *Materia Médica Misionera*, são um exemplo desta adaptação e do caráter substitutivo que elas assumiram em muitas receitas indicadas nos tratamentos

de tumores e cânceres. É sabido que diversas plantas nativas das quatro partes do mundo passaram a circular em receitas no Velho Mundo desde o século XVI. Um exemplo disso é o caso da *ipecacuanha*, planta que foi citada no manuscrito que analisamos. Segundo De Moulin (1983, p. 23), o físico holandês Adrian Helvetius (1661-1741) obteve notoriedade em Paris, ao tratar disenteria com *ipecacuanha*, uma planta do Novo Mundo que passou a ser largamente utilizada pelos europeus. No manuscrito, a planta também aparece indicada para tratamento da disenteria, de modo que a enfermidade era tratada da mesma forma na Província Jesuítica do Paraguai e na França: “tenemos la raiz de Ypecacuana, o de cartaxena, que cuasi obra, confortando con algunas partes estiticas, por lo cual es remedio eficaz para curar las disenterias” (LIBRO, 1725, p. 132). Em outro trecho, encontramos novamente a *ipecacuanha* e o ruibarbo sendo citados como plantas indicadas para a disenteria (Ibid, p.455).

Finalmente, neste capítulo procuramos analisar as apropriações de saberes realizadas pelo autor-compiler do manuscrito, vendo de que forma distintos autores e trechos foram utilizados na construção do capítulo sobre tumores e, com isso, percebendo semelhanças e diferenças dos trechos originais, bem como apontando reconfigurações destes saberes mediante a adaptação de receitas, decorrentes do processo de transculturação de saberes operado nas zonas de contato. Discutiu-se o emprego de plantas nativas nas terapêuticas, verificando a influência destes saberes no tratado e também nas práticas que podiam ser realizadas para os atendimentos médico-cirúrgicos.

Com isso, se verificou que as terapêuticas não são influenciadas somente pelo humoralismo, mas também por outras noções, como as práticas indígenas locais e a iatroquímica. A própria noção de ciência como prática, uma visão bastante estendida de seu teor constitutivo, permitiu ver o manuscrito a partir de uma pluralidade de trocas culturais que o perpassaram, própria de uma escrita em um lugar de fronteira, marcado por constantes interações e negociações entre os agentes de cura. Avançando na discussão, procuramos evidenciar que certas práticas medicinais presentes no tratado europeu eram muito próximas das práticas terapêuticas indígenas, como se pode constatar no do uso *llanten* ou do mel pelos Tobas.

Realizamos também um exercício comparativo entre o manuscrito e um tratado de medicina francês, com vistas a verificar possíveis aproximações e distanciamentos em relação a um humoralismo mais dogmático ou doutrinário. Constatamos que a distinção entre eles se deu de duas formas distintas, pois houve distintas apropriações, no caso do manuscrito, pela via das experiências realizadas com a flora nativa, enquanto que no tratado francês isto se deu através de um distanciamento mais teórico do que prático.

Procuramos, também, discutir o quanto os conhecimentos acadêmicos circularam pelo Novo Mundo, se modificando, se reconfigurando, agregando, também, saberes locais, como se pôde constatar em relação às plantas nativas americanas, cuja circulação e também comercialização se deu através dos circuitos mercantis e das redes de que dispunham os jesuítas.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho enfocou as concepções, os diagnósticos e os tratamentos de tumores e cânceres na região da Província Jesuítica do Paraguai, através da análise de fontes produzidas pela Companhia de Jesus, em cotejo com outras fontes produzidas na Europa e na América platina, tais como tratados de medicina e cirurgia.

No primeiro capítulo, apresentamos um panorama das atividades desempenhadas pela Companhia de Jesus nas artes de curar, privilegiando sua atuação prática e a produção de obras de medicina, botânica médica e cirurgia e destacando o papel desempenhado pelos colégios e pelas bibliotecas da ordem para a difusão de conhecimentos acadêmicos destas áreas científicas. Discutimos a composição de bibliotecas pelos missionários, a existência de interesse em obras científicas de farmácia, medicina, botânica e cirurgia, bem como apresentamos o manuscrito platino de cirurgia discutido no capítulo terceiro.

O segundo capítulo cumpriu com o objetivo de identificar e discutir evidências da atuação dos jesuítas como cirurgiões, utilizando, para isto, tanto as listas de remessas de navios que atestaram a compra de instrumentos cirúrgicos e de artigos de botica e de medicina por parte dos missionários, quanto a produção de receituários e tratados manuscritos escritos por irmãos ou padres jesuítas, dentre os quais se destaca o *Libro de Cirugía*, de 1725.

No terceiro capítulo, a partir da análise das Cartas Ânua e do *Libro de Cirugía* procuramos demonstrar as diferentes formas de conceber, diagnosticar e tratar tumores e cânceres por parte dos jesuítas encarregados da administração das reduções e dos colégios da ordem na Província Jesuítica do Paraguai. Compartilhamos também um levantamento das denominações que tumores e cânceres receberam nestas fontes, a fim de melhor compreender os tipos de tratamento que foram dados a eles.

No quarto capítulo, procuramos demonstrar que o *Libro de Cirugía* se constitui em evidência do processo de circulação de saberes, acionados a

partir do contato entre missionários e indígenas, como se pode observar no grande número de plantas nativas introduzidas nas receitas, bem como de certos procedimentos. A partir de um exercício comparativo entre o *Libro* e um tratado especificamente escrito sobre cânceres na França do início do século XVIII, procuramos, mais uma vez, mostrar o quanto o manuscrito resultou de ressignificações dos conhecimentos vigentes na Europa em função do contato com a realidade americana. Lamentamos não termos tido mais tempo para poder cotejar o *Libro*, assim como fizemos com a *Materia Médica Misionera*, de 1710, com o manuscrito de Marcos Villodas, intitulado *Pojha Ñaña. Materia Medica Misionera o Herbario de las Reducciones Guaranies*, que foi escrito/compilado na América platina também em 1725.

O tema explorado ao longo dos capítulos desta dissertação, contudo, possibilita muitos outros desdobramentos, principalmente, se pensarmos na circulação e comercialização – na Europa – das plantas mencionadas no manuscrito, ou, então, na possibilidade de certos tratamentos para tumores e cânceres indicados pelo autor-compiler terem sido adotados em tratados europeus publicados no período posterior à sua escrita.

Podemos também considerar a possibilidade de uma análise mais detida de diversos rolos de filme da série De Angelis, comprados da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e que se encontram custodiados no Laboratório de Documentação Escrita da PUCRS. Nesta dissertação, nos limitamos a analisar o Rolo 30 da série, em função da pandemia de Covid 19, que impediu o acesso ao Laboratório. Acreditamos que um investimento nos demais rolos poderá, com certeza, nos oferecer outras informações sobre práticas de cura e, especialmente, de conhecimentos farmacológicos.

Uma outra possibilidade que se oferece é a de cotejar as concepções, diagnósticos e tratamentos indicados para tumores e cânceres pelos membros da Companhia de Jesus com aquele que era indicado por médicos e cirurgiões leigos e nomeados pela Coroa para atender os *hispanocriollos*. Neste caso, uma documentação de natureza administrativa, como as Atas do Cabildo de Buenos Aires, por exemplo, poderia contribuir para conhecer os procedimentos adotados por outros agentes de cura no território abarcado pela Província

Jesuítica do Paraguai, tais como cirurgiões nomeados para tratar de soldados que integravam as milícias ou, então, da saúde dos cidadãos das vilas.

A pesquisa poderia também avançar se aprofundássemos a discussão em torno das virtudes curativas de plantas nativas, cotejando com os estudos de etnobotânica desenvolvidos por antropólogos e biólogos na atualidade, a fim de verificar como determinados grupos indígenas da América platina lidam com tumores e tipos de cânceres. Reconhecendo que a doença e também a cura pertencem à história (LE GOFF, 1985, p. 12) e que estas percepções estão relacionadas a fatores culturais e épocas, e, sobretudo, ao entendimento das relações com os próprios corpos e com o meio, um desdobramento possível da pesquisa realizada no mestrado poderia ser, portanto, a discussão em torno das noções de corpo saudável e doente para os indígenas da região.

Ao finalizarmos esta dissertação, que nos ocupou nos dois últimos anos, se apresentam, portanto, outros possíveis começos de investigação, muitos deles ainda marcados pela forte presença da Companhia de Jesus nas artes de curar na América platina ao longo do Setecentos.

7 ANEXO<sup>192</sup>

Página	Trecho	Concepção/Característica	Diagnóstico	Tratamento
p. 362	tumor es una eminencia preternatural que daña las acciones naturales	Tumor como algo preternatural, ou não-natural, pois indicam “elevação anormal”.	Não se aplica	Não se aplica
p. 362	[Para tumor] solo se requiere elevacion de partes	“	Não se aplica	Não se aplica
p. 21	El Azeyte de Cera, es muy estimado para quitar el dolor de la gota, y para curar las ulceras, es muy buen resolutivo para los tumores, dolores frios de las junturas, y ablandar la aspereza del pecho, y las quebraduras, y tumores de los pechos de las mugeres: mezclase en los vngüentos, y azeytes resolutivos.	Tumores nos peitos de mulheres	Não mencionado, aparentemente diagnosticado visualmente e através de toque	Azeyte de Cera mesclado com unguentos e azeites resolutivos
p. 21	Azeyte de Ysica, no hay que dudar será excelente para todas enfermedades frias de las junturas, y para resolver los tumores	Os tumores são tratados como enfermedades frias.	Não se aplica	Azeyte de Ysica Os tumores podem ser “resolvidos” com o uso do azeite.
p. 21	Azeytes son grandemente resolutivos, y emolientes, para tumores nudosos, duros, podagieros, y que no obedecen à otros remedios	Tumores podem ser duros, podagieros, nudosos e podem não obedecer a outros remédios que não azeites	Característica nudosa e dura ao tato é sinal de tumor	Azeytes
p. 33	Mezclase el mercurio con vesina, y con grasa hasta que no se vea nada; todos los unguentos, cerotes emplastos, en que entre el mercurio sanan la sarna, los herpes y resuelven los tumores frios por que abren los poros, y evacua la materia por transpiracion: A más que por ser estos	Tumores frios podem ser tratados pela abertura de seus poros e pela evacuação da matéria. Tumores são causados por humores ácidos	A abertura dos poros é sinal de tumor	Mercúrio

<sup>192</sup> O presente Anexo constitui-se de um exercício de compilação de trechos associados os tumores no manuscrito platino Libro de Cirugía, pesquisa que se deu, inicialmente, pelo termo “tumor”, mas que abarcou também os tumores mais especificamente.

	<p>achagues causados de humores accidos, siendo el mercurio poderoso para destruirlos, rompiendoles las puntas, impide que no se fermenten más.</p>			
p. 36	<p>El Plomo es extremadamente frio, y por esto es propio para refrenar el ardor venerè, aplicandole sobre el perineo; aplicase tambien sobre muchos tumores, hechos de la sangre agitada, y à los lobanillos para resolverlos.</p>	<p>Tumores podem ser feitos de sangue agitado</p>	<p>O ardor venéreo pode ser um indicativo de tumor</p>	<p>Plomo</p>
p. 39-40	<p>[oleo de tartaro] se usa para los erpes, para resolver los tumores</p>	<p>Erpes é um tipo de tumor</p>	<p>Não se aplica</p>	<p>Óleo de tártaro</p>
p. 43	<p>La dosis de seis gotas [de tintura de mirra] hasta quince en un Licor apropiado, ù los tumores frios, para resolver los humores glutinosos con infecciones, y para la gangrena.</p>	<p>Tumores podem ser glutinosos com infecções</p>	<p>Não se aplica</p>	<p>A planta mirra é utilizada para tratar tumores, em forma de licor</p>
p. 81	<p>El Azeyte de enelbo, es sedativo de los dolores, resuelve, y provoca sudor, y conviene contra el rigor de las fiebres, untando el espinazo, y partes nerviosas; provoca sueño, y es conveniente en los dolores de cabeza, resuelve las apostemas, y tumores frios.</p>	<p>Azeites podem ser sedativos de dores e, por isso, indicados também para tumores dolorosos.</p>	<p>Não se aplica</p>	<p>Azeyte de enelbo, uma planta. Provoca suor e sonhos.</p>
p. 85	<p>Almaciga solo quebrantada, y puesta en Vaso Doble con el vino, y Azeyte, se hará hervir hasta que se consuma el vino, y apartada del fuego se colará, y repondra, yòla he hecho con Caayã en lugr. de Almaciga, y me parece es tan bueno el azeyte como el que se compone con la mejor almaciga de Europa, y se reconocen en el las mismas virtudes; que son corrororar el cerebro, los nervios del ventriculo, y el higado, ablanda los tumores, y suaviza los dolores.</p>	<p>Adaptação de receita europeia substituindo Almaciga por Caayã.</p>	<p>Dores podem ser indicativos de tumores, bem como nervos no ventrículo (?).</p>	<p>Tratamento efetivo para tumores, por abrandá-los. Azeyte de Almaciga é misturado com vinho.</p>

p. 85	Azeyte de Lirios, es famoso, porque limpia atenúa, ablanda, y potentemente resuelve, y penetra, principalmente es bueno contra el dolor de los intestinos, e Iliaca pasión, instilado en las narices las limpia de los humores malos, y quita luego los tumores duros de ellos, y del hígado, y del vaso; ablanda el dolor, y los tumores de las junturas; es eficaz remedio en las convulsiones, y en el zumbido de los oídos	Tumores possuem intervenção similar àquela utilizada em passion iliaca e dores nos intestinos	Tumores podem acometer as juntas, provavelmente dificultando sua movimentação. Dureza é indicativa de tumor.	Azeyte de Lirios
p. 90-91	Cerote para los tumores, que llaman nata, que es de naturaleza de lobanillo. Pelitre, y euforbio, cada dos dragmas; salitre refinado una onza; amoniaco, onzas tres; trementina, onzas cuatro. Cera setrina onzas ocho. El amoniaco reducido a punto de miel con el vinagre se le mezclara la mitad de la trementina. Con la otra mitad se mezclará la cera, y disuelta esta, se dejará un poco, y se le juntará la disolución del amoniaco, y por último se mezclarán el pelitre euforbio, y salitre polvorizados sutilmente, y [formava] bien la masa, se harán madaleones y repondrán.	Lobanillo é um tipo de tumor. Uma mistura de ingredientes em formato de massa pode ser aplicada sobre ele.	Não se aplica	Cerote, pelitre, euforio, trementina, amoniaco, salitre e vinagre são ingredientes de uma receita para tumores.
p. 90-91	[Azeyte de Almendras] es muy encomendado este cerote para los tumores llamados nata que en diversas partes del cuerpo se hacen porque los ablanda, deseca, y muchas veces los resuelve. [...] Mitiga los dolores de los nervios, y de otras partes, y resuelve los tumores de estos lugares. Dura por dos años.	Nata é um tipo de tumor.	Os nervos, quando acometidos por tumor, podem causar dor. A dor é indicativo de tumor.	Azeyte de Almendras. A receita possui validade de dois anos.
p. 93	Emplastro madurativo de Guillermo Lamfranco, y de Guiddo. Cortezas de	Tratamentos, neste caso com um tipo de unguento, podem	Não se aplica	Emplastro de Guillermo

	raices de malvaviscos frescas una libra, consumirse la humedad, y despues mojadas muy bien y mezclandolas con otra tanta de manteca de Puerco, o de Bacas, se repondrà. Sirve para madurar los tumores, y apostemas.	consumir a humidade do tumor.  Os tumores devem ser madurados ou amadurecidos.		Lamfranco, e de Guido, utilizado com raízes da planta malvaisco e com manteiga de porco ou de vaca.
p. 102	Uno de los mas comunes, y principales accidentes, que sobrevienen a las enfermedades, es el dolor. El acompaña à las inflamaciones, y quasi a todos los otros tumores. El se halla en las heridas, y llagas, como tambien en las fracturas, y dislocaciones; por lo qual se explicaran los remedios para remediar los dolores en las dolencias interiores, y exteriores.	Inflamações costumam ser acompanhadas de dor, o que pode ocorrer em tumores.	A dor é descrita aquí como característica presente em quase todos os tumores.	Remédios para dores são utilizados tanto em tumores quanto em fraturas e outras doenças
p. 106	[Linimento repercussivo de Galeno] contra tumores, e inflamaciones, causadas de golpes. Las quatro harinas, agua y vinagre, cozina todo hasta buena consistencia, y se aplique.	Menção à uma prática do galenismo para tratar tumores	Não se aplica	Linimento repercussivo, vinagre, água e farinha são utilizados na receita.
p. 108	Paracelso alaba mucho el cozimiento de azufre con orines para resolver los tumores, y con mucha razon (dice 20 vigier pag. 377) porque uno, y otro son capaces de destruir los accidos, y dar liquacion à los humores quajulados. Por la misma razon se puede usar del zumo de cangrejos, aplicado caliente de la lexia de vides. De sal saturno, mezclado con agua, particularmente en los tumores erisipelatosos, donde es mas necesario suavizar que disipar.	Em alguns tumores - feitos de erisipela – a terapêutica envolve ingredientes responsáveis por suavizar o tumor ao invés de dissipá-lo. Isso indica que há uma variação nas terapêuticas de tumores em função dos seus humores constitutivos. Vigier é um autor referido e que trata de tumores.	Não se aplica	Azufre, zumo de caranguejos, sal saturno e água são utilizados em receita aplicada sobre o local do tumor.
p. 110	Para resolver qualquier tumor, y para madurar. [Qualq.a tumor] una cebolla branca, asada, cortese en quartos, y uno	Não se aplica	Não se aplica	Cebola e triaca. Sabe-se que os jesuítas

	de ellos calientes se aplique al tumor; poniendo primero sobre la parte un poco de Triaca.			desenvolveram um sistema de venda de triaca no Velho Mundo, de modo que a sua mençãoem terapêutica para tumores remete à questão das redes comerciais e da circulação.
p. 111	Usase de estos medicamentos quando los tumores son causados de humores crasos, como sucede en los scirros, y otros de esta calidad que para poderlos resolver, es necesario molificarlos, porque si solo aplicaremos resolutivos, se evaporaria la materia mas sutil, y quedaria la demas muy crasa, y lapidosa, incapaz de resolucion	Tumores podem ser causados por humores crasos.	Não se aplica	Aplicam-se os remédios resolutivos em tumores
p. 268	Los caracoles majados, y aplicados son exelentes en el tumor, y relaxacion del cieso, y en el ardor relacion de las almorranas	Não se aplica	Não se aplica	Caracois molhados para tumores
p. 272	Comosesè por un tumor q.e se porsive en el ipocondrio [...]el enfermo nõ sepuede recostar sinò de espaldas [...]tiene el vientre constipado, y las orinas son amarillas y padece sed	Reconhecimento de tumor interno, invisível a olho nu.	Dor, constipação de ventre, sede.	Não se aplica
p. 274	El aseyte de Alcaparras, el unguento agripa, el unguento esplenetico de minsiche oleum Philosophoren todos estos remedios aplicados, son resolutibos de los tumores del vaso	Tumores nas veias são descritos. O minsiche oleum Philosophoren é uma preparação medicinal comercializada no Velho Mundo.	Não se aplica	Remédios resolutivos são empregados em tumores nos vasos, e consistem nos azeites e unguentos de alcaparras, agripa, e um

				unguento de procedência europea.
p. 366	si la intumescencia, o incremento del Tumor se aumentare y cresiere junto con las señales que contestan la supuracion aplicarás supurantes entre los quales, el triafarmaco de Galeno	Não se aplica	Não se aplica	Triafármaco de Galeno para diminuir tumores
p. 366	Hecha la materia abrias el Tumor con lanseta como tambien la materia lo abrias con lebadura, vieja mezclada con caracoles machos, con sus cascaras vien mojadas	Operação cirúrgica com lanceta em tumor	Não se aplica	Caracois machos e bem molhados em tumores
p. 368	Despues de auerto el Tumor en la llaga se aplicará el aseyte de aparicio, otro digestibo para formarla vien, en sima su amarillo, o gumielemi	Abertura espontânea ou não-espontânea (incisão) do tumor não é esclarecida	Não se aplica	Azeite de aparicio em tumores
p. 434	Unguento para remediar el tumor para Phimosi, caracoles Para Phimosy vien majados en almires, se le mescle otro tanto de unto si proprio.	Fimose é um tipo de tumor	Não se aplica	Caracois são utilizados para fimose
p. 569 f. 8	O azeite dehace los tumores, mitiga los dolores de nervios, y aprovechan a sus tumores, y contusiones.	Não se aplica	Não se aplica	O azeite é utilizado em tumores.
p. 573 f. 12	Las hojas tiernas de la higuera molidas y puestas, ablandan, y resuelven los lamparones, y otros tumores de esta naturaleza.	Lamparones são um tipo de tumor	Não se aplica	As folhas de figueira são adequadas para tumores
p. 597 f. 36	El sebo de cabron, o macho tiene mas estimacion, y tambien el de ciero que los demas para unturas, y ablandar tumores	Não se aplica	Não se aplica	Sebo de cervos ou de cabras servem para ablandar os tumores
p. 598 f. 37	El unto de leo es mas caliente, y no se usa en inflamaciones, y llagas, pero es provechoso a los dolores de galico del frio, a los nervios entumecidos, y tumores empedernidos.	Os tumores podem ocorrer nos nervos	Dor é indicativo de inflamação e de tumor	A gordura de "leo" é utilizada como terapêutica para tumores.
p. 600 f. 40	Para hinchasones, diviessos, tumores buñiga fresca, de baca, cocida con orines, o sin ellos, y aplicada como unguento.	Não se aplica	Não se aplica	Para tumores e inchaços, a planta pata-de-vaca é utilizada cozida,

				como unguento
p. 91	Cerote tiene grandissima virtud refrigerante, y aprovecha en las quemaduras, cura la erisipela, la sarna, y las ulceras calidas. Dura por un año.	Erisipelas são descritas como um tipo de tumor	Não se aplica	Cerotes são usados para tratar erisipelas
p. 97	El tercio ultim que está mezclado con la recidencia, es muy bueno para llagas, ulceras, erisipelas, empeynes, quemaduras, sarna, y otras infecciones de la cutis.	Não se aplica	Não se aplica	Terceiro mesclado com recidencia é uma terapêutica para erisipelas
p. 172	Y por una erisipela del cuello arriva de donde la sangrareis? Sangrarele de la vena de todo el cuerpo del lado que mas cargado estuviere.	Não se aplica	Não se aplica	Erisipelas são tratadas através de sangrias
p. 369	De la erisipela, de Pulpa de caña fistula resien sacada una onza, de polbos de anis escrupulo, y medio, y con suuficiente asucar se hagan vocadillos, y se doren.	Não se aplica	Não se aplica	A planta cana fístula é utilizada como terapêutica nas erisipelas
p. 392	Como haser para curar las erisipelas, y otras inflamaciones de esta calidad, y siempre cuidaras de mitigar el dolor, poniendo para esto defensibos en la parte superior	Não se aplica	Não se aplica	Remédios defensivos são utilizados em erisipelas
p. 595 f. 34	Las hojas mollidas [...] para erisipelas, inflamaciones postillas, empeines, y gota se pone molida con sal.	Não se aplica	Não se aplica	Em casos de erisipelas, aplicam-se folhas de plantas trituradas
p. 595 f. 35	Para inflamaciones, erisipelas, y llagas se pone con erisipelas, orina de maiz tostado. para erisipelas, inflamaciollagas] nes postillas, empeines, y gota se pone molida con sal.	Não se aplica	Não se aplica	Folhas de maiz tostadas são terapêuticas para erisipelas
p. 596 f. 35	Para hacer el stracto de saturno, su uso es molido echo polvos, se incorpora con agua cocida de malvas, y se aplican paños mojados en dicha agua tibia, sobre la parte erisipelada	Não se aplica	Não se aplica	O estrato de saturno é utilizado para tratamento de erisipelas
p. 390	El balsamo de saturno es bueno contra las erpes.	Não se aplica	Não se aplica	Bálsamo de saturno é utilizado

				contra herpes
p. 449	El vinagre del Plomo, se llama vinagre de saturno, se agita en almires con azeite rosado, o con otro se hace linimento precioso para curar los herpes, y otros entendimientos y escoriaciones del cutis.	Não se aplica	Não se aplica	O vingre de saturno é utilizado para o tratamento de herpes
p. 106 f. 86	Usanto los cirujanos en los Bubones, y diversos para abrirlos, y curarlos; cura las llagas de caveza, y qualquiera otras ulceras.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica

## 8 FONTES

BLUTEAU, R. **Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro**. Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

**CARTAS ÂNUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY – 1714-1762**. Traducción de Carlos Leonhardt, S.J. Buenos Aires, Versão Digitada, São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas/ UNISINOS, [1927], 1994. p. 23.

**CARTAS ÂNUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY (Séculos XVII e XVIII)**. Série De Angelis, Rolo 30. Porto Alegre, LAPDESC/PUCRS.

Portal de Archivos Españoles (PARES). Correspondências entre padres e procuradores (1752-1767). **Archivo General de la Nación (AGN)**. AR-AGN.DE/CJ.

DESHAYES-GENDRON, C. **Recherches sur la nature et la guérison des cancers**. Paris, Florentin et Pierre Delaulne, 1700.

**LIBRO DE CIRUGÍA**, 1725. (2014 [1725]). Colección Manuscritos. Archivo Histórico de la Provincia Franciscana de la Santíssima Virgen del Rio de la Plata. Buenos Aires: Ediciones Castañeda.

**Listas de remessas de navios**. Archivo General de Índias (AGI). In: GRAMATKE, C. 2019. **La portátil Europa**. Der Beitrag der Jesuiten zum materiellen Kulturtransfer. In: EMMERLING, E.; GRAMATKE, C: Die polychromen Holzskulpturen der jesuitischen Reduktionen in Paracuaría (1609–1767), 2019.

ROBLEDO, D. **Compendio Cirurgico util y provechoso a sus profesores**. Navarra, 1735. p.64-133.

## 9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, R. C. **"O lugar dos índios na história: dos bastidores ao palco"**. In: Os índios na História do Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2010, p. 13-28.

ANAGNOSTOU, S. **Jesuiten in Spanisch-Amerika als Übermittler von heilkundlichem Wissen**. Stuttgart, 2000.

ANAGNOSTOU, S. **Missionspharmazie. Konzepte, Praxis, Organisation und wissenschaftliche Ausstrahlung**, Stuttgart, 2011.

ARENAS, P. et al. **Etnobotánica en zonas áridas y semiáridas del Cono Sur de Sudamérica**. Consejo Nacional de Investigaciones Científicas Técnicas. Buenos Aires, 2012. 1ª ed. 272 p.

ARNAUT DE TOLEDO, C. A.; RUCKSTADTER, Flávio Massami Martins. **Estrutura e organização das Constituições dos Jesuítas (1539-1540)**. Acta Scientiarum (UEM), Maringá, v. 24, n.1, p. 103-113, 2002.

ASÚA, M. **Science in Vanished Arcadia: Knowledge of Nature in the Jesuit Missions of Paraguay and Rio de la Plata**. Editorial Brill: Holanda, 2014.

BELLINI, L. **Imagens do corpo e saber médico em Portugal no século XVI**. Tempo. **Revista do Departamento de História da UFF**, Niterói - RJ, v. 10, n.No. 19, p. 27-42, 2005.

BERTONI, M. **De la medicina guaraní: etnografía sobre plantas medicinales**. 1ª ed. Córdoba: Buena Vista Editores, 2008.

**BLACK ROBE (HÁBITO NEGRO)**. Direção de Bruce Beresford. Samuel Goldwyn Company: 1991.

BLOCH, M. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

BLUTEAU, R. **Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva**

**natural do Rio de Janeiro.** Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

ENE, S. Jesuit recipes, Jesuit receipts: the Society of Jesus and the introduction of exotic materia medica into Europe. **University of London Press: Institute of Latin American Studies**, 2020. 27p.

BRACHT, F. **The Eastern Portuguese Empire: Frontiers and contact zones in knowledge production contexts.** In: Amélia Polónia, Fabiano Bracht, Gisele C. Conceição, Monique Palma. (Org.). Cross-cultural Exchange and the Circulation of Knowledge in the First Global Age. 1ed. Porto: Edições Afrontamento/CITCEM, 2018.

BOUMEDIENE, S. Jesuit recipes, Jesuit receipts: The Society of Jesus and the introduction of exotic materia medica into Europe. **University of London Press: Institute of Latin American Studies**, 2020.

BUCHAN, W. **Medicina Domestica, o Tratado Completo Del Metodo De Precaver y Curar las Enfermedades Com el Regimen**, y Medicinas Simples. Madrid, 1785.

BURKE, P., HSIA, R. P. **A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna.** São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CARNEIRO, H. **Filtros, Mezinhas e Triacas: as drogas no mundo moderno.** São Paulo: Editora Xamã, 1994.

CASTELNAU-L'ESTOILE, C; COPETE, M. L.; MALDAVSKI, A.; ZUPANOV, I. **Missions d'évangélisation et circulation des savoirs. XVI – XVIII Siècle.** Madrid, Casa de Velázquez, 2011, 534 p.

CERTEAU, M. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

CHAUNU, P. **Sevilha e a América: Nos Séculos XVI e XVII.** São Paulo: Editora Difel, 1980.

CHINCHILA, P.; BOSQUE, J.; LOSADA, A. **Quiénes han sido los jesuitas? 28 claves para su contextualización**. México: Universidad Iberoamericana. Ciudad de México, 2016.

COSTA, Palmira Fontes da; LEITÃO, Henrique. Portuguese Imperial Science, 1450-1800. A historiographical review. In: BLEICHMAR, Daniela; HUFFINE, Kristin; SHEEHAN, Kevin; VOS, Paula de (eds.). *Science in the Spanish Empires*.

DAVIS, N. Z. **Nas margens: três mulheres do século XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DE MOULIN, D. **A short history of breast cancer**. Dordrecht: Springer Netherlands, 1989.

DI LISCIA, M. S. Saberes, **Terapias y Prácticas médicas en Argentina (1750-1910)**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2002.

EDLER, F.; FREITAS, R. O "imperscrutável vínculo": corpo e alma na medicina lusitana setecentista. **Varia História** (UFMG. Impresso), v. 29, p. 435-452, 2013.

FANTIN, O. **“Obedecendo a la instrucción de compendiar”**: **Registros de Viagens de Jesuítas nas Cartas Ânua da Província Jesuítica do Paraguai (segunda metade do século XVII)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, 2010.

FELIPPE, G. G.; PAZ, C. D. Interseção de subjetividades: a presença indígena na escrita afetada dos jesuítas. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 12, n. 30, 27 ago. 2019.

FECHNER, F. Las tierras incógnitas de la administración jesuita: toma de decisiones, gremios consultivos y evolución de normas. **Historica**, XXXVIII.2, 2014: 11-42. p. 32.

FLECK, E.; BIEHL, M. Manuscritos de Medicina e Farmácia rioplatenses: um estudo comparativo entre a *Materia Médica Misionera* e o *Libro de Cirugía*.

**CORPUS. ARCHIVOS VIRTUALES DE LA ALTERIDAD AMERICANA**, v.10, p. 1-25, 2020.

FLECK, E. **Entre a caridade e a ciência: a prática missionária e científica da Companhia de Jesus (América platina, séculos XVII e XVIII)**. São Leopoldo, RS: Editora Oikos, 2014. v. 300. 560p.

FLECK, E. Da mística às luzes: a medicina experimental nas reduções jesuítico-guaranis (séculos XVII e XVIII). **Revista Complutense de História de América**, v. 32, p. 153-178, 2006.

FLECK, E.; POLETTO, R. Esto es lo que yo buscaba (...) el conocimiento de las yerbas y su aplicación. Sistematização e difusão dos conhecimentos sobre virtudes de plantas medicinais (América meridional, séculos XVII e XVIII). **Anos 90** (UFRGS, Impresso), v. 19, p. 411-436, 2012.

FLECK, E.; POLETTO, R. Transcrição do Inventário formado por Lorenzo Infante Boticário en la Ciudad de Córdoba de los bienes medicinales, Julio de 1772. **IHS - Antiguos jesuítas en Iberoamérica**, v. 1, p. 162-247, 2013.

FLECK, E.; POLETTO, R. 'En este libro no hallo cosa que se oponga a los dogmas de nuestra Santa Fe ni a las buenas costumbres': um estudo sobre dedicatórias, prólogos e censuras em tratados de cirurgia e de medicina do Setecentos. **Varia História** (UFMG. Impresso), v. 29, p. 125-142, 2013.

FLECK, E.; OBERMEIER, F. O Libro de medicina, cirugía, e botica: um manuscrito anônimo de Matéria médica rioplatense da primeira metade do século XVIII. **Revista Antíteses**, v. 11, p. 132-156, 2018.

FLECK, E. Caridad y Ciencia adecuada en tierras tan pobres de medicos y boticas: Medicina e Missão na América meridional (séculos XVII e XVIII). **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, julho, 2011.

FRANZEN, B.; FLECK, E.; MARTINS, M. **Carta Ânua da Província Jesuítica do Paraguai 1659-1662**. São Leopoldo: Oikos, Editora Unisinos, 2008.

FREITAS-REIS, I. Um mapa da medicina antiga: Entre a cura através dos contrários e a cura através dos semelhantes. **Revista de historia de la medicina y epistemologia medica**, v. I, p. 01-14, 2009.

FURLONG, G. **Los jesuitas y la cultura rioplatense**. Buenos Aires, 1994. p. 82.

GESTEIRA, H. M.; TEIXEIRA, Alessandra dos Santos. As fazendas jesuíticas em Campos dos Goitacazes: práticas médicas e circulação de idéias no império português (secs. XVI-XVIII). **Clio. Série História do Nordeste (UFPE)**, v. n.27-2, p. 117-144, 2009.

GRAMATKE, C. **La portátil Europa. Der Beitrag der Jesuiten zum materiellen Kulturtransfer**. In: EMMERLING, E.; GRAMATKE, C: Die polychromen Holzskulpturen der jesuitischen Reduktionen in Paracuaría (1609–1767), 2019, p. 191-397.

HADDAD, T. Filósofos naturais do demônio: astronomia, alteridade e missionação no sul da Índia, século XVII. **Revista de História da Unisinos**, v. 18, p. 3-14, 2014.

LE GOFF, Jacques. (org.). **As doenças têm história**. Lisboa: Terramar, 1997.

LEVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2008.

LONDOÑO, F. Escrevendo Cartas: Jesuítas, Escrita e Missão no Século XVI. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n.43, 2002. p. 13

HARTOG, F. **Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia Antiga**. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

KORNDÖRFER, A. **“An international problem of serious proportions”**: A cooperação entre a Fundação Rockefeller e o governo do estado do Rio Grande do Sul no combate à ancilostomíase e seus desdobramentos (1919-1929). Tese (Doutorado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, RS, 2013. p. 26.

MATIENZO, J; TOMICHÁ, R. COMBÉS, I; PAGE, C. **Chiquitos en las Anuas de la Compañía de Jesús (1691-1767)**. Cochabamba: Instituto de Misionología/Ed. Itinerarios (Scripta Autochtona, 6), 2011, 458 pp.

MARTÍN, C. **La farmacia en la América Colonial: el arte de preparar medicamentos**. Granada: 1995.

MARTÍNEZ-SERNA, **Procurators and the Making of the Jesuits Atlantic Network**. In: BAILY, B.; DENAULT, P. Soundings in Atlantic history: latent structures and intellectual currents, 1500-1830. Harvard University Press, 2009. p. 183.

MEDRANO, M; ROSSO, C. Otra civilización de la miel: utilización de miel en grupos indígenas guaycurúes a partir de la evidencia de fuentes jesuitas (Siglo XVIII). **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 147-171, jul/dez. 2010.

MILLONES FIGUEROA, Luis; LEDEZMA, Domingo (Ed.). **El saber de los jesuitas, historias naturales y el Nuevo Mundo**. Madrid: Iberoamericana, 2005.

MOYA, B. Ideas, lecturas y circulación de saberes. Bibliotecas del Tucumán del siglo XVIII. **Miradas desde la historia social y la historia intelectual**, 2012. p. 777-803.

MUKHERJEE, S. **O Imperador de Todos os Males: uma biografia do câncer**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

OBERMEIER, F. **Bibliografía rioplatense colonial 1554-1580**. 2019.

OLIVEIRA, T. M.. Encontro e alteridade nas margens do império espanhol. Os indígenas da pampa-patagônia nas escritas de José Cardiel S.J e Thomas Falkner S.J (XVIII). **SEMINA (UPF)**, v. 19, p. 111-130, 2020.

O'MALLEY, John W (ed.). **The Jesuits: Cultures, Sciences, and the Arts, 1540-1773**. Toronto: University of Toronto Press, 1999.

PAGE, C. **La librería jesuítica: Historia del Expolio de un Emblemático Patrimonio Cultural de Córdoba**. In: Los libros de los jesuitas. 2005, p.1-31.

PEREIRA, G., NOELI, F., CAMPOS, J., SANTOS, M., ZOCHE, J. Ecologia Histórica Guarani: As plantas utilizadas no bioma Mata Atlântica do litoral sul de Santa Catarina, Brasil (Parte 1). *Cadernos do Lepaarq*. Vol. XIII, nº 26, 2016.

PEREIRA, Bento, *Prosodia in vocabularium bilingue, latinum, et lusitanum digesta*, Évora, 1697.

PRATT, M. L. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.

POLÓNIA, A.; BRACHT, F.; CONCEIÇÃO, G. **Connecting Worlds: Production and Circulation of Knowledge in the First Global Age**. Londres: Cambridge Scholars Publishing, 2018.

POLÓNIA, A.; BRACHT, F.; CONCEIÇÃO, G.; PALMA, M. **Cross-cultural Exchange and the Circulation of Knowledge in the First Global Age**. Porto: Editora Afrontamento, 2018.

POLÓNIA, A.; ANTUNES, C. **Beyond Empires Global, Self-Organizing, Cross-Imperial Networks, 1500–1800**. Leiden; Boston: Brill, 2016.

Portal da Real Academia Española. **Diccionario de la lengua española**. Disponível em: <<http://dle.rae.es>>.

PORTER, R. **História do corpo**. In: BURKE, P. (Org.). *A Escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 291-326.

RABIN, Sheila J. Early Modern Jesuit Science. **A Historiographical Essay**. *Journal of Jesuit Studies*, Volume 1, N. 1, 2014, p. 88 – 104.

RAJ, K. Além do Pós-colonialismo... e Pós-positivismo Circulação e a História Global da Ciência. **Revista Maracanan**, n.13, p. 164-175, Dez. [2013] 2015.

RAJ, K. Conexões, cruzamentos, circulações: a passagem da cartografia britânica pela Índia, séculos XVII-XIX. **Cultura Revista de História e Teoria das Ideias**, v. 24, 2007.

RATTO, S. El debate sobre la frontera a partir de Turner. La New Western History, los Borderlands y el estudio de las fronteras en Latinoamérica. **Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani**. 2001.

RAZAL, R.; JARA, A.; SAMAR, G, et al. Geographical variations and correlation among some chemical and thermal properties of Almaciga (*Agathis philippinensis* Warb.) resins from selected commercial sites in the Philippines. **CellPress**, 2021.

REZENDE, J. À sombra do plátano: crônicas de história da medicina [online]. São Paulo: Editora Unifesp, 2009. **Ambroise Paré, o cirurgião que não sabia latim**. p. 245-249.

RIQUELME, J.; CORRADI, R. La “bitácora” de un procurador jesuita. La construcción documental de un viaje atlántico (Santiago-Madrid, 1694-1709). **Intus-Legere Historia**. 2020, Vol. 14, nº 2, pp. 194- 232.

ROMANO, A. Iberian missionaries in God’s vineyard: Enlarging Humankind and Encompassing the Globe in the Renaissance”, **History of Human Sciences**, special issue, 2019, 1, p. 1-20.

ROMANO, A. Des sciences et des savoirs en mouvement : réflexions historiographiques et enjeux méthodologiques. **Diásporas: Circulations, migrations, histoire**. p. 66-79.

ROUESSE, J. **Une histoire du cancer du sein en Occident: Enseignements et réflexions**. Springer-Verlag France, 2011.

SILVA, L. As bibliotecas dos jesuítas: uma visão a partir da obra de Serafim Leite. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 13, n. 2, p. 219-237, 2008.

SANTAMARIA, D. **Archivo de plantas medicinales de zonas aborígenes y campesinas de sudamerica** – Programa Pueblos Aborígenes De Las Tierras Bajas de America Del Sul. Argentina: 2003.

SECORD, James A. **Knowledge in Transit**, Isis 95 (2004): 654–672.

SKUSE, A. **Constructions of Cancer in Early Modern England: Ravenous Natures**. London: Palgrave Macmillan, 2015.

STORNI, H. **Catálogo de los jesuitas de la Provincia del Paraguay (Cuenca del Plata) 1585 – 1768**. Roma, Institutum Historicum S. I, 1980.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. Connected Histories: Notes Towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia. **Modern Asian Studies**, 1997, 31-3, pp. 735-762

TEMPASS, M. O belo discreto: a estética alimentar Mbyá-Guarani. **Espaço Ameríndio (UFRGS)** , v. 1, p. 170-194, 2007.

VIOTTI, A. C. C. Um estudo sobre as boticas e os remédios dos jesuítas no Império Português (séculos XVII - XVIII). **Revista História Unisinos**, v. 23, p. 464-474, 2019.

VIOTTI, A. C. C. (2020). As virtudes medicinais do tabaco, a ‘erva santa’, descritas por um missionário europeu no Oriente (c. século XVI). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, 15(1), 2020.

VIOTTI, A. C. C.. **As práticas e os saberes médicos no Brasil colonial (1677-1808)**. 1. ed. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2017.

ZUPANOV, I. **Passage to India: Jesuit Spiritual Economy between Martyrdom and Profit in the Seventeenth Century**. Koninklijke Brill NV, Leiden, 2012.

ZUPANOV, I. “One civility, but multiple religions”: Jesuit Mission among St. Thomas Christians in India (16th-17th CENTURIES). **Koninklijke Brill NV**, Leiden, 2005.